

ENTRE MARGENS
DEFINIÇÃO DO LUGAR



Universidade Autónoma de Lisboa | Departamento de Arquitectura

ENTRE MARGENS | DEFINIÇÃO DO LUGAR

Ana Filipa Pinto Dias

Orientadores Arqt.^a Inês Lobo | Arqt.^o João Vaz | Arqt.^o Joaquim Moreno

Dezembro 2014

Texto segundo o acordo ortográfico de 1990

Aos meus pais . irmão . avós.
Aos meus queridos amigos de sempre.

Muito Obrigada

ENTRE MARGENS . DEFINIÇÃO DO LUGAR

PT. O projecto pretende a redescoberta do território nacional através do Rio Tejo. Importante meio de comunicação, de desenvolvimento económico e caracterizador de Constância.

O concelho encontra-se afastado pelo Rio, elemento gerador do lugar e da paisagem, dando origem a dois territórios que evoluíram em paralelo formando duas paisagens distintas.

Devido à sua posição geográfica, a margem Norte foi um importante ponto estratégico de controlo do território. Até 1950 a vila cresceu em torno do rio e das actividades por ele proporcionadas. Enquanto a margem Sul crescia focando-se nas actividades agrícolas, evidenciando a dicotomia entre elas.

Quando surgiram as barragens e os caminhos-de-ferro, a navegabilidade do rio ficou condicionada levando à extinção das actividades ribeirinhas. Mais tarde, com a implantação da fábrica de papel na margem Sul, esta passou a ser a margem produtiva.

Actualmente não existe uma ligação directa entre o concelho evidenciando a separação que sempre existiu. O acto de construir uma ponte não tem apenas o objectivo de ligar dois pontos fisicamente, mas também ser entendida como uma extensão do Centro de Investigação, bem como do espaço público.

O objectivo é relacionar este território como uma só paisagem, através do espaço público fazer a articulação entre as três margens. Uma de carácter industrial, outra de carácter histórico e uma com carácter de vigilância e contemplação sobre o lugar.

BETWEEN BANKS . DEFINITION OF PLACE

EN. The project aims the rediscover of the national territory through the Tagus River. Important means of communication, economic development and characterization of Constância.

The county is apart by the river, generating element of the place and landscape, conceiving two areas that have evolved in parallel forming two distinct landscapes.

Due to its geographical position, the north bank was an important strategic point of control of the territory . Where until 1950 the village grew around the river and the work it provided . While the South margin grew focusing on agricultural activities , highlighting the dichotomy between them.

When the dams and railways where constructed , the navigability of the river was conditioned leading to the extinction of coastal activities . Later , with the implementation of the paper mill on the South Bank , this became the margin of production.

Currently there is no direct link between the county showing the separation that always existed. The act of building a bridge not only has the purpose of connecting two points physically , but also to be understood as an extension of the Research Centre as well as the public space.

The aim is to relate this territory as a single landscape , through the public space make the articulation between the three banks. One with industrial character, other with historical character and with surveillance and contemplation character over the place.

"... the bridge symbolizes the spreading of our will through space. Only to us the banks of the river are not merely apart but separated..."

The Bridge and The Door . Georg Simmel

ÍNDICE GERAL

004	ABSTRACT
008	ÍNDICE DE IMAGENS
009	ÍNDICE DE ESQUEMAS . PLANTAS
011	FOTOGRAFIA COMO CONSTRUÇÃO DO LUGAR
016	TEMA
020	IDENTIDADE
024	ESPAÇO
028	HORIZONTE PORTUGAL
031	VALE DO TEJO
037	ARTICULAÇÃO DA PAISAGEM
038	TRANSFORMAÇÕES PRODUTIVAS
040	LUGAR
043	VIGILÂNCIA
044	CORTE HISTÓRICO
052	PARQUE CULTURAL
063	CONTEMPLAÇÃO
064	CORTE ARQUEOLÓGICO
066	PARQUE FLUVIAL
077	ATRAVSSAMENTO
078	CORTE PROGRAMÁTICO
086	PONTE
095	PORTA
104	ESPAÇO PÚBLICO
110	ESPAÇO EXPOSITIVO
124	ESPAÇO DE TRABALHO
130	MATERIALIDADE
137	BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE DE IMAGENS

FOTOGRAFIA COMO CONSTRUÇÃO DO LUGAR

- 013 **fig.01.** View from Hotel Window . Montana . Robert Frank . 1954-56
www.3.bp.blogspot.com
- 015 **fig.02.** Bologna . Luigi Ghirri . 1984
www.only-photography.com/pages/artists/e_Luigi_Ghirri_1.html
- 017 **fig.03.** Pitheads . Bernd & Hilla Becher . 1974
www.tate.org.uk/art/artworks/becher-pitheads-t01922
- 019 **fig.04.** Water Towers . Bernd & Hilla Becher . 1967-80
<http://fotografmetre.org/bernd-becher-1931-hilla-becher-1934>.
- 021 **fig.05.** South of Klamath Falls. Oregon . Stephen Shore . July 21 1973
<http://ecx.images-amazon.com/images/I/A1nyCg6MIPL.jpg>
- 023 **fig.06.** Bellevue. Alberta . Stephen Shore . August 21 . 1974
Stephen Shore : uncommon places : the complete works
- 025 **fig.07.** Ile Rousse . Luigi Ghirri . 1976
<http://33.media.tumblr.com>
- 027 **fig.08.** Lido di Spina. Luigi Ghirri . 1978
<http://33.media.tumblr.com>
- 029 **fig.09.** Herdade do Roncão . Reguengos de Monsaraz . Duarte Belo. 2010
fig.10. Vulcão dos Capelinhos . Ilha do Faial . Duarte Belo
fig.11. Serra Da Arada . São Pedro do Sul . Viseu . Duarte Belo 2004
fig.12. Rocha da Galé . Rio Guadiana . Mértola . Duarte Belo
fig.13. Torre de Moncorvo . Bragança . Duarte Belo . 2011
fig.14. Espigueiros de Paderna . Vila Nova de Paiva . Duarte Belo 2005
fig.15. Litoral da Serra de Sintra . Duarte Belo . 2001
fig.16. Rio Douro . Mogadouro . Bragança . Duarte Belo . 1987
fig.17. Aldeia Palafítica da Carrasqueira . Alcácer do Sal . Duarte Belo
www.horizonteportugal.org

VALE DO TEJO

- 035 **fig.18.** Cova do Vapor . Almada . Duarte Belo. 1995
fig.19. Cacilhas . Almada . Duarte Belo . 1995
fig.20. Ponta da Erva . Vila Franca de Xira . Duarte Belo 1995
www.duartebelo.com
fig.21. Póvoa de Santa Iria . Vila Franca de Xira . Duarte Belo . 1995
fig.22. Tejo . Valada . Duarte Belo . 1995
fig.23. Tejo . Santarém . Duarte Belo 1995 .
fig.24. Ponte Dr. João Joaquim Isidoro dos Reis. Golegã. Duarte Belo . 1995
fig.25. Barragem de Belver . Gavião . Duarte Belo . 1995
fig.26. Rio Tejo Rosmanihal . Idanha-a-Nova . Duarte Belo . 1995
www.duartebelo.com

ARTICULAÇÃO DA PAISAGEM

- 037 **fig.27.** Constância . Ana Dias . 12 Setembro . 2014

VIGILÂNCIA

- 043 **fig.28.** Constância . Ana Dias . 12 Setembro . 2014
- 053 **fig.29.** Constância da Margem do Zêzere . Ana Dias . 7 Dezembro 2013
fig.30. Confluência dos Rios . Ana Dias . 12 Setembro 2014
fig.31. Cemitério visto a partir de Constância . Ana Dias . 12 Setembro 2014
fig.32. Vista do Zêzere . Ana Dias . 12 Setembro 2014
fig.33. Relação fábrica Margem Zêzere . Ana Dias . 12 Setembro 2014
fig.34. Vista do Zêzere . Ana Dias . 12 Setembro 2014
fig.35. Relação visual Cemitério . Constância . Ana Dias . 12 Setembro 2014

CONTEMPLAÇÃO

- 063 **fig.36.** Constância . Ana Dias . 15 Novembro . 2013
- 067 **fig.37.** Relação espaço entre . Constância . Ana Dias . 7 Dezembro 2013
fig.38. Relação espaço entre . Constância . Ana Dias . 7 Dezembro 2013
fig.39. Relação espaço entre . Rio . Cemitério . Ana Dias . 7 Dezembro 2013
fig.40. Relação entre as três margens . Ana Dias . 7 Dezembro 2013
fig.41. Relação entre as três margens . Ana Dias . 7 Dezembro 2013

- fig.42.** Relação Constância . Espaço Entre . 7 Dezembro 2013
fig.43. Espaço Entre . Areal . Ana Dias . 7 Dezembro 2013
fig.44. Espaço Entre . Areal . Ana Dias . 7 Dezembro 2013
fig.45. Espaço Entre . Areal . Ana Dias . 7 Dezembro 2013

ATRAVESSAMENTO

- 077 **fig.46.** Constância . Ana Dias . 15 Novembro . 2013
- 087 **fig.47.** Entre Margens . Antigo Porto . Ana Dias . 12 Setembro 2014
fig.48. Entre Margens . Ana Dias . 12 Setembro 2014
fig.49. Entre Margens . Ponto de Remate . 7 Dezembro 2013
fig.50. Rio Tejo . Ana Dias . 7 Dezembro 2013
fig.51. Relação Rio . Vegetação Ribeirinha . 12 Setembro 2014
fig.52. Remate Antigo Porto . Linha de Costa . 7 Dezembro 2013
fig.53. Rio Tejo . Ana Dias . 7 Dezembro 2013
fig.54. Entre Margens . Ana Dias . 7 Dezembro 2013
fig.55. Relação Margem . Fachada . Ana Dias . 7 Dezembro 2013

PORTA

- 095 **fig.56.** Constância . Ana Dias . 12 Setembro . 2014
- 101 **fig.57.** Ponto de Transição Rio . Escadaria . 12 Setembro 2014
fig.58. Fachada Frente Ribeirinha . Ana Dias . 12 Setembro 2014
fig.59. Fachada Frente Ribeirinha . Ana Dias . 12 Setembro 2014
fig.60. Escadaria Limite Quarteirão . Ana Dias . 12 Setembro 2014
fig.61. Fachada Frente Ribeirinha . Ana Dias . 12 Setembro 2014
fig.62. Relação Quarteirão . Rio . Ana Dias . 12 Setembro 2014
fig.63. Relação Quarteirão . Rio . Margem . 12 Setembro 2014
fig.64. Rua Limite Norte . Ana Dias . 12 Setembro 2014
fig.65. Rua Limite Norte . Ana Dias . 12 Setembro 2014
fig.66. Rua Limite Norte . Ana Dias . 12 Setembro 2014
fig.67. Praça Alexandre Herculano. Quarteirão .12 Setembro 2014
fig.68. Quarteirão . Ana Dias . 12 Setembro 2014
fig.69. Rua Interior . Ana Dias . 12 Setembro 2014
fig.70. Rua Interior . Ana Dias . 12 Setembro 2014
fig.71. Rua Interior . Ana Dias . 12 Setembro 2014

- 135 **fig.72.** Salisburgo . Luigi Ghirri . 1975-78
<http://www.matthewmarks.com/new-york/artists/luigi-ghirri/selected-works>

ÍNDICE DE ESQUEMAS . PLANTAS

033	VALE DO TEJO Esquema Vale do Tejo . ESCALA . 1 : 500 000	083	Planta de Acessibilidade . ESCALA . 1 : 4 000	125	Espaço de Trabalho . Cota 27 . ESCALA . 1 : 200
039	ARTICULAÇÃO DA PAISAGEM Esquema Transformações Produtivas de Constância ESCALA 1 : 16 000	085	Planta Linha de Costa . ESCALA . 1 : 4 000	127	Corte Relação Espaço de Trabalho . Espaço Expositivo ESCALA . 1 : 200
041	Planta Síntese Intervenção . ESCALA . 1 : 4 000	089	Planta Atravessamento . ESCALA . 1 : 4 000	128	Espaço de Trabalho . Espaço Público . Espaço Expositivo ESCALA . 1 : 200
045	VIGILÂNCIA Esquema Evolução Militar . ESCALA 1 : 16 000	091	Planta Atravessamento . ESCALA . 1 : 2 000	131	Alçado Fachada Praça da Vila . ESCALA . 1 : 200
047	Esquema Evolução das Acessibilidades . ESCALA 1 : 16 000	092	Corte Atravessamento . ESCALA . 1 : 1 000	133	Sistema Construtivo . ESCALA . 1 : 120
049	Esquema Ruas Históricas . Arquitectura Religiosa ESCALA 1 : 16 000	097	PORTA Implantação da Proposta . Centro de Investigação ESCALA . 1 : 4 000		
051	Esquema Equipamentos . ESCALA 1 : 16 000	099	Esquema de levantamento de Edifícios devolutos ESCALA . 1 : 4 000		
055	Esquema Evolutivo da Fortificação do Zêzere . ESCALA 1 : 16 000	100	Esquema sobreposição Quarteirão Actual . Proposta SEM ESCALA		
057	Planta Proposta Parque Cultural . ESCALA . 1 : 4 000	104	Esquema Proposta . Ligações . Proposta SEM ESCALA		
059	Planta Proposta Parque Cultural . ESCALA . 1 : 2 000	105	Implantação Centro de Investigação . Espaço Público ESCALA . 1 : 500		
060	Corte Parque Cultural . ESCALA . 1 : 1 000	106	Corte Rua Interior . Espaço Público . ESCALA . 1 : 200		
065	CONTEMPLAÇÃO Planta Corte Arqueológico . ESCALA . 1 : 4 000	108	Corte Rua Interior . Espaço Público . Miradouro . ESCALA . 1 : 200		
069	Esquema Evolutivo da Área de Aluvião . ESCALA 1 : 16 000	111	Espaço Público . Cota 23 . ESCALA . 1 : 200		
071	Planta Proposta Parque Fluvial . ESCALA . 1 : 4 000	112	Alçado Frente Ribeirinha . Espaço Público . ESCALA . 1 : 200		
073	Planta Proposta Parque Fluvial . ESCALA . 1 : 2 000	115	Espaço Expositivo . Galeria . Cota 19.6 . ESCALA . 1 : 200		
074	Corte Parque Fluvial . ESCALA . 1 : 1 000	117	Corte Relação Galeria Espaço Expositivo . ESCALA . 1 : 200		
079	ATRAVESSAMENTO Esquema Concelho de Constância . ESCALA . 1 : 80 000	119	Espaço Expositivo . Nave Central . Cota 16.6 . ESCALA . 1 : 200		
081	Planta de Equipamentos . ESCALA . 1 : 4 000	120	Espaço Expositivo . Nave Central . ESCALA . 1 : 200		
		123	Corte Lanternim . Iluminação Natural . ESCALA . 1 : 200		

FOTOGRAFIA COMO CONSTRUÇÃO DO LUGAR
TEMA . IDENTIDADE . ESPAÇO . HORIZONTE PORTUGAL

FOTOGRAFIA COMO CONSTRUÇÃO DO LUGAR

“On this print is an image, an illusion of a window onto the world “1

Stephen Shore

Paisagem é a unidade geográfica, ecológica e estética resultante da acção do Homem na natureza.

Lugar é de forma geral o espaço natural, o espaço que existe e onde a paisagem se insere, sendo independente da paisagem.

Com o aparecimento da fotografia o mundo tornou-se mais pequeno e identificável. O ser humano teve acesso a um conhecimento alargado sobre outras realidades, que lhe eram desconhecidas até então, apenas representadas através da pintura e da escrita. Desenvolvida no começo da expansão das grandes cidades², a fotografia alterou o mundo para um objecto portátil e ilustrado³, que rapidamente se tornou indispensável para a sua representação e compreensão. Com a imagem passou a ser possível uma leitura directa e ao mesmo tempo subjectiva do espaço, a partir do objecto através do qual se observa constrói-se o espaço e o observador.

Enquanto registo de diferentes testemunhos das transformações urbanas e da acção do Tempo, a fotografia apresenta-se como um importante instrumento de pesquisa. Permite um olhar sobre a cidade e a relação entre o homem e a natureza. Ao expressar os diferentes momentos de acção de uma cultura sobre o espaço significa também uma acumulação de tempos, adquirindo uma dimensão simbólica passível de leituras espaço-temporais. Permite observar a memória e transformação dos lugares, um passado perdido, com um futuro que deve ser defendido ou construído. As imagens conseguem reunir três aspectos importantes que alteram o ser humano: olhar, conhecer e transformar.⁴

A fotografia tornou-se um elemento essencial para a compreensão e análise do espaço, ao ser uma imagem estática, permite verificações contínuas e comparações entre o passado e o presente, deixando de ser apenas utilizada como objecto de apreciação mas também como meio de conhecimento. Através das imagens, o observador recebe impulsos que constroem um imaginário que é estabelecido com um local específico.⁵ A fotografia representa não só a criação de um imaginário mas, também a alteração emocional do observador no modo como sente o espaço, a manipulação dos objectos captados e a sua composição têm uma incidência decisiva na percepção.

Utilizando a fotografia como base para a construção do Lugar, é possível ter uma experiência mais profunda. Pois através de uma imagem captura-se, num determinado momento temporal, toda a informação sobre o espaço contida na dimensão definida da imagem, algo que não é possível captar através do olhar.⁶ A fotografia estabelece uma relação entre o observador e a realidade, definindo um campo reflexivo que assimila diferentes domínios do conhecimento, permite perceber, registar e guardar o espaço de forma distinta. Faz subsistir diante dos olhos uma imagem que facilmente se fixa na memória, criando um imaginário, um domínio mental de representações.

A moldura que limita a imagem, só por si, transforma a percepção da fotografia enquanto objecto, pois ao limitar a fotografia fisicamente implica a continuação do espaço para além dos seus limites.⁷ Não só fisicamente, mas temporalmente, apesar do seu carácter estático, fixa um momento no Tempo que já decorreu. O conceito de observar um lugar que já foi transformado pela acção do tempo altera a percepção de uma imagem, definindo mentalmente uma relação com o lugar representado. Um sentimento que relembra o acto de viver no mundo, um sentimento de pertença, um espaço mental do próprio tempo do observador.

View from Hotel Window . Montana . Robert Frank . 1954 - 1956 . fig.01



Bologna . Luigi Ghirri . 1984 . fig.02

- 1 . SHORE, Stephen. The Nature of Photographs. Baltimore ; London : The Johns Hopkins University Press ; Harrisonburg, Virginia : Center for American Places, cop. 1998. ISBN 0-8018-5720-1. p.3
- 2 . RUBIÓ, Ignasi de Solà-Morales. Terrain Vague . Anyplace, Cambridge, MA: MIT Press, 1995, p 118
- 3 . "O mundo tornou-se de certa forma "familiar" após o advento da fotografia; o homem passou a ter um conhecimento mais preciso e amplo [...] o mundo tornou-se, assim, portátil e ilustrado."
KOSOY, 1989. Citado por Matsuka, Hideki. A Cidade Fotográfica: Estudo da percepção expressão do espaço urbano através do olhar fotográfico. São Paulo: Universidade São Judas Tadeu, 2008. 113f. Dissertação apresentada ao programa de pós-graduação em Arquitectura e Urbanismo para a obtenção do Grau de Mestre. p.25
- 4 . "Em qualquer dos casos estas imagens fazem-nos lidar com o que é a memória poética e com a consciência cívica dos lugares, com o subjectivo e o objectivo, com um passado perdido ou em perigo (talvez nunca possuído por muitos de nós, observadores urbanos), com um futuro necessário que devemos defender ou construir. [...] Reúnem tudo aquilo que nos transforma em seres humanos: olhamos, conhecemos, transformamos."
CERA, Nuno. Territórios de transição: Espaço, Lugar e paisagem. [ed. It.] Luís Serpa; texto João Pinharanda. Mourão: Museu da Luz, o Museu Temporário, 2010. p.6
- 5 . "When we look at photographs, we do not see cities [...] Yet by way of the photographic image we receive signals, physical impulses that steer in a particular direction the construction of an imaginary that we establish as that of a specific place or city."
RUBIÓ, Ignasi de Solà-Morales. Terrain Vague . Anyplace, Cambridge, MA: MIT Press, 1995. p 119
- 6 . "A única maneira que o fotógrafo tem de perceber um lugar, e dele ter experiência, é olhá-lo e voltar a olhá-lo, percorre-lo e a ele regressar para comparar entre si os objectos nele presentes e estudar as suas relações. Nesta laboriosa actividade, a fotografia torna-se uma maneira de olhar mais e de evidenciar relações: a fotografia, estamos disso certos, vê mais do que nós e, portanto, através da fotografia talvez seja mesmo possível uma mais profunda experiência física, perceptiva, intelectual - logo histórica também - dos lugares, do que através da vida."
PORTUGAL. Centro Cultural de Belém; co-autor VALTORTA, Roberta. Gabriele Basilico : a experiência dos lugares : fotografias 1978-1993. Tavagnacco : Art &, 1997. ISBN 88-86550-04-9. p.4
- 7 . "... As the street in this photograph by William Eggleston leads to a pine wood beyond the subdivision's boundaries and incorporates this borrowed scenery into its environment, so the photograph's structure incorporates this residential setting and implies a world continuing beyond its edges."
SHORE, Stephen. The Nature of Photographs. Baltimore ; London : The Johns Hopkins University Press ; Harrisonburg, Virginia : Center for American Places, cop. 1998. ISBN 0-8018-5720-1. p.32
- 8 . "O que é um fotógrafo senão um olhar diferenciado sobre as coisas, um modo especial de pretender salvá-las da morte transformando-as em imagens e inscrevendo-as no interior de um tempo surpreendido onde elas viverão enquanto durarem as superfícies dos materiais em que são fixadas. E o que faz um fotógrafo por nós senão ensinar-nos a olhar para as coisas..."
FARIAS, Agnaldo. Catálogo da exposição Cristiano Mascara: Todos os Olhares. Instituto Tomie Ohtake, Fevereiro, 2008.

A fotografia tornou-se um instrumento de ver. Forçando um novo olhar sobre o espaço, sobre o que representa, o modo de observar altera-se quando este é feito a partir de uma imagem, tornando-se um facto inevitável da percepção. O fotógrafo, elemento fundamental, proporciona um olhar diferenciado sobre as coisas, um modo de preservação, ao transformar o espaço numa captura, de um determinado tempo, que dura tanto quanto o seu suporte físico, ensina a olhar para o mundo. A direccionar a percepção do observador,⁹ que atribui um significado ao que vê, define uma leitura estética de um espaço num instante preciso.

Todas as imagens envolvem um método de olhar da pessoa que as cria, no entanto o modo como a fotografia é vista depende do entendimento e da percepção do observador. Ganham importância ao durarem mais tempo que o tema retratado, são testemunhos de como, no passado, os espaços foram. A fotografia é um último olhar no mundo, um método de questionar os temas. A fotografia retracta a visão particular do artista, bem como documenta o passado, através da imagem o observador tem percepção da experiência que o fotógrafo tem do mundo. Uma nova percepção do espaço concebida através da fotografia.



TEMA

"We want to offer the audience a point of view, or rather a grammar, to understand and compare the different structures. Through photography, we try to arrange these shapes and render them comparable. To do so, the objects must be isolated from their context and freed from all association."

Bernd e Hilla Becher

Com o rápido avanço da civilização industrial e a sua consequente alteração dos locais em que se inseriam, tornou-se urgente registar o seu testemunho. Bernd e Hilla Becher desenvolveram um trabalho profundamente social, de espaços industriais abandonados, marcados pela transformação humana. Um retrato do vazio, do desaparecimento da era industrial, o fim da classe operária e a desintegração e descontextualização dos edifícios industriais. Tratam da alma dos lugares, ensinam e recordam, desenvolvem um atlas da memória industrial, um retrato de espaços urbanos abandonados, indicam por imagens o que as zonas industriais são, bem como a experiência que se tem delas.

Após a segunda Guerra Mundial deu-se um interesse crescente pela identidade dos lugares era necessário reinventar a cidade pós-guerra. O casal fotografou e documentou o desaparecimento da arquitectura industrial, principalmente, na Alemanha. Todo o seu trabalho é focado na obsessão de um Tema, da documentação do mundo moderno, industrial, em suspenso, abandonado. Ao longo do seu trabalho é transversal o conceito de olhar para o território como uma ferramenta intelectual, um método de conhecimento. Com a sistematização e repetição de um método de trabalho foi possível a construção de um atlas das diversas formas e tipologias funcionais da arquitectura industrial.

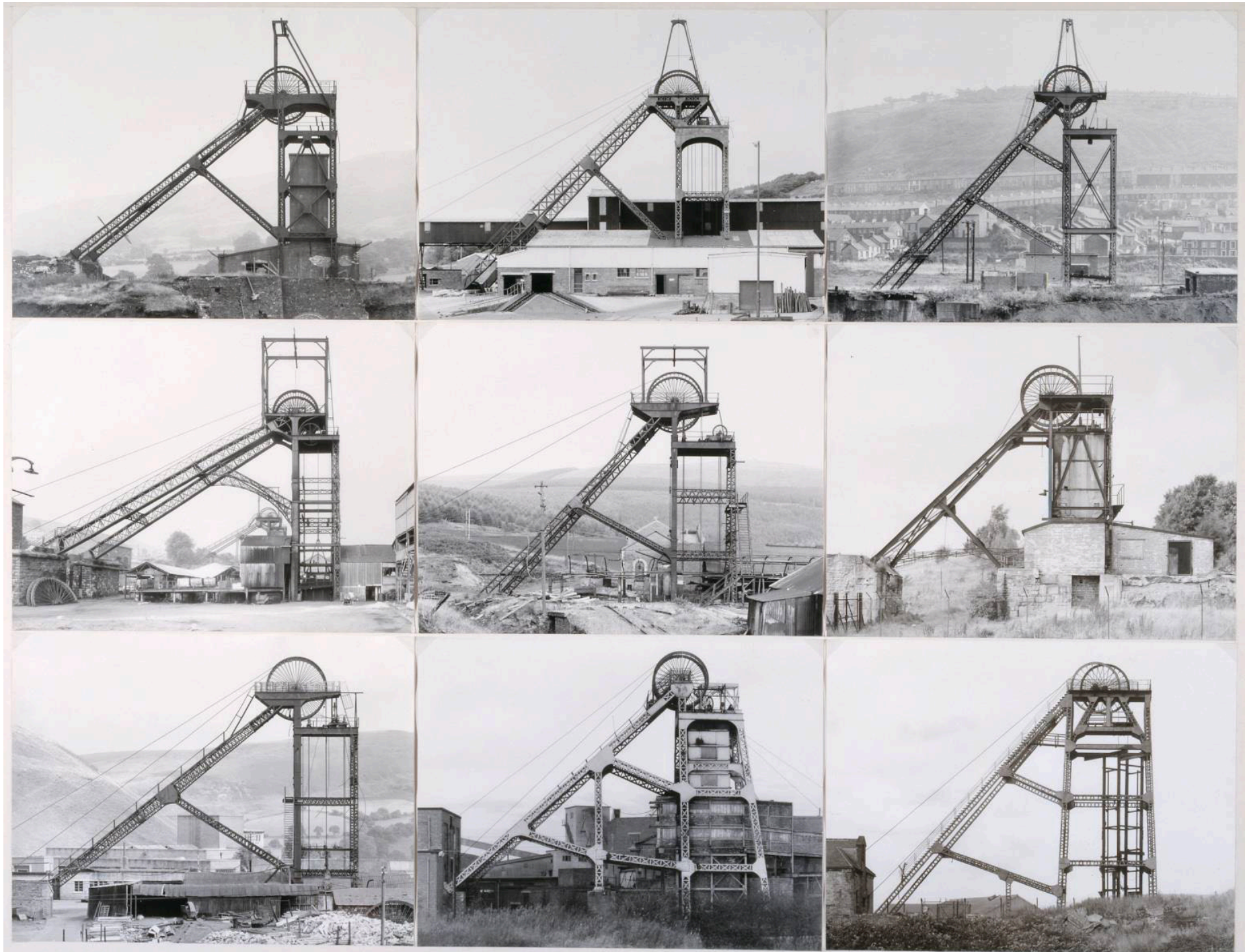
O trabalho dos fotógrafos é caracterizado por um sistema metódico, de repetição e classificação tipológica dos vários objectos industriais. Antes de cada fotografia procediam a uma pesquisa minuciosa sobre o conjunto onde recolhiam informação sobre a origem e a evolução de cada edifício, conferindo unidade ao conjunto industrial. Contribuindo para a compreensão visual do próprio objecto. A consistência e sistematização do método de trabalho permite a justaposição de fotografias, que datam de anos diferentes bem como de regiões diferentes, no entanto através da sua análise e comparação consegue-se caracterizar o lugar e compreender o tema comum a todo o trabalho.

Pitheads . Bernd & Hilla Becher . 1974 . fig.03

As fotografias eram captadas a preto e branco, enfatizando a afinidade dos diferentes objectos quando postos em comparação. As condições de cada fotografia são constantes, evitando sombras e cores que poderiam desviar a atenção do objecto, como o céu, que iria contrastar com o edifício industrial, estas características são uma artificialização da realidade, onde o céu é um plano homogéneo e onde não se faz referência à presença da natureza. Existe uma anulação da envolvente, excepto em alguns casos em que a fotografia se expande para formar vistas panorâmicas, que mostram como uma fábrica se impõe e forma uma cidade.

As imagens são agrupadas e expostas sempre em comparação, e segundo um sistema de categorias de análise. Para evidenciar os pontos singulares de cada objecto, a envolvente é sempre caracterizada por condições similares, uma luz difusa para não criar sombras muito rigorosas que distorçam o seu contorno e para não desviar do tema em análise. Os sucessivos trabalhos conferem um sentido arquivista relacionado com o período temporal e o lugar. O método de trabalho permitiu construir comparações entre tipologias e regiões, criando uma narrativa bastante rica no que respeita à evolução da indústria e da sua relação com o território.⁹

Ao evidenciar a dimensão cultural da arquitectura industrial, o seu trabalho revela a sociedade moderna em suspenso, o abandono da indústria, uma caracterização dos lugares alienados dos sistemas urbanos. Através dos sucessivos trabalhos de sistematização e repetição constrói-se um atlas mental do espaço. O método de justaposição em que as fotografias são apresentadas permite a comparação de tipologias, que evidenciam as diferenças entre elas, que observando isoladamente não seriam possíveis de captar. É possível fazer comparações entre períodos temporais, regiões, sociedades e economia. O observador é envolvido na mentalidade de uma época, concebendo no seu imaginário a imagem do lugar.



“Os vários extractos da Terra constituem um museu desordenado. Incrustado no sedimento existe um texto com limites e fronteiras que escapam à ordem racional e estruturas sociais que a confinam. Para interpretar as rochas precisamos de tomar consciência do tempo geológico...”¹⁰

Robert Smithson

Analisando o conjunto “Water Towers”, 1980-89, é possível compreender todo o método de trabalho dos artistas. O tema está presente de maneira coesa ao longo das quinze imagens. Ao serem apresentadas em grupo torna imediatamente evidente as singularidades de cada uma. Uma torre de água, não é apenas uma tipologia estrutural que surge da necessidade, mas é um objecto arquitectónico e estético, que varia a sua forma e aparência exterior consoante a história e local em que se insere. Ao observar o conjunto a ideia de catálogo envolve todo o trabalho, quase conferindo um distanciamento dos artistas com o objecto.

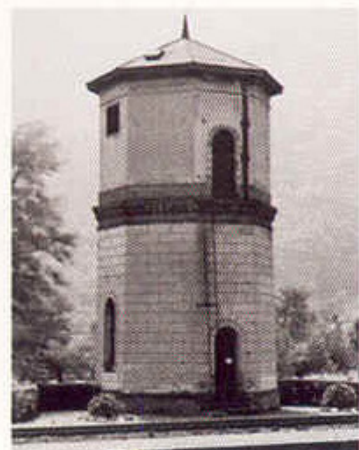
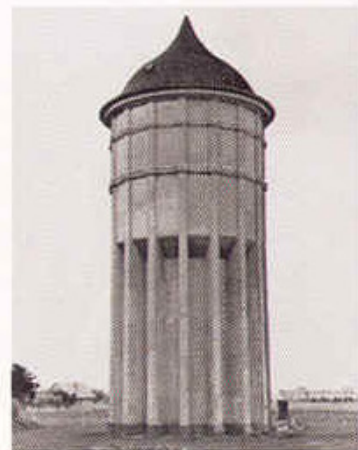
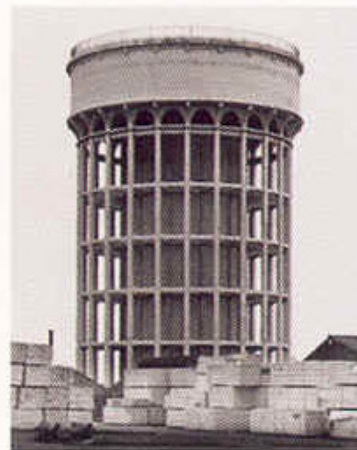
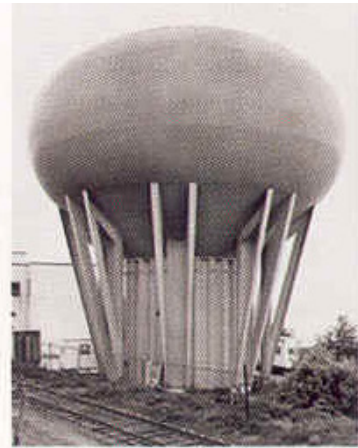
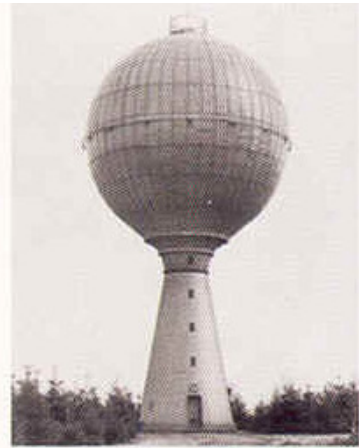
Bernd e Hilla Becher documentavam as consequências do rápido avanço tecnológico, que causava o abandono das “inovações” tecnológicas mais recentes, muitas vezes para serem demolidas. O casal trabalhava activamente para preservar a memória destas estruturas industriais, muitas vezes as fotografias eram planeadas segundo as datas de demolição das estruturas. Traduzindo-se em imagens que capturam um tempo específico destes objectos, retirando qualquer tipo de sentimento nostálgico ao observador, pois este não era capaz de ter conhecimento se as estruturas captadas ainda existiam ou se já teriam sido demolidas. Focando-se apenas na captação de um tempo, caracterização e comparação de um lugar.

Water Towers . Bernd & Hilla Becher .1967-80 . fig.04

9 . BECHER, Bernd [et al.]. Field Trips. Porto: Fundação de Serralves, cop. 2002. ISBN 972-739-099-4. p. 13-14

SMITHSON, Robert. A Sedimentation of the mind: earth projects, op.cit., p. 83

10 . CORREIA, André. Cultura da desintegração: representações do Litoral Norte de Viana do Castelo. Minho: Universidade do Minho - Escola de Arquitectura, 2013. 139f. Tese de Mestrado Arquitectura: Cidade e Território. p. 42



IDENTIDADE

"For me, his [Stephen Shore] photos have something that I see as being an ideal in photography: that one actually enters into the object, that one looks at it in such a way that afterward one has genuine love for it"¹¹

Hilla Becher

"What interests me in Shore's photography is precisely the fact that one can show the American world, everyday urban reality, without having a bad conscience. While here in Germany after the war, there was a reluctance to include certain aspects of the recent past in the picture..."¹²

Bernd Becher

A fotografia leva o observador a estabelecer uma relação com o mundo, através de estruturas industriais ou de objectos comuns que são associados a uma identidade. Quando são retratados lugares comuns estes estimulam de igual modo a mente e a imaginação pois fazem parte de um quotidiano com o qual se estabelece uma relação. Stephen Shore explorava os espaços comuns de forma a revelar os ícones que invadem o mundo contemporâneo. Que interagem com a realidade, alteram o processo de ver, mas ao mesmo tempo que envolvem o observador ao serem capazes de recriar uma memória colectiva de um Lugar.

Todas as fotografias de Stephen Shore são produzidas nos Estados Unidos sendo testemunho de um novo olhar sobre o território. Aos 23 anos realizou a primeira viagem pelo país e através da fotografia representou o que, durante muito tempo, foram os pontos mais importantes da cultura americana. A visão do campo como um jardim intocado pela acção do homem.¹³ A suposta relação inquebrável entre a natureza e as formas urbanas, demonstrada através da arquitectura, dos tipos de publicidade e dos objectos presentes no espaço público. Conferindo um olhar, aparentemente, casual sobre o lugar, direccionado para uma intensificação da própria realidade.

Através do seu olhar crítico o fotógrafo consegue transmitir a simbologia da América, a América enquanto conceito, nas fotografias relacionadas com as intersecções ou cruzamentos, onde, fora das grandes cidades, a vida se intensifica, através das fotografias consegue criar uma primeira imagem ou contacto com o lugar.¹⁴ As imagens são usadas para mostrar os objectos de uma nova forma, de um novo ângulo, como uma reflexão sobre os modos preconcebidos de observar o mundo.¹⁵ Uma janela que permite uma relação com o espaço, a cores, numa altura onde o uso de cores era considerado apropriado para a fotografia de publicidade.

O fotógrafo retrata o dia-a-dia americano, através de imagens de esquinas de rua, cinemas, carros e da alimentação. Esta concepção do estereótipo do que é a identidade americana é o tema central do trabalho, que resulta de uma visão subjectiva, com conteúdos críticos,¹⁶ definidos pelo contraste. Apresenta uma imagem do que representa a identidade do território, uma crítica ao que este poderia ter sido, um grande espaço ilimitado com uma infinidade de possibilidades, um processo de desenvolvimento urbano, não moldado por séculos de tradição.¹⁷ As fotografias de Uncommon Places representam os "lugares comuns", superficialmente concentradas na imagem da América Ideal.

O trabalho de Stephen Shore é um olhar documental sobre a América, um espaço baseado na comunicação através de um sistema de sinais convencionais e de símbolos. Denuncia o desaparecimento da paisagem, eliminada pela propagação de cartazes e billboards que contribuem para formar a visão do mundo. A fotografia tirada em Klamath Falls retrata a natureza tapada pela sua própria representação, a forma como a paisagem se artificializou, não apenas através da comunicação, mas também pela natureza intrusiva do ser humano. O texto ao ter sido retirado, deixando apenas a imagem, demonstra como esta poderia ser incluída noutra paisagem qualquer.

Os lugares comuns retratados demonstram como os elementos têm um significado simbólico e transmitem uma mensagem, tornando-os compreensíveis para o ser humano no seu dia-a-dia. Ao analisar a imagem em Bellevue, Alberta, percebe-se especificamente o programa, possuindo uma cruz que domina a entrada do edifício, reforçando o ícone, símbolo, como parte da imagem do Lugar, onde o edifício já não é suficiente para perceber a função do mesmo. Ao saber interpretar os sinais consegue-se compreender a paisagem e a sociedade, pois comunicam com o exterior sobre eles próprios, tornando-se assim no novo tipo de arquitectura, mais importante que o edifício.



"I didn't understand the prohibition against colour. I was looking at postcards, snapshots, TV, movies, magazines – all of which were in colour. However there was this hold-out in the world of art photography against it. But a significant part of the information you can relay about a society is its palette"

Stephen Shore

Bellevue, Alberta . Stephen Shore . August 21 . 1974 . Fig.06

11 . SHORE, Stephen; BECHER, Bernd; BECHER, Hilla. Ed.lit. LIESBROCK, Heinz. Stephen Shore : photographs, 1973-1993. Munich : Schirmer Art Books, cop. 1995. ISBN 3-88814-647-X. p. 27

12 . Ibidem. p. 29

13 . "Stephen Shore's photographs of the 1970s, all produced in the United States, constantly witness to a primordial, astonished way of looking at the country and the variety of the phenomena it presents. When the twenty-three-year old left Manhattan, where he was born, for his first cross country car trip to Amarillo, Texas, he was implicitly recalling what for a long time had been the most important topos in American culture: the view of the country as a Garden of Eden untouched by the malaise of history. From the very beginning, this point of view lay at the very heart of the process of settling the country, and provided the basis for the national identity of the United States."

Ibidem. p. 9

14 . " Well, he discovered these places. The intersection is what America is. You could almost say that outside Manhattan life intensifies precisely at the intersections [...] Stephen Shore's photos have something of this quality of a first encounter."

Ibidem. p. 30

15 . "Usou a fotografia para mostrar as coisas de uma forma nova, de um ângulo diferente – como um modo de reflectir sobre as maneiras preconcebidas de ver o mundo e tentar fugir delas."

SPUNTA, Marina. Pensar com Imagens [Em linha] 13 de Novembro, 2013. Disponível em <http://www.revistazum.com.br/revista-zum-3/tudo-de-novo-sob-o-sol/>

16 . " The images of street corners, movie theaters, gas stations, cars, baseball players, and pancakes appear to be completely normal. At first glance, one thinks, "that's what it looks like", and it is precisely this formulation of the stereotypes associated with America that is one of the strenghts of Stephen Shore's photos."

SHORE, Stephen; BECHER, Bernd; BECHER, Hilla. Ed.lit. LIESBROCK, Heinz. Stephen Shore : photographs, 1973-1993. Munich : Schirmer Art Books, cop. 1995. ISBN 3-88814-647-X.. p. 24

17 . " Again and again, the stocktaking process that the image presents offers us a glimpse of what the continent might have been: a wide land of unlimited, beautiful landscapes and undreamt-of possibilities, an urban development process not shaped by centuries-old tradition, since even today..."

Ibidem p. 25

A exposição "New Topographics: Photographs of a Man-altered Landscape" retracts a exploração da paisagem americana, um novo olhar sobre a imagem do banal, uma nova perspectiva focada num olhar objectivo e documental sobre o lugar. Assinalando a necessidade de abordar a paisagem americana de uma nova forma, enfatizando a relação entre o ser humano e a natureza através de imagens de fábricas e parques de estacionamento. Permitiu criar uma ligação entre o mundo da arte contemporânea e da fotografia do banal. Uma exposição que reuniu vários fotógrafos, entre eles, Stephen Shore, o único a exhibir as suas fotografias a cores.

Através da análise das imagens é possível fazer a caracterização de uma sociedade e de um lugar, baseada num sistema de sinais. Focando-se nos elementos comuns que constituem o ambiente diário do espaço, retractando a procura de uma definição da identidade do lugar por parte da sociedade que o habita. Onde os edifícios de uma determinada época são alterados pelos ícones da sociedade, sendo os elementos dominantes, tornando-se maiores que os próprios edifícios. O próprio fotógrafo torna-se num filtro cultural, demonstrando a sua visão, onde a fotografia existe a partir do momento em que é percebida e interpretada pelo receptor.



ESPAÇO

"How to think in pictures. This sentence contains the meaning of all my work."¹⁸

Luigi Ghirri

Utilizada como meio de comunicação, a fotografia é uma forma de exploração da realidade e investigação do desconhecido. O trabalho de Luigi Ghirri transmite uma variação entre dois polos da paisagem concebidos como um lugar de expressão subjectiva e uma forma objectiva de documentação. Onde o observador é apresentado com informação precisa de um lugar sugerindo adicionalmente um sentimento enquanto gerador da subjectividade do autor e do próprio lugar. Ghirri surge como um viajante curioso, que procura, selecciona e confronta as imagens que se encontram ao longo do percurso físico e cultural, alterando a visão de Itália criada pelos media.

Os locais registados são locais fora dos centros históricos, originando uma nova forma de representar a paisagem do seu país, através de viagens. Viajar como organizador da memória associando a imagem mental com a fotografia. O tema do trabalho do fotógrafo é, tal como Stephen Shore, os lugares comuns, imagens às quais o observador está acostumado. No entanto ao se encontrarem isolados através da moldura que os limita, ganham um novo significado, uma nova narrativa.¹⁹ Um novo olhar para redefinir a paisagem italiana, concebendo interpretações visuais do Lugar, que guiam a procura do fotógrafo pela sua identidade, definida pelo espaço.²⁰

Luigi Ghirri tem um olhar documental sobre os lugares comuns, lugares para além dos locais históricos, das atracções turísticas.²¹ Focando-se nos objectos comuns como casas desconhecidas, ruas e campos, criando uma nova iconografia da paisagem, onde as habitações aborrecidas são uma forma de vida, um exemplo da cultura do vazio. Muito do seu trabalho denuncia, também, o desaparecimento da paisagem, eliminada pela propagação de não lugares,²² destituídos da presença humana, como se estes não existissem para além do imaginário pessoal. Para o fotógrafo o seu trabalho significa construir e interpretar o mundo como uma única memória, pensar através das imagens.²³

Ile Rousse . Luigi Ghirri . 1976 . fig.07

O trabalho do autor é focado no modo como se observa, uma viagem da mente e do olhar para redefinir a paisagem.²⁴ Participa activamente na recriação da realidade, preocupando-se com a percepção do lugar, onde a percepção das formas e dos sentimentos são indissociáveis. A fotografia constitui uma viagem, de itinerários que não são demarcados ou precisos, mas conforme o modo de compreender, julgar e transformar o espaço através do olhar. Através das suas fotografias tem-se acesso ao interior do seu imaginário, de realidade complexa, rica em elementos diversos, constituído a partir da realidade simples que constitui os lugares comuns.

Pensar através de imagens é um dos temas do seu trabalho, a imagem substitui as palavras e assume uma dupla função crítica. Cada imagem é ao mesmo tempo um acto crítico da linguagem fotográfica e uma crítica da sua própria produção. Evidência deste processo é o modo como Ghirri durante o seu percurso modifica e repensa as suas séries fotográficas. As imagens contêm um método de pensar, um desejo de comentar o mundo que o rodeia através da construção, onde nada é deixado ao acaso. Um olhar sobre o que passa despercebido na paisagem e estimula a imaginação do observador.

O que o fotógrafo regista é a persistência do ser humano em qualificar os espaços atribuir valores aos objectos, transformando-os em signos, que combinados tornam-se mais ricos. O enquadramento fotográfico torna legível a combinação, a fotografia é sempre frontal, tornando o espaço representado praticamente plano.²⁵ A fotografia Ile Rousse, 1976, capta um poste de madeira pintado numa praia, a linha do horizonte, divide a imagem horizontalmente, marcando a separação entre o céu e o mar, a centralidade do poste torna a imagem plana transformando a envolvente em duas imagens distintas, imagens, ou anúncios, que poderiam estar apenas coladas numa parede.



Lido di Spina. Luigi Ghirri . 1978 . fig.08

18 . GHIRRI, Luigi. *Pensare per Immagini* [Em linha]. 24 de Maio, 2013. Disponível em <http://theheritagestudio.com/2013/05/24/luigi-ghirri-thinking-images-capri/>

19 . "These images are charged with new significance as the camera isolates them from a familiar surrounding, creating a new narrative."

GHIRRI, Luigi. *Paesaggi di cartone in Niente di Antico Sotto il sole. Scritti e immagini per un'autobiografia*. ed. Paolo Constantini and Giovanni Chiaramonte. Turin, 1997. p. 17

20 . " Ghirri's records of his neighborhood show a new map of visual puns and uncanny framing that guides the photographer's search for his identity, defined through place."

PELIZZARI, Maria Antonella. *Between two worlds* [Em linha]. Abril 2013. Disponível em <http://blog.lib.umn.edu/fullert/fullerton/Luigi%20Ghirri.pdf>

21 . " O objective era lançar um olhar documental sobre os lugares comuns, à margem, em vez de atracções turísticas..."

SPUNTA, Marina. *Pensar com Imagens* [Em linha] 13 de Novembro, 2013. Disponível em <http://www.revistazum.com.br/revista-zum-3/tudo-de-novo-sob-o-sol/>

22 . "... e denunciar o desaparecimento da paisagem, eliminada pela propagação de não lugares..."

Ibidem

23 . "... pelo vazio dos lugares, em geral destituídos de presença humana [...] como se não existissem mais, a não ser em nossa memória."

Ibidem

24 . " Ghirri's photographs increasingly became invested in the idea of the journey as an adventure of the mind and of the eye to redefine the Italian Landscape."

Ibidem

25 . "O que o fotógrafo regista é a persistência dos homens em qualificar os espaços, atribuir valores às coisas, transforma-las em signos. E esses signos, por baratos e ingénuos que sejam, tomados individualmente, combinam-se em cadeias nem sempre intencionais, mas que os torna ricos e significativos. [...] Em Ghirri, é sempre frontal, a ponto de o espaço representado sugerir a planura de uma página ou de um mapa."

MAMMI, Lorenzo. *A palma da mão* [Em linha]. 11 de Dezembro, 2013. Disponível em <http://revistazum.com.br/radar/a-palma-da-mao/>

26 . "Toda imagem de Ghirri é releitura de outras imagens, não apenas quando fotografa outras fotografias, mapas, propagandas, maquetes, mas também quando retrata paisagens ou edifícios. Atrás de cada enquadramento há inúmeras imagens que, de tão repetidas, se tornaram banais [...] Ghirri subverte esse repertório comum, aparentemente inexpressivo, conferindo-lhe uma intensidade inesperada. Suas imagens, quando vistas pela primeira vez, são reconhecíveis, como se já nos pertencessem."

Ibidem

27 . "Olhar para os hieróglifos de que a realidade se compõe (o termo é do próprio Ghirri), significa olhar para a própria realidade, em suas infinitas articulações."

Ibidem

28 . "The image that man had pursued for centuries was presented for our view it held within it all previous, incomplete images, all books that had been written, all signs, those that had been deciphered and those that had not. It was only the image of the entire world, but the only image that contained all other images of the world [...] It was at once the representation of the world and all representations of the world."

GHIRRI, Luigi. *Luigi Ghirri: Kodachrome* [Em linha]. 1978. Disponível em <http://aperture.org/blog/luigi-ghirri-kodachrome/>

A fotografia de Luigi Ghirri é uma imagem sobre a imagem, a análise de um espaço analisado, releitura de outras imagens ao retratar paisagens e edifícios. Atrás de cada enquadramento há inúmeras imagens que, de tão repetidas, acabam por se tornar banais. Às imagens comuns, o autor confere-lhes uma intensidade inesperada. Onde as suas fotografias se tornam reconhecíveis, como se já fizessem parte do observador, transformando a realidade em imagem.²⁶ O mundo das imagens e dos signos está repleto de significados o que as torna reais, observar os objectos que a compõe significa observar a realidade e as suas relações.²⁷

Ghirri interpretou a primeira imagem do planeta terra como significante da complexidade da consciência. Através de uma imagem contem-se a representação do mundo e ao mesmo tempo a representação de todas as imagens do mundo.²⁸ Em 1978 o fotógrafo reproduz a fotografia a partir de uma sinalização em Lido de Spina, se o mundo é um signo, também o signo é o mundo, pelas suas infinitas relações com o que o rodeia. A imagem do planeta a partir da nave e a que Luigi Ghirri capta são imagens carregadas de significados, onde uma não é mais real que a outra.



HORIZONTE PORTUGAL

O projecto Horizonte Portugal consiste na documentação, através da fotografia, da diversidade de paisagens bem como das formas de ocupação e adaptação do território em Portugal. Tem como objectivo um levantamento caracterizador da identidade de um país, ligado ao registo da acção do ser humano, através da agricultura, da arquitectura e da sua adaptação às condicionantes topográficas impostas pela natureza, com principal incidência sobre os temas da paisagem natural, rural e urbana. Representa uma viagem de reconhecimento do espaço, um modo de criar uma relação com o lugar representado, utilizando a fotografia como ponte entre o observador e o espaço.

A proposta possibilita um novo olhar sobre o território, um meio de conhecimento de um país, com a sua vasta diversidade de paisagens, climas, geografia e natureza. Utilizando a fotografia como base para este conhecimento, é feito o levantamento fotográfico, bem como cartográfico, de oito percursos ao longo do território que demonstram a diversidade do Lugar. Os percursos promovem um diálogo entre as variações de paisagem e arquitectura, promovendo um conhecimento em movimento, proporcionando uma nova leitura do território, uma construção do lugar através da imagem e da percepção. Um registo da transformação da paisagem, de novos códigos de convivência.²⁹

Os percursos têm como principal critério a diversidade, cada um atravessa uma grande variação de paisagens e arquitectura, revelando aspectos estruturais do lugar, onde o seu conjunto cria um imaginário bastante complexo sobre o território. Descrito como um país de uma enorme variedade e diversidade de espaços, múltiplos contrastes entre paisagens muito próximas, cada percurso revela uma nova forma de interpretar o lugar. Utilizando a fotografia como registo das transformações urbanas, permite observar a memória e as camadas históricas dos espaços, construindo um imaginário e alterando o estado emocional do observador no modo como sente o espaço do seu imaginário.

Os percursos são expostos em conjuntos de dois promovendo a comparação entre paisagens, tornando notável a diversidade paisagística do território, criando uma narrativa comparativa bastante rica, não só em termos geográficos mas também sociais e económicos de cada um dos percursos. Este método de exibição permite que o observador se envolva com o imaginário do lugar, proporciona um olhar mais atento ao que torna singular cada uma das imagens. Estabelece uma relação entre o observador e o lugar, conferindo uma identidade às fotografias, sugerindo uma caracterização mental de cada espaço, captando um momento temporal de um lugar em constante mudança.

Herdade do Roncão . Reguengos de Monsaraz . Duarte Belo . 2010 . fig.09

Vulcão dos Capelinhos . Ilha do Faial . Duarte Belo . fig.10

Serra da Arada . São Pedro do Sul . Viseu . Duarte Belo 2004 . fig.11

Rocha da Galé . Rio Guadiana . Mértola . Duarte Belo . fig.12

Torre de Moncorvo . Bragança . Duarte Belo . 2011 . fig.13

Espigueiros de Paderna . Vila Nova de Paiva . Duarte Belo . 2005 . fig.14

Litoral da Serra de Sintra . Duarte Belo . 2001 . fig.15

Rio Douro . Mogadouro . Bragança . Duarte Belo . 1987 . fig.16

Aldeia Palafítica da Carrasqueira . Alcácer do Sal . Duarte Belo . fig.17

²⁹ . "Ghiri nunca deixou de insistir sobre a intenção documental de seu trabalho: o que ele se esforça por registrar são transformações da paisagem, novos códigos de convivência" MAMMI, Lorenzo. A palma da mão [Em linha]. 11 de Dezembro, 2013. Disponível em <http://revistazum.com.br/radar/a-palma-da-mao/>



VALE DO TEJO
PERCEPÇÃO DA PAISAGEM

VALE DO TEJO

“Estes são alguns aspectos de um rio sem fim numa paisagem que se estende por uma vasta bacia hidrográfica, pelos territórios da Beira – Baixa, Alto Alentejo, Ribatejo e Estremadura terras em que, embora muitas vezes distantes, nelas se pressente este rio.”³⁰

Duarte Belo

A expansão da plataforma Horizonte Portugal tem como objectivo redescobrir o território, uma paisagem desactivada e esquecida, que tem como ponto de partida o rio Tejo. Elemento importante não só na formação topográfica do território, como também historicamente, como meio de comunicação, transporte, e desenvolvimento económico. Actualmente desvalorizado, limitado à sua condição de formação do espaço. Fazendo parte de um lugar maior, com toda a multiplicidade de paisagens. Onde se tem acesso aos tempos sucessivos que marcam a passagem do ser humano, do seu domínio e ocupação do território até às estruturas mais complexas das quais se destaca a cidade.

A montante o percurso do rio recorta-se num vale apertado, até ao Castelo de Almourol, sendo o último afloramento rochoso do Tejo. A jusante é bastante aberto, apresentando uma área praticamente plana, constituída por aluviões. Historicamente foi muito importante, pois constituiu uma via de navegação e comunicação, no entanto com o avançar da tecnologia tornou-se pouco rentável, bem como um risco para as vilas que se posicionam junto da zona ribeirinha. As embarcações que percorriam o rio no início do século XVI designavam-se de barcas, subir o rio impunha o uso de embarcações de pequeno calado, devido à pouca profundidade.

Os campos agrícolas ao posicionarem-se junto ao rio permitiam um grande desenvolvimento nesta área, eram férteis e proporcionavam o cultivo de todo o tipo de produtos. No entanto o rio deixou de ser o caminho unificador e uma fonte de riqueza, tornou-se um obstáculo para a travessia e uma ameaça para as povoações que se instalaram nas suas margens, maioritariamente na margem direita pois era onde se encontravam os locais fortes do território, de onde se podiam defender os portos fluviais. Na margem oposta, as povoações, construções mais tardias, estendiam-se pela planície, sem nenhuma muralha que as isolasse da envolvente.

A plataforma e observatório da paisagem oferece um novo olhar sobre o território condicionado pela acção do rio. Redescobrimos a multiplicidade de paisagens que são formadas como resultado da acção do Rio Tejo. Paisagens que seguem uma lógica de polaridade formando consequentemente, entre margens, espaços muito distintos. Contraste, que tanto em termos físicos como culturais domina o carácter desta unidade correspondendo a uma transição entre a lezíria a jusante e o vale mais estreito e encaixado a montante. O contraste entre as margens é notório mesmo no método de implantação das construções, que são afectadas pela natureza geológica do terreno.

O observatório da paisagem foca-se em vários pontos ao longo do Rio Tejo. Tem início em Lisboa, na estação do cais fluvial do Terreiro do Paço, percorre todo o limite do estuário até ao farol do Bugio, atravessa a zona ribeirinha da margem sul, bem como os mouchões do Tejo. Após cobrir o estuário, dirige-se para montante, atravessando Vila Franca de Xira, Santarém, Golegã, Entroncamento e Constância, último ponto navegável do rio sem o recurso a métodos mecânicos, a plataforma não atraca em nenhum ponto ao longo do itinerário, apenas em Constância, condicionando a experiência do espaço à sua observação.

O objectivo é reactivar a navegação do rio, propondo um novo percurso, através da água, que pretende redescobrir a paisagem até Vila Velha de Rodão. Constituído por um percurso fluvial até Constância, actualmente o último ponto navegável do Tejo, e um percurso pedestre sempre junto ao curso do rio até Vila Velha de Rodão, de maneira a redescobrir o território. Ao longo do percurso existem vários pontos de observação, experienciados e contemplados a partir da água até Constância, que marca o ponto de transição entre a experiência dos lugares através da observação e a experiência dos lugares através do caminhar.

Percurso Horizonte Portugal . 01
Pontos de Paragem Horizonte Portugal . 02
Principais Pontos do Percurso . 03
Estação de Comboio . 04
Ponte . 05
Cais Fluvial . 06
Percurso de Comboio . 07
Percurso Estrada Nacional . 08
Percurso Auto Estrada . 09
Esquema Vale do Tejo . ESCALA . 1 : 500 000



O modo de experienciar os espaços ao longo do percurso é através da sua observação, onde se percepção a transformação da paisagem, tanto em termos naturais como artificiais. A plataforma proporciona a criação de relações com a paisagem, através da sua observação a partir da água. Criando um novo código de convivência, onde o observador se localiza na própria paisagem, no entanto não a vive directamente, estabelecendo um imaginário de significados e relações com o que o rodeia. Um imaginário que observa o percurso como formação de um possível conjunto de fotografias, um método de conhecimento através da experiência visual.

Cova do Vapor . Almada . Duarte Belo . 1995 . fig.18

Cacilhas . Almada . Duarte Belo . 1995 . fig.19

Ponta da Erva . Vila Franca de Xira . Duarte Belo 1995 . fig.20

Póvoa de Santa Iria . Vila Franca de Xira . Duarte Belo . 1995 . fig.21

Tejo . Valada . Duarte Belo . 1995 . fig.22

Tejo . Santarém . Duarte Belo 1995 . fig.23

Ponte Dr. João Joaquim Isidoro dos Reis. Golegã. Duarte Belo . 1995 . fig.24

Barragem de Belver . Gavião . Duarte Belo . 1995 . fig.25

Rio Tejo Rosmaninhal . Idanha-a-Nova . Duarte Belo . 1995 . fig.26





ARTICULAÇÃO DA PAISAGEM

VIGILÂNCIA . CONTEMPLAÇÃO . ATRAVESSAMENTO . PORTA

TRANSFORMAÇÕES PRODUTIVAS



31 . "Por Natureza entendemos a infinita conexão das coisas, a ininterrupta procriação e aniquilação de formas, a unidade fluente do acontecer, que se expressa na continuidade da existência temporal e espacial."

SIMMEL, Georg. *A Paisagem entre Natureza, Campo e Cidade*. In SERRÃO, Adriana Verissimo. *Filosofia da paisagem: uma antologia*. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade, 2011. ISBN 978-972-8531-96-6 pp. 471 – 483. p. 42

32 . "Uma porção de natureza" é, propriamente dita, uma contradição interna; a natureza não tem porções, ela é a unidade de um todo, e no instante em que se lhe retira qualquer coisa esta deixa pura e simplesmente de ser natureza, precisamente porque só pode ser "natureza" no seio dessa unidade sem limites [...] para a paisagem é precisamente a delimitação, o ser-apreendida num círculo visual..."

Ibidem, p. 42

33 . "Seria esta a "lei" da formação da paisagem: um processo que na base de elementos previamente separados recompõe momentaneamente o carácter unitário e homogéneo de um todo."

Ibidem, p. 39

A natureza é a infinita ligação das coisas, a ininterrupta procriação e aniquilação das formas, a unidade fluente do acontecer, que se expressa na continuidade da existência temporal e espacial.³¹ Uma porção de natureza é uma contradição, não existem porções, é a unidade de um todo, e no momento em que retiramos qualquer coisa, esta deixa de ser natureza. No entanto para o conceito de paisagem é preciso que esta seja captada num limite visual.³² A lei da formação da paisagem é um processo que na base de elementos previamente separados recompõem momentaneamente o carácter unitário e homogéneo de um todo.³³

Constância é limitada por dois elementos primordiais que caracterizam o território, o rio Tejo e o rio Zêzere. Localizada no médio Tejo, onde os centros urbanos que se encontram ao longo do vale adquirem, pela sua localização e relação que estabelecem com o rio, uma feição muito particular, neste ponto o carácter ribeirinho é acentuado pela presença dos dois rios. O concelho desenvolve-se entre as duas margens do rio Tejo, o elemento gerador do lugar, que através da sua acção no território concebeu dois territórios que evoluíram em paralelo, com uma lógica de polaridade, levando à formação duas paisagens distintas.

A margem Norte do rio, devido à sua posição geográfica e condição topográfica mais elevada, foi um importante ponto estratégico de controlo do território e da navegabilidade, sendo um dos principais portos de todo o percurso do rio em Portugal, tornando-se sede do concelho. A margem Sul era utilizada maioritariamente para as actividades agrícolas, evidenciando a dicotomia entre as margens, no entanto com a extinção das actividades produtivas relacionadas com a pesca, a margem sul do rio assumiu o papel de gerador económico, através da implantação da fábrica de papel, evidenciando a transição produtiva e a ruptura entre o concelho.

Até 1950 a vila desenvolveu-se economicamente em torno das actividades proporcionadas pelo rio. Historicamente foi um importante ponto de controlo e vigilância da navegabilidade do Tejo, navegável até Toledo, bem como um ponto de reparação e construção naval. A vila era o centro de grandes trocas comerciais, tanto por terra como pelo rio, não se limitando apenas a um comércio do interior mas também exportando para Lisboa, bem como para as principais cidades da Ásia, África e Europa. Quando surgiram as barragens e os caminhos-de-ferro a navegabilidade do rio ficou condicionada levando à extinção das actividades relacionadas com o rio.

O tráfego ferroviário e o desenvolvimento automóvel foram em parte a causa da decadência da Vila, bem como do tráfego fluvial, obrigando os pescadores a procurar outros modos de vida, emigrando para Lisboa e Santarém, a única indústria existente passou a ser a da manufactura de redes de pesca, sendo muito procurada por todo o país. A queda das principais actividades económicas levou a uma estagnação da vila, que se focou no turismo como meio de subsistência, até 1960, ano em que a fábrica de papel foi implantada na margem sul do rio, num local privilegiado no fornecimento de madeira.

Devido à capacidade produtiva dos terrenos das margens do rio, eram ocupados com culturas agrícolas intensivas, as áreas marginais caracterizavam-se pelo cultivo de olivais. Também pela produção de fruta, bem como pela criação de produtos oriundos do estrangeiro, nas margens do rio Zêzere o cultivo era de plantas como o alecrim, murta, rosmaninho, olivais, grandes extensões de vinhas e pomares de laranjas e limões, bem como milho, trigo e feijão, as encostas abundavam em pinhais e sobreirais. Também junto ao rio existiam formações de lagoas temporárias e prados húmidos, que constituem, ainda hoje, habitats importantes para a conservação de espécies.



01

Constância . 1801

0.01 . Séc. XII . Castelo Templário de Punhete

0.02 . Séc. XII . Castelo do Zézere

0.03 . Séc. XVI . Portos Fluviais

0.04 . Séc. XVI . Ponte das Barcas



02

Constância . 1850

0.01 . 1861 - 1850 . Ponte Ferroviária sobre o Tejo

0.02 . 1890 . Ponte sobre o Zézere



03

Constância . Actualmente

0.01 . 1960 . Fábrica de Papel de Constância

LUGAR

“ Os lugares são os rostos do nosso habitar sobre a terra: o do passado, aí onde possa ter sobrevivido ou se mantenha vivo, da ausência ou do retirar-se humano, ou a marca presente do estilo cultural. Por isso, ler fisionalmente a paisagem é cumprir uma viagem simultânea nas várias formas de actuação e de significação da cultura em âmbito natural ou histórico. Como uma espécie de sismograma, os lugares registam, muitas vezes de forma indelével, a amplitude e a profundidade da intervenção humana. Eles são também palimpsestos, uma delicada e complexa estratificação de rastros, de sinais, de subversões, de remodelações e de destruições, humanas e naturais...”³⁴

Luisa Bonasio

Após o desaparecimento das actividades relacionadas com o rio, o Tejo tornou-se o elemento de separação do território. A ligação entre as duas margens é feita visualmente através da fábrica de papel que compõe o alçado da margem Sul. Tornando evidente a lógica de polaridade presente, criando um espaço entre as duas margens, descaracterizado. Constituído por dois elementos, o rio e uma área de aluvião, consequência da acção do rio na paisagem, a ligação física entre margens é feita através de duas travessias, uma pelo rio Tejo e outra pelo Zêzere, não existindo uma ligação directa entre o próprio concelho.

Como tal é proposta a criação de uma ponte pedonal que faça a ligação directa entre as duas margens, esta localiza-se junto a área da fábrica que possui um estacionamento público. A ponte pedonal cobre uma distância de 300 metros e faz a ligação entre as margens do concelho, bem como ao Centro de Investigação. Ao implantar o Centro de Investigação sobre o Território e a Paisagem na zona ribeirinha da margem norte o objectivo é reaproximar as margens bem como ler este espaço como uma unidade, através da implantação de estruturas nas três margens que irão constituir o lugar.

A união entre as margens é feita através de uma ligação física, a ponte, e da redefinição do espaço entre a Fábrica e o Centro Histórico. Este espaço será definido por um parque fluvial e pelo ponto de chegada da plataforma e observatório da paisagem, em que o conjunto limita a linha de costa e trabalha o programa de modo a conferir uma identidade ao espaço bem como tirar partido da sua posição privilegiada, no território. O parque tem um uso sazonal, não se pretendendo sobrepor à paisagem, apenas criar as condições necessárias para que possa ser utilizado e preservado.

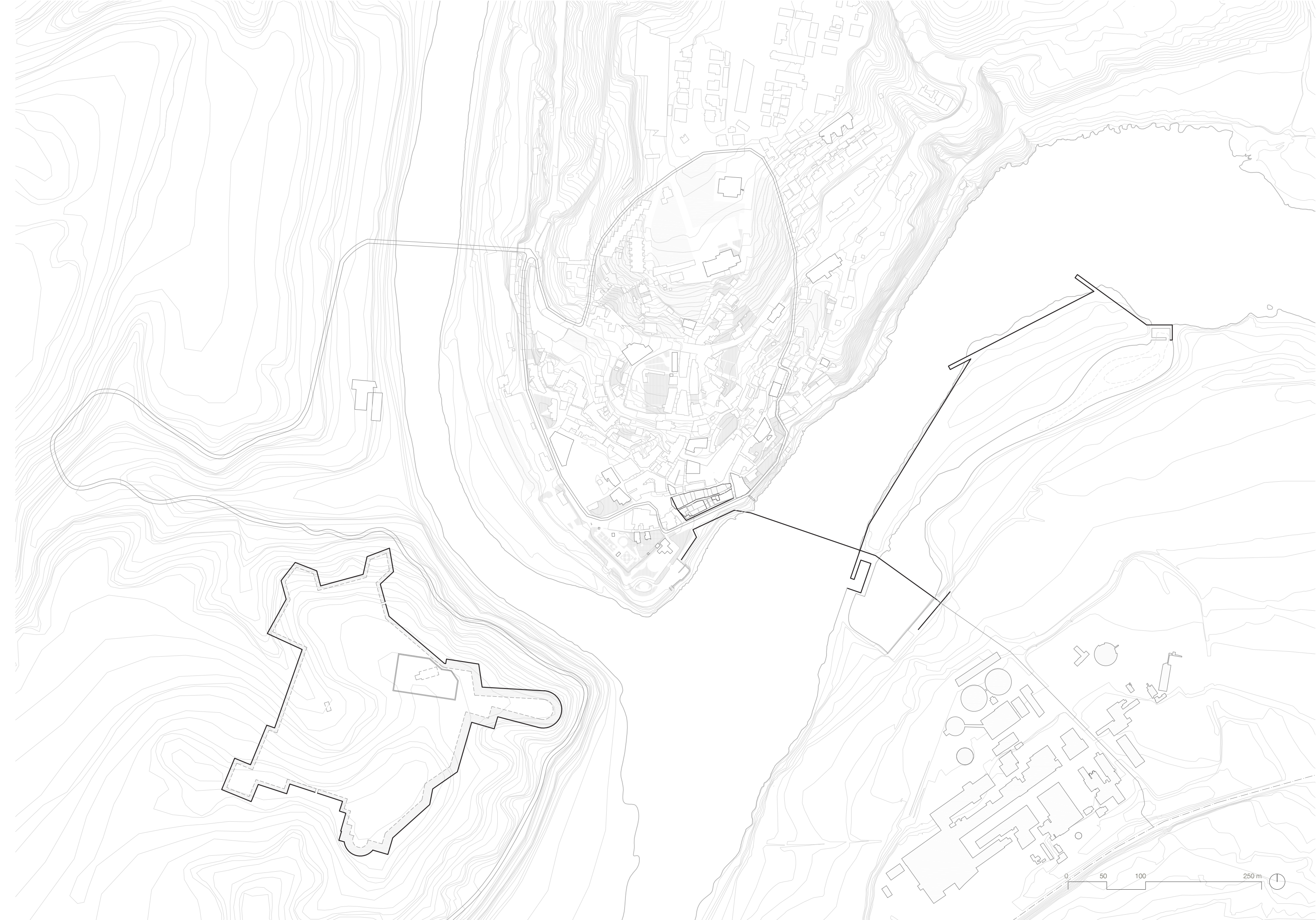
O parque proporciona um ponto de observação sobre Constância, sobre a sua formação geológica e implantação no território. O parque fluvial funciona em conjunto com o parque cultural, implantado na margem do rio Zêzere, o parque cultural delimita a implantação da antiga fortificação do Zêzere, através da sua marcação no terreno. O ponto de observação sobre o lugar neste espaço tem um carácter diferente, não só pela sua posição topográfica elevada, mas também sobre a sua inserção num local histórico importante para a definição do lugar e da paisagem. Um ponto de vigilância sobre Constância, um miradouro sobre a paisagem.

O conjunto das intervenções nas várias margens que constituem o lugar têm por objectivo tornar a leitura do espaço, uma unidade e não como partes separadas da mesma paisagem. São proporcionados pelas várias propostas, locais de contemplação de caracteres diferentes, tanto topográficos como programáticos, o observador experiencia o espaço através de diferentes ângulos, perspectivas e envolventes. Através destes espaços o observador é integrado na própria paisagem, estabelecendo uma relação com o espaço, com o meio. Aproximando o ser humano do ambiente, não apenas relacionado com os significados individuais, mas ligado ao sentimento suscitado pela observação da paisagem como um todo.

O objectivo é conhecer o lugar onde se habita. Através da criação de propostas posicionadas nas três margens que constituem o lugar. O parque fluvial, onde se entra em contacto com uma presença fundamental no território, a fábrica e onde se proporciona um ponto de observação. O centro de investigação definindo uma relação visual entre as duas margens e a encosta da margem Sul do rio Zêzere onde se posiciona o parque cultural. Ao percorrer os três, o observador está simultaneamente a vivenciar o espaço e a criar um imaginário de relações com as margens que são captadas pela percepção.

Planta Síntese Intervenção . ESCALA . 1 : 4 000

34 . BONESIO, Luisa. Entre Estética e Ética: O Futuro da Paisagem. In SERRÃO, Adriana Veríssimo. Filosofia da paisagem: uma antologia. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade, 2011. ISBN 978-972-8531-96-6. p. 472





ARTICULAÇÃO DA PAISAGEM
VIGILÂNCIA . CONTEMPLAÇÃO . ATRAVESSAMENTO . PORTA

CORTE HISTÓRICO . MILITAR

Constância existia já no ano 100 a.C., com a passagem de diversos povos, iberos e romanos. Sendo que a primeira data relevante surge no ano de 1150 quando Gonçalo Mendes da Maia (1079-1155), conquistou a localidade, considerada um ponto estratégico devido a presença dos 2 rios. A actual vila de Constância era denominada de Punhete, que deriva do latim Punha Tagi, ou seja, luta do Tejo, pela rebeldia das águas na confluência deste Rio com o Zêzere. Estava intimamente ligada aos rios e às actividades por eles proporcionadas, como o transporte fluvial, a construção e reparação naval e a pesca.

Devido à sua posição privilegiada, de controlo sobre o território possuía várias fortificações. Uma delas era o Castelo Templário de Punhete, séc. XII, que foi reconstruído em 1152, por ordem de Gualdim Pais, a quem pertencia também o castelo de Zêzere, localizado na margem oposta a Constância, e o Castelo de Cardiga. Constituindo uma linha de defesa do Tejo, os acessos a Santarém passavam a ser defendidos pelas fortificações de Tomar, Almourol, Zêzere e Cardiga, ligada pela torre de vigia de Punhete. O castelo de Zêzere foi reconstruído pela Ordem do Templo em 1151 e o de Punhete em 1158.

No século XVI, o castelo de Punhete encontrava-se na posse da família Sande, senhores de Punhete. Em 1529, fizeram grandes obras, mantendo a torre e adaptando o castelo para palácio quinhentista. Local privilegiado para controlar o Rio Tejo e como entreposto comercial. Mais tarde, no século XIX, apenas subsistiam as ruínas do antigo edifício, demolido em 1904, símbolo de um espaço onde faziam as trocas comerciais fundamentais para o desenvolvimento da vila e da região, que ligava o interior a Lisboa. Afirmando-se a possibilidade de em 1552, 120 dos barcos que se encontravam no porto de Lisboa pertencerem a Constância.

Esquema feito a partir de cartografia . 1801 . 01

Esquema feito a partir de cartografia . 1850 . 02

Actualmente . 03

Esquema Evolução Militar . ESCALA 1 : 16 000



01

Constância . 1801

0.01 . Séc. XII . Castelo Templário de Punhete

0.02 . Séc. XII . Castelo do Zêzere



02

Constância . 1850

0.01 . Séc. XII . Castelo Templário de Punhete

0.02 . Séc. XII . Castelo do Zêzere . Apenas Vestígios do Embasamento



03

Constância . Actualmente

0.01 . Séc. XII . Castelo Templário de Punhete . Apenas Vestígios do Embasamento

0.02 . Séc. XII . Castelo do Zêzere . Apenas Vestígios do Embasamento

CORTE HISTÓRICO . ACESSIBILIDADE

“Próxima a esta vila está o lugar da praia [Praia do Ribatejo, margem do rio Zêzere], onde se vão ver divertidas pescarias com redes denominadas “varinas” e “chinchorros”, cujas redes algumas vezes trazem a terra cem e mais sáveis. E das janelas da vila se goza da vista de muitos barcos de pescaria, ocupados neste tráfico. Algumas vezes veem-se dúzias de embarcações de diferentes lotes e construção, umas pescando, navegando outras com famílias números para baixo e para cima, o que dá um entretenimento singular aos espectadores que algumas vezes não podem observar o que se passa pela estrada real da terra, junto a margem do Tejo, por não terem lazer de lançar a vista a tantos objectos recreativos.”³⁵

José de Oliveira . 1850

Constância foi um dos principais portos fluviais do centro de Portugal, desde sempre que a sua actividade comercial se estabeleceu nos rios, ainda hoje se encontra implícito na cultura local. O uso dos rios estava ligado principalmente a pesca, construção naval e ao transporte fluvial. No século XVI, a pesca era muito desenvolvida e explorada, bem como a construção naval, vários barcos que foram para Ceuta foram feitos em Constância. Paradoxalmente à margem Norte do Tejo, que explorava os rios, a margem Sul era predominantemente ocupada por terrenos agrícolas, que beneficiaram o crescimento, sustento e as trocas comerciais da vila.

Com as invasões Francesas, 24 de Novembro 1807, os militares permaneceram na vila durante quatro dias. Devido às condições climáticas, esse Outono tinha sido extremamente chuvoso, fazendo com que os soldados não conseguissem transpor o Rio Zêzere. Consequentemente permitiu que a Família Real tivesse tempo para se retirar para o Brasil. A vila foi destruída, sendo invadida novamente em Novembro de 1810. Os estragos ainda são visíveis nas Igrejas, existindo marcas de fogueiras no interior das sacristias. Após as invasões francesas, deu-se uma reestruturação da vila, bem como a alteração do seu nome para Notável Vila de Constância.

Devido à sua condição ribeirinha, o contacto da Vila com as restantes margens era feito de barco ou através de uma ponte. A ponte das barcas, utilizada para atravessar o Rio Zêzere, uma estrutura em madeira, era montada quando o nível das águas se encontrava baixo tornando possível a sua travessia, quando o nível das águas era elevado era desmontada. A travessia do Tejo era feita por barco, existindo três cais em Constância, actualmente só um é explorado, mas antigamente, o cais mais a jusante era propriedade da fábrica do Caima, a montante existia um terceiro que pertencia à câmara.

Do antigo cais, perto da Casa-Memória de Camões, ainda é possível ver a rampa, em alvenaria de pedra, onde os comerciantes faziam rolar as pipas com as mercadorias líquidas para os barcos, que seguiam para Lisboa. Esta tinha dois encaixes para os barcos que vinham de jusante e os que vinham de montante. Seria este o cais que fazia o serviço aduaneiro. Também existia um cais junto ao antigo castelo de Constância, mais tarde palácio, actualmente sem vestígios do porto, onde as barcas atracavam e transportavam as mercadorias para serem efectuadas as trocas comerciais na antiga praça pública de Constância.

Com a chegada do caminho-de-ferro, no século XIX, o aparecimento do transporte rodoviário em meados do século XX, a par da construção de barragens, que segundo os pescadores não permitem a desova do peixe, deu-se a decadência das actividades tradicionais e produtivas da Vila. Que observou um grande decréscimo na densidade populacional da Vila, focando-se no turismo como modo de subsistência proporcionado pela paisagem. Em 1960 é construída, na margem Sul do Rio Tejo, a segunda fábrica para produzir fibra de eucalipto branqueada no país, situada num local privilegiado no âmbito do fornecimento de madeira, tornando-se no novo polo económico.

Esquema feito a partir de cartografia . 1801 . 01

Esquema feito a partir de cartografia . 1850 . 02

Actualmente . 03

Esquema Evolução das Acessibilidades . ESCALA 1 : 16 000

³⁵ . OLIVEIRA, Veríssimo José de. Descrição da Vila de Punhete actualmente designada Constância, 1930. por V. J. d'O., transcrição, prefácio e notas complementares por José Eugénio de Campos Godinho. - Torres Novas : Imp. Tip. Industrial, 1947. - 52 p. ; 22 cm. - Ed. Autografada BB 26414. p. 10-11

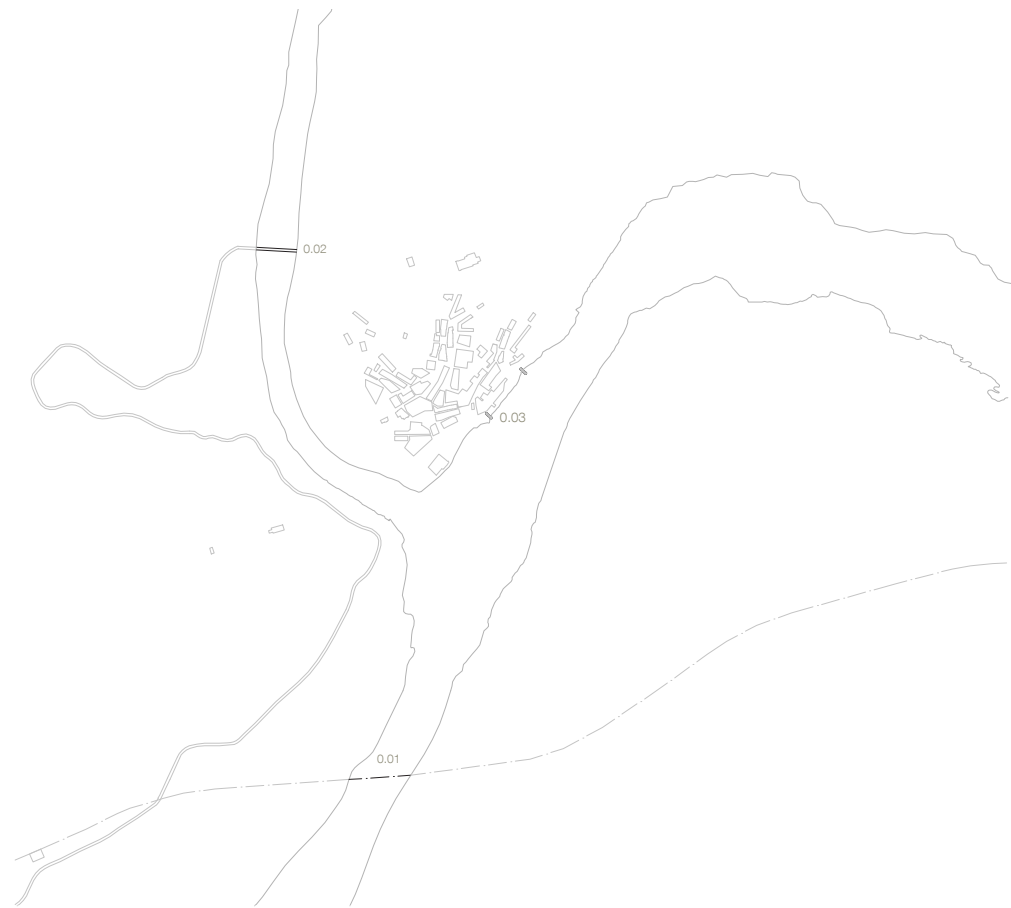


01

Constância . 1801

0.01 . Séc. XIV . Portos Fluviais

0.02 . Séc. XIV . Ponte das Barcas



02

Constância . 1850 - 1890

0.01 . 1850 - 1861 . Ponte Ferroviária sobre o Tejo

0.02 . 1890 . Ponte Automóvel sobre o Zêzere

0.03 . Portos Fluviais deixam de ter uso



03

Constância . Actualmente

0.01 . Porto Fluvial da Fábrica

0.02 . Vestígios do antigo cais de embarque

CORTE HISTÓRICO . RUAS HISTÓRICAS ARQUITECTURA RELIGIOSA

As ruas eram construídas com um propósito, num acto simbólico de transmitir significado ao espaço. No caso da Rua de S. João, era a ligação aos rios, esta rua ligava a capela de S. João, devota aos marítimos, ao rio Zêzere, evidenciando a importância cultural e económica do Rio para a Vila. A actual Rua Machado Santos, antiga Rua de São Pedro, fazia a ligação directa entre a Igreja de Nossa Senhora dos Mártires e a Igreja de São Julião, antiga Igreja Matriz. O nome estaria relacionado com a Capela de S. Pedro que se posicionava a meio do trajecto.

A capela de Santa Ana é uma construção modesta de princípios do século XVIII, foi edificada em 1707, sendo a única ermida que subsiste de um conjunto de cinco. Duas delas localizavam-se a beira-rio, duas a meio da vila e a de Santa Ana no topo da vila. A Igreja dos Mártires é o monumento mais emblemático, começou por ser uma capela com uma santa milagrosa, como tal era muito visitada e recolhia muito dinheiro das doações, o que fez com que fosse possível construir uma capela nova e maior, num local amplo, a obra teve início no século XVI.

A Igreja de São Julião localizava-se na actual praça central da vila, era a igreja matriz, no entanto, o culto passou para a igreja da Misericórdia até 1822 ano no qual o culto foi transferido para a igreja de Nossa Senhora dos Mártires, a Igreja de São Julião acabou por ser destruída devido aos estragos causados pelas invasões e pelas inundações causadas pelos rios. A igreja e o espaço envolvente serviram em épocas anteriores ao liberalismo e aos cemitérios civis, de sepultura a gerações de habitantes da vila, sendo frequentemente encontradas ossadas no subsolo da praça, que surgiu em 1910.

A Igreja da Misericórdia (séc. XVI - XVIII) estava ligada à fundação das Misericórdias, criada por D. Leonor de Lencastre, que tinha o objectivo de proteger os pobres, doentes e órfãos. Em 1580 o padre da irmandade da misericórdia comprou um terreno que daria lugar à Igreja da Misericórdia, mas só em 1650 é que se deu início à sua construção, sendo apenas concluídas no século XX, devido às cheias constantes. Constância foi alvo de cheias, devido à sua proximidade da zona de confluência dos rios, as maiores registadas foram em 1978 e 1979, inundando por completo a zona Histórica.

As estradas e passeios de Constância são revestidos a seixo rolado, pedra típica da zona, devido à sua implantação numa paisagem de carácter ribeirinho e à formação na margem sul de uma área de aluvião, que através do desgaste das pedras causado pela força da água leva à formação do seixo rolado. No entanto, algumas ruas, devido à sua inclinação, tornavam-se perigosas quando molhadas pelas chuvas, como tal foram sendo substituídas por pedra de calçada. As escadas, característica intrínseca à vila, são conhecidas como “escadinhas tem-te bem”, como um aviso à população para terem cuidado ao percorrer as ruas íngremes.

Esquema feito a partir de cartografia . 1801 . 01

Esquema feito a partir de cartografia . 1850 . 02

Actualmente . 03

Esquema Ruas Históricas . Arquitectura Religiosa . ESCALA 1 : 16 000



01

Constância . 1801

- 0.01 . Rua de São João
- 0.02 . Rua de São Pedro . Actual Rua Machado Santos
- 0.03 . Igreja de Nossa Senhora dos Mártires
- 0.04 . Capela de Santa Ana
- 0.05 . Capela de São Pedro
- 0.06 . Igreja da Misericórdia
- 0.07 . Igreja de Santa Conceição
- 0.08 . Igreja de São Julião



02

Constância . 1850

- 0.01 . Rua de São João
- 0.02 . Rua de São Pedro . Actual Rua Machado Santos
- 0.03 . Igreja de Nossa Senhora dos Mártires
- 0.04 . Capela de Santa Ana
- 0.05 . Capela de São Pedro
- 0.06 . Igreja da Misericórdia
- 0.07 . Igreja de Santa Conceição



03

Constância . Actualmente

- 0.01 . Rua de São João
- 0.02 . Rua de São Pedro . Actual Rua Machado Santos
- 0.03 . Igreja de Nossa Senhora dos Mártires
- 0.04 . Capela de Santa Ana
- 0.05 . Capela de São Pedro
- 0.06 . Igreja da Misericórdia
- 0.07 . Cemitério de Praia do Ribatejo

CORTE HISTÓRICO . EQUIPAMENTOS

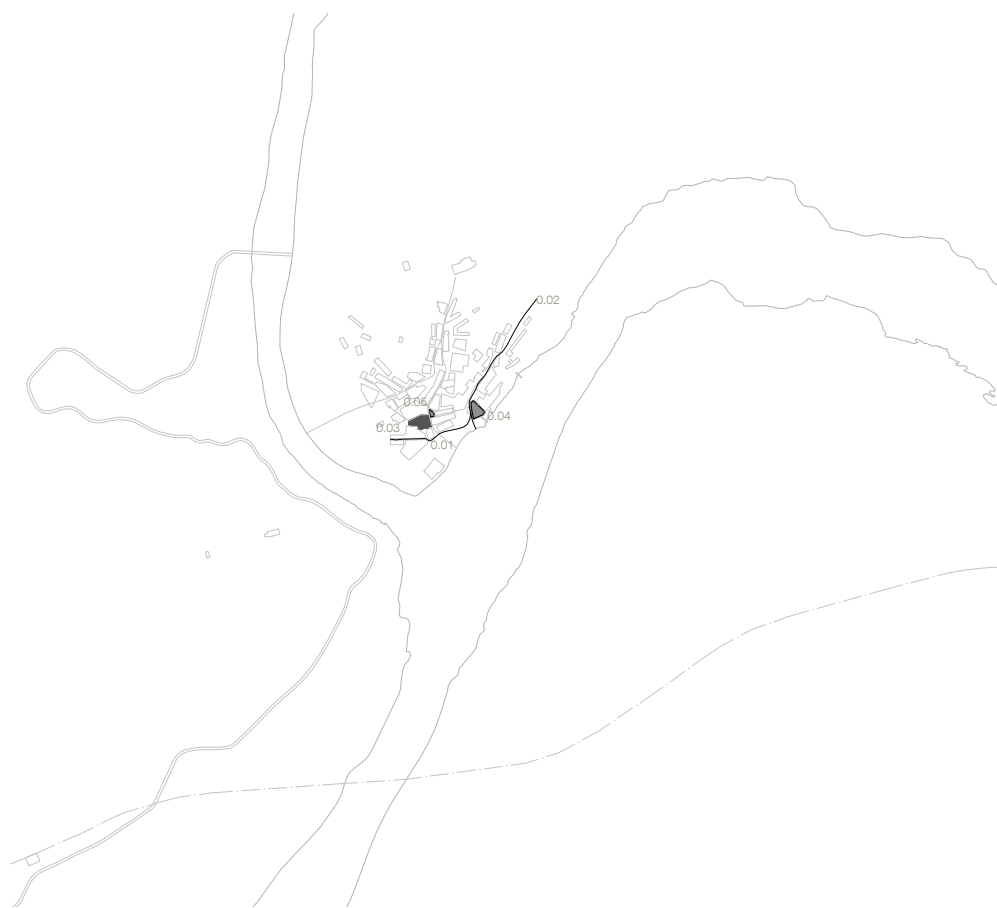
A antiga praça principal localizava-se acima da Casa dos Arcos, casa que terá acolhido Luís de Camões. Este espaço era próximo da zona dos portos de embarque, na antiga praça eram vendidas elevadas quantidades de peixe, entre outras mercadorias, e onde possivelmente existia o antigo Pelourinho, que mais tarde foi trasladado para a praça Alexandre Herculano, actual centro da vila. O pelourinho é constituído por uma coluna de fuste simples, coroada por uma esfera armilar em ferro forjado e tem a sua base assente num pedestal, actualmente com dois degraus, era um símbolo da autonomia e da justiça da vila.

A cadeia velha marca actualmente o conjunto de edifícios que cobrem o perímetro da praça pública. Apenas as localidades mais importantes tinham a capacidade de possuir uma cadeia, estas implicavam que existisse na Vila pessoas capazes de exercer o poder, como juizes. Aliado à cadeia existia o actual Pelourinho, formando uma área que simbolizava a justiça. A Rua Grande estendia-se até à beira Tejo, hoje reduzida a 50 metros, era por aqui que passavam as mercadorias trocadas com Lisboa. A Rua Luís de Camões, antes denominada “ Rua do Comércio”, pois era onde se reuniam todas as lojas de Constância.



01

- Constância . 1801
- 0.01 . Rua Grande
 - 0.02 . Rua do Comércio . Actual Rua Luís de Camões
 - 0.03 . Praça Principal . Pelourinho
 - 0.04 . Casa dos Arcos
 - 0.05 . Cadeia Velha



02

- Constância . 1850
- 0.01 . Rua Grande
 - 0.02 . Rua do Comércio . Actual Rua Luís de Camões
 - 0.03 . Praça Principal . Pelourinho
 - 0.04 . Casa dos Arcos
 - 0.05 . Cadeia Velha



03

- Constância . Actualmente
- 0.01 . Rua Grande
 - 0.02 . Rua do Comércio . Actual Rua Luís de Camões
 - 0.03 . Praça Principal . Pelourinho
 - 0.04 . Casa dos Arcos
 - 0.05 . Cadeia Velha

PARQUE CULTURAL

- Constância da Margem do Zêzere . Ana Dias . 7 Dezembro 2013 . fig.29
Confluência dos Rios . Ana Dias . 12 Setembro 2014 . fig.30
Cemitério visto a partir de Constância . Ana Dias . 12 Setembro 2014 . fig.31
Vista do Zêzere . Ana Dias . 12 Setembro 2014 . fig.32
Relação fábrica Margem Zêzere . Ana Dias . 12 Setembro 2014 . fig.33
Vista do Zêzere . Ana Dias . 12 Setembro 2014 . fig.34
Relação visual Cemitério . Constância . Ana Dias . 12 Setembro 2014 . fig.35



“Uma ruína é mais interessante do que um novo edifício apenas completo. Ela mostra os efeitos do tempo e da experiência.”³⁶

Walker Evans

O parque cultural localiza-se na margem do rio Zêzere oposta à Vila. No espaço da antiga fortificação do Zêzere, devido à sua topografia, o parque encontra-se num ponto elevado, criando um ponto de observação privilegiado sobre Constância. A vila era dominada pela fortaleza que se posicionava na colina da Conceição. Passou por dois períodos construtivos, o primeiro na época dos Templários, quando D. Afonso Henriques fez a sua doação a D. Gualdim Pais, em 1159, da Ordem dos Templários de Paio de Pel, do mesmo período construtivo que o castelo de Almourol, fazendo parte da linha de defesa do Tejo.

Com o terramoto de 1755 parte da fortificação desmoronou e em 1801 foi reedificada pelo príncipe alemão de Waldek e pelo conde de Goltez, prussiano, ambos generais do exército português. Durante as duas fases de construção da fortificação, claramente distintas, foi construída uma ponte de barcas sobre o Zêzere que permitia a travessia do rio quando o caudal se encontrava baixo. O castelo templário situava-se no local onde, hoje em dia apenas se encontra o cemitério municipal de Praia do Ribatejo, da antiga fortificação apenas subsistiram alguns vestígios cobertos pela vegetação natural que se apropriou do espaço e da construção.

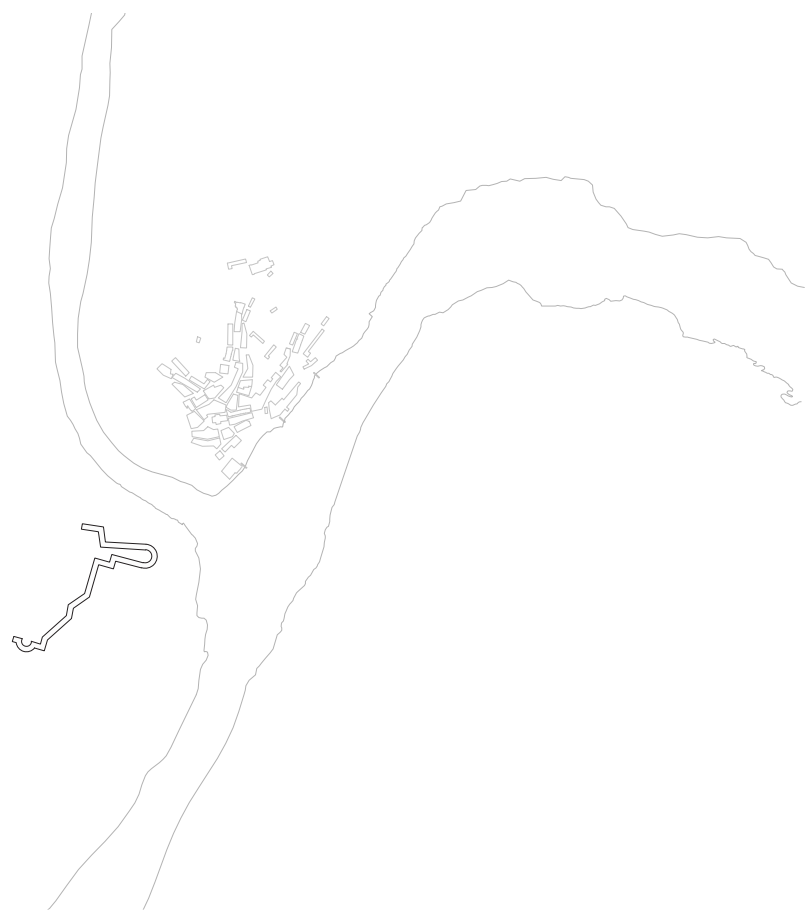
Esquema feito a partir de cartografia . 1159 . 01

Esquema feito a partir de cartografia . 1801 . 02

Actualmente . 03

Esquema Evolutivo da Fortificação do Zêzere . ESCALA 1 : 16 000

³⁶ . EVAN, Walkers. Lamerick Interview 1973 citado por HILL, John and MORA, Gilles; Walker Evans: The Hungry Eye, Thames & Hudson, Londres, 2004; p.332



01

Fortificação do Zêzere . 1159
 Primeiro Período Constructivo
 Pertencia à Ordem dos Templários



02

Fortificação do Zêzere . 1801
 Segundo Período Constructivo
 Reedificado por Generais do Exército Português



03

Fortificação do Zêzere . Actualmente
 Cemitério Municipal de Praia do Ribatejo
 Marcação do Embasamento da Fortificação

"the ruin creates the present form of a past life"³⁷

Georg Simmel

PARQUE CULTURAL

Pré-existência da Fortificação do Zêzere . 01

Proposta . 02

Cemitério . 03

Acessos

Via de Acesso Automóvel . 04

Via de Acesso Pedonal . 05

Estacionamento Automóvel . 06

Programa

Miradouro . 07

Rampa . Percurso . 08

Escadas . Percurso . 09

Arborização Proposta

Azinheiras . Folha Perene . 10 metros de altura . 10

Freixo . Folha Caduca . 25 metros de altura . 11

73.262 m² . Área do Parque

Planta Proposta Parque Cultural . ESCALA . 1 : 4 000

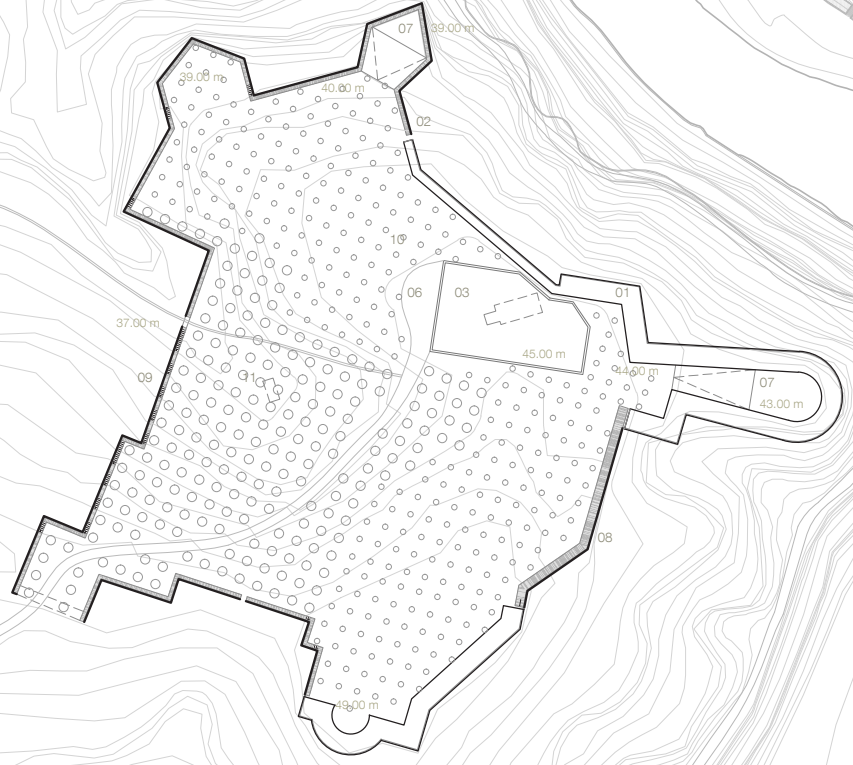
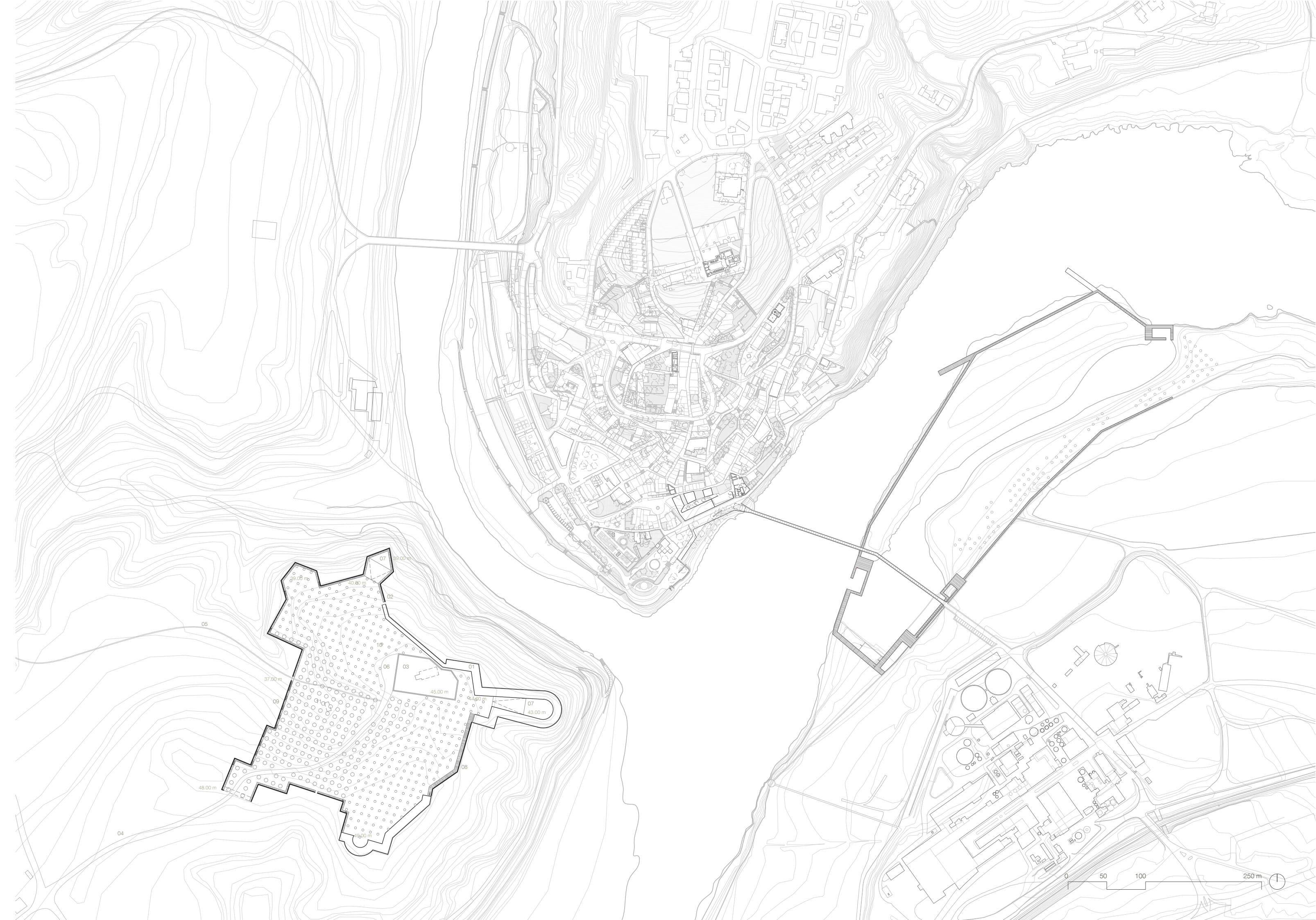
37 . " The ruin creates the present form of a past life, not according to the contents or remnants of that life, but according to its past as such."

SIMMEL, Georg. Two Essays: The Handle and The Ruin. Hudson Review. 1958. p.385

38 . CORREIA, André. Cultura da desintegração : representações do Litoral Norte de Viana do Castelo. Minho : Universidade do Minho - Escola de Arquitectura, 2013. 139f. Tese de Mestrado Arquitectura: Cidade e Território. p. 40

O parque cultural é criado com o objectivo de marcar a pré-existência da fortificação do Zêzere. Este espaço marca a acção do homem sobre o território e permitir que esta seja envolvida pela acção da natureza, que lhe irá conferir a sua aparência final. A ruína e a decomposição são processos implícitos nos objectos, ou cenários do quotidiano, o desgaste do tempo é a narrativa da sua utilização, contanto a história da própria existência.³⁸ A proposta apropria-se das partes desaparecidas da fortificação para criar uma nova unidade, a partir da qual a memória subsiste e a natureza constitui-se peça fundamental.

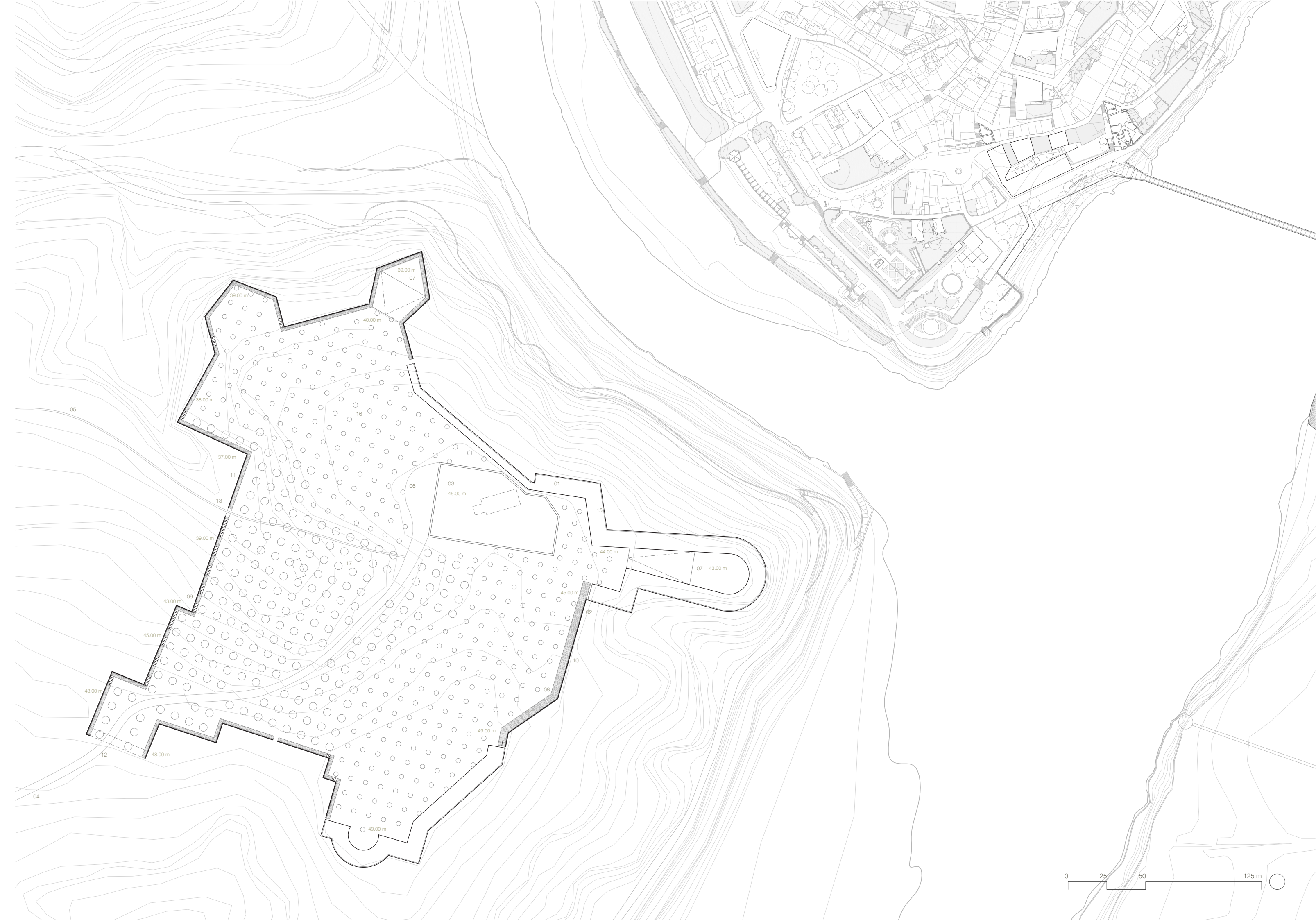
É focado nos habitantes de Constância e nos que pretendam conhecer o lugar. Através de uma estrutura efémera tem-se contacto directo com a História, é importante conhecer a história e a paisagem e o que demonstram sobre o território. Caminhar é medir o espaço. O parque cultural limita a antiga linha de defesa do Tejo através de um passadiço de madeira que marca o perímetro da fortificação. Devido ao desenho que trabalha em função do terreno bem como da antiga fortificação, é possível a criação de espaços de estar, nichos, bem como a criação de miradouros de observação da paisagem.

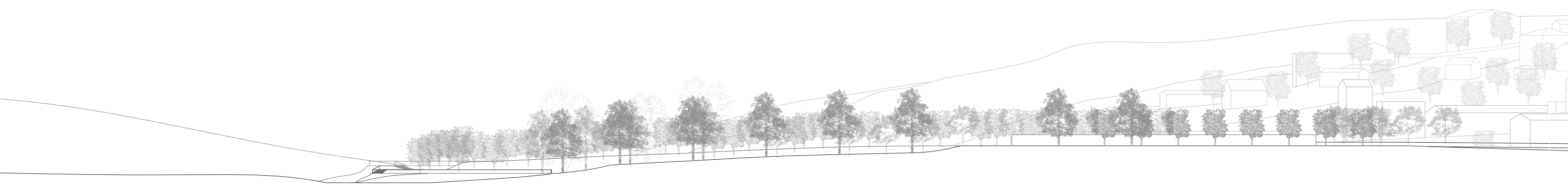


PARQUE CULTURAL
Pré-existência da Fortificação do Zézere . 01
Proposta . 02
Cemitério . 03
Acessos
Via de Acesso Automóvel . 04
Via de Acesso Pedonal . 05
Estacionamento Automóvel . 06
Programa
Miradouro . 07
Rampa . Percurso . 08
Escadas . Percurso . 09
Marcação Primeiro Período Constructivo . 5m de largura . 10
Marcação Segundo Período Constructivo . 2.5m de largura . 11
Entrada no Parque . Acesso Automóvel . Cota 48.00 . 12
Entrada no Parque . Acesso Pedonal . Cota 37.00 . 13
Materialidade
Passadiço em Madeira . Pinho . 14
Guarda que cobre todo o perímetro do passadiço. Aço Corten . 15
Arborização Proposta
Azinhelas . Folha Perene . 10 metros de altura . 16
Freixo . Folha Caduca . 25 metros de altura . 17
73.262 m ² . Área do Parque
Planta Proposta Parque Cultural . ESCALA . 1 : 2 000

O parque limita-se à criação de um espaço sem estruturas de apoio, é um espaço que se pretende efémero, um espaço de contemplação do território com alguns pontos onde se faz referência há história de Constância, este espaço estará sempre fortemente associado ao centro de investigação. A estrutura pretende valorizar uma área que não é utilizada, é apenas um local de passagem para chegar a um destino, relevando a sua importância histórica para a população e criando uma estrutura de espaço público que pode ser utilizada em qualquer altura do ano, um novo carácter de espaço público para a Vila.

Os vestígios da antiga fortificação são deixados intocados, existindo sempre um afastamento de 50 cm entre o passadiço e a fortificação, desenvolvendo-se de maneira a marcar um percurso e o perímetro do parque. Tendo em conta os períodos construtivos, o passadiço varia a sua largura consoante o local de implantação. A arborização proposta consiste em dois tipos de árvores, Azinheira e Freixo, as azinhelas são plantadas de forma mais densa no perímetro do cemitério para criar um elemento natural de separação com o parque. Os Freixos ao serem árvores mais altas, são plantadas nas zonas de maior declive do parque.





Percurso de Acesso Pedonal
Cota 37.00

Passadiço Proposto
Marcação do Limite do Parque Cultural
Cota 37.00 a 49.00

Arborização Proposta . Freixos
Zonas de maior declive

Programa pré-existente . Cemitério
Cota 45.00

Arborização Proposta . Azinheiras
Zonas de declive menor ou inexistente



Rampa . Local de Permanência . Miradouro
Cota 44.00 a 43.00

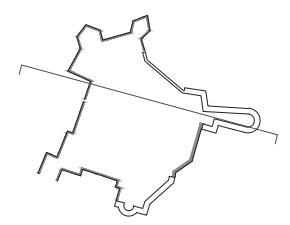
Pré-existência Fortificação
Percurso de contemplação
Do Território
Cota 44.00

Margem Norte

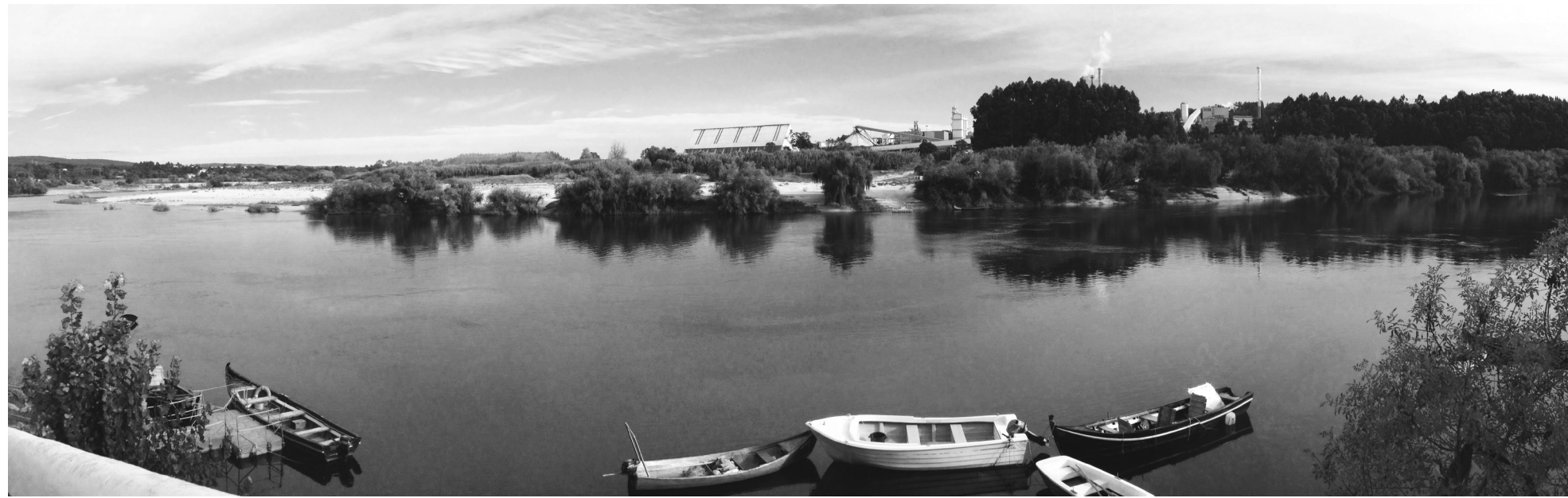
Centro de Investigação
Cota 23.00

Ponte Pedonal
Cota 23.00

Parque Fluvial



0 10 30 60 m



ARTICULAÇÃO DA PAISAGEM
VIGILÂNCIA . CONTEMPLAÇÃO . ATRAVESSAMENTO . PORTA

CORTE ARQUEOLÓGICO

“Vazio urbano é uma expressão com alguma ambiguidade: até porque a terra pode não estar literalmente vazia mas encontra-se simplesmente desvalorizada com potencialidade de reutilização para outros destinos, mais ou menos cheios... no sentido mais geral denota áreas encravadas na cidade consolidada, podendo fazer esquecer outros “vazios”, menos valorizáveis, os das periferias incompletas ou fragmentadas, cujo aproveitamento poderá ser decisivo para re-urbanizar ou revitalizar essa cidade outra.”

Nuno Portas, “Do vazio ao cheio”. Cadernos de Urbanismo nº2

O terreno em que se insere Constância é condicionado pela acção do rio, o braço do rio tem um ponto de flexão, formando na margem norte um declive muito acentuado, que através do desgaste provocado pela força do embate do movimento das águas, transporta até à outra margem os sedimentos onde forma uma extensa área de aluvião. Evidenciando a polaridade entre margens. A geologia do concelho é pobre, no entanto existem locais privilegiados onde é possível analisar vários fenómenos geológicos e morfológicos. É o caso da zona de confluência dos rios onde se pode observar a formação de terraços fluviais.

A vila posiciona-se na margem onde o declive é mais acentuado, permitindo manter uma posição defensiva e de controlo sobre o território. A zona ribeirinha da margem sul do rio é maioritariamente dominada pela actividade agrícola até ao momento de implantação da fábrica de papel. Esta é uma área plana, extensa, que devido à sua proximidade com a zona de confluência do rio Tejo com o Zêzere é facilmente inundável. Como tal tornou-se necessário proteger as zonas de cultivo recorrendo aos diques, muros de alvenaria de pedra aparelhada que se posicionam ao longo do aluvião, paralelamente à linha de costa.

Movimento do Rio Tejo sobre o Território . 01

Movimento do Rio Zêzere sobre o Território . 02

Leito de Cheia antes das Barragens . Cota 30 m . 03

Leito de Cheia Actualmente . Cota 24 m . 04

Linha de Muros de Contenção . 05

Campos Agrícolas . 06

Planta Corte Arqueológico . ESCALA . 1 : 4 000



PARQUE FLUVIAL

- Relação espaço entre . Constância . Ana Dias . 7 Dezembro 2013 . fig.37
- Relação espaço entre . Constância . Ana Dias . 7 Dezembro 2013 . fig.38
- Relação espaço entre . Rio . Cemitério . Ana Dias . 7 Dezembro 2013 . fig.39
- Relação entre as três margens . Ana Dias . 7 Dezembro 2013 . fig.40
- Relação entre as três margens . Ana Dias . 7 Dezembro 2013 . fig.41
- Relação Constância . Espaço Entre . Ana Dias . 7 Dezembro 2013 . fig.42
- Espaço Entre . Areal . Ana Dias . 7 Dezembro 2013 . fig.43
- Espaço Entre . Areal . Ana Dias . 7 Dezembro 2013 . fig.44
- Espaço Entre . Areal . Ana Dias . 7 Dezembro 2013 . fig.45



As duas margens sempre cresceram numa lógica de polaridade, existindo uma separação evidente, que levou à criação de um vazio urbano entre elas. Actualmente a extensão entre a vila e a fábrica, rio e área de aluvião, é um lugar expectante, potencialmente aproveitável, no entanto não possui qualquer tipo de actividade. É um lugar alienado do sistema urbano, um lugar que existe apesar da sua falta de relação com os principais polos produtivos de Constância. Tendo em conta a sua condição ribeirinha, e a sua extensão enquanto areal, este lugar proporciona um uso sazonal bem como um lugar de contemplação.

O parque fluvial insere-se neste espaço, com o objectivo de potenciar a ligação entre as margens, através da sua utilização enquanto espaço recreativo, compreender o rio e o aluvião como meio de união e não de separação. Conferir identidade ao lugar, apesar do seu uso sazonal, ao criar estruturas que potenciem espaços de permanência e de contemplação, não só da paisagem mas também da sua formação enquanto território. Ao proporcionar um novo espaço público entre as margens, de carácter lúdico, pretende-se aproximar o concelho que, historicamente, sempre teve uma relação intrínseca com o rio e as actividades por ele proporcionadas.

Esquema Evolução Área de Aluvião . 1850 . 01

Esquema Evolução Área de Aluvião . Actualmente . 02

Proposta . 03

Esquema Evolutivo da Área de Aluvião . ESCALA 1 : 16 000



01

Espaço de Aluvião . 1801
Dominado pela cultura agrícola



02

Espaço de Aluvião . Actualmente
Dominado pela presença da Indústria



03

Espaço de Aluvião . Proposta
Definição do Vazio
Parque Fluvial

PARQUE FLUVIAL

Fábrica de Papel . 01
Proposta . 02
Albufeira . 03
Aluvião . 04
Muros de Contenção do Terreno . 05
Programa
Piscina Fluvial . 06
Porto Fluvial plataforma Horizonte Portugal . 07
Área de Apoio ao Parque . 08
Passadiço de Madeira que marca o limite do Parque . Pinho . 09
Miradouro sobre Constância . 10
Molhe . 11
Plataforma de observação da Paisagem . 12
Estacionamento . 13
Arborização Proposta
Bunho . 03 metros de altura . 14
Junco . 1,5 metros de altura . 15
88.772 m ² . Área do Parque

Planta Proposta Parque Fluvial . ESCALA . 1 : 4 000

Ao propor um parque fluvial numa paisagem de cariz frágil pretende-se criar um equilíbrio entre a preservação do seu sistema ecológico e a sua utilização enquanto espaço de lazer. Através da definição dos limites de intervenção, proporcionando espaços com estruturas de apoio ao parque e zonas sem qualquer tipo de intervenção, possuindo áreas controladas e pouco controladas. A linha de costa é definida com um passadiço de madeira junto aos diques, cobrindo o limite do parque fluvial. Nos seus pontos de flexão surgem pontões na direcção do rio que possibilitam o contacto com o rio e o seu curso natural.

O passadiço cobre todo o perímetro do parque bem como constrói o limite da albufeira, que permite o uso do aluvião enquanto praia fluvial controlada. Possibilitando um ponto livre das correntes do rio tornando-se um espaço seguro. Ao ser um grande areal junto ao rio, possui vegetação ribeirinha, que é utilizada para criar espaços de sombreamento. Mais denso na parte superior do parque, variando entre grandes áreas de sombra e áreas de exposição solar directa, permitindo versatilidade no uso do espaço, tirando partido do ecossistema pré-existente, dando apoio à área mais a montante da albufeira onde se posiciona a piscina.

A albufeira atravessa a extensão de areal, criando uma ilha, ligada à restante área através de dois pontos, que funcionam como comportas, uma piscina fluvial e o porto que recebe o observatório da paisagem. A albufeira varia as suas profundidades, proporcionando áreas específicas para certo tipo de actividades. As de maior profundidade, associadas à zona mais a jusante do rio, permitem o uso recreativo com actividades de canoagem, as zonas menos profundas, proporcionam áreas para se tomar banho com segurança, associadas à zona mais a montante da albufeira, onde se posiciona a vegetação mais densa oferecendo espaços de sombreamento natural.



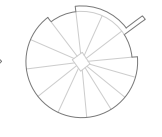
	PARQUE FLUVIAL
	Albufeira . 01
	Aluvião . 02
	Muros de Contenção do Terreno . Alvenaria de Pedra . 03
	Acessos
	Escadas . Estrutura de Madeira . Pinho . 04
	Rampa . Estrutura de Madeira . Pinho . 05
	Programa
	Piscina Fluvial . 06
	Porto Fluvial plataforma Horizonte Portugal . 07
	Cafeteria . 08
	Zona de Arrumos . 09
	Balneários . 10
	Piscina . 0.50 m profundidade . 11
	Rampa de acesso à água . 12
	Passadiço de Madeira que marca o limite do Parque . Pinho . 13
	Miradouro sobre Constância . 14
	Molhe . 15
	Plataforma de observação da Paisagem . 16
	Parque de Estacionamento . 17
	Arborização Proposta
	Bunho . 03 metros de altura . 18
	Junco . 1,5 metros de altura . 19
	88.772 m ² . Área do Parque
	Planta Proposta Parque Fluvial . ESCALA . 1 : 2 000

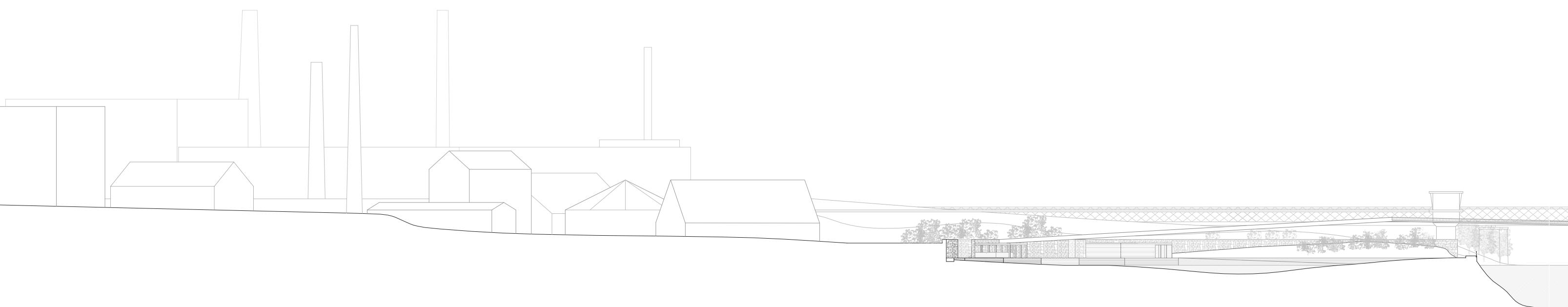
Este espaço possui dois pontos, que controlam os fluxos de água do rio na albufeira, estas comportas definem o nível médio da água, permitindo criar uma zona livre das correntes fortes do rio. Ligadas através do passadiço de madeira que juntamente com os diques marcam a zona ribeirinha, as comportas possuem dois dos programas públicos do parque, uma piscina fluvial que se posiciona a montante da albufeira e o porto fluvial da plataforma e observatório da Paisagem, a jusante. O porto é também um miradouro sobre o lugar, um ponto de contemplação da Vila, a partir da cota da água.

O parque fluvial procura a definição do espaço entre a Vila Histórica e a zona Industrial. Ao redefinir os seus limites, trabalha esta área como elemento de união do lugar. Com a criação de um novo espaço público, de carácter recreativo e de lazer, o objectivo é tirar proveito da sua relação directa com o rio, bem como oferecer uma ligação entre as duas margens de um só lugar. Ao alterar a imagem da paisagem não se pretende introduzir transformações radicais, mas sim, tirar partido das suas condicionantes para alcançar um equilíbrio entre a identidade pré-existente e a utilização futura.



0 25 50 125 m





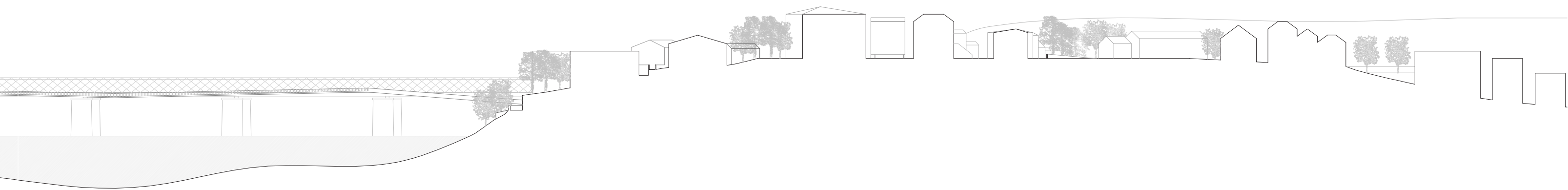
Fábrica de Papel do Caima

Acesso ao Parque Fluvial

Cota 21.00

Parque Fluvial

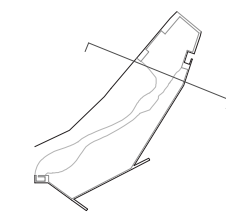
Cota 17.00



Ponte Pedonal

Rio Tejo

Margem Norte do Rio





ARTICULAÇÃO DA PAISAGEM

VIGILÂNCIA . CONTEMPLAÇÃO . ATRAVESSAMENTO . PORTA

CORTE PROGRAMÁTICO . CONCELHO

Actualmente a margem norte, sede de concelho, possui a vila histórica, com todos os programas públicos e infra estruturas, a margem sul, onde se desenvolve a maioria do concelho, com várias freguesias, não possui os programas públicos necessários. Visualmente a relação entre os locais separados pela presença do rio é feita através da fábrica de papel que domina a paisagem. A ligação entre as duas margens é feita através da ponte ferroviária que liga ao concelho de Vila Nova da Barquinha e a partir deste uma segunda ponte que faz a travessia do rio Zêzere até Constância.

Devido ao leito de cheia dos rios, até ao final do século XIX a travessia do rio Zêzere para Constância era difícil, não permitindo o uso da ponte de barcas. Em 1887 formalizou-se o pedido de construção de uma ponte e em 1890 deu-se início à sua construção. A ponte ferroviária que atravessa o Tejo foi a primeira a ser construída em território nacional, em 1861. Ao longo do tempo a ponte foi sendo substituída devido a problemas técnicos, passando a fazer a travessia ferroviária bem como automóvel, no entanto, apenas permite a travessia de um sentido de cada vez.

Acesso de Carro . 01

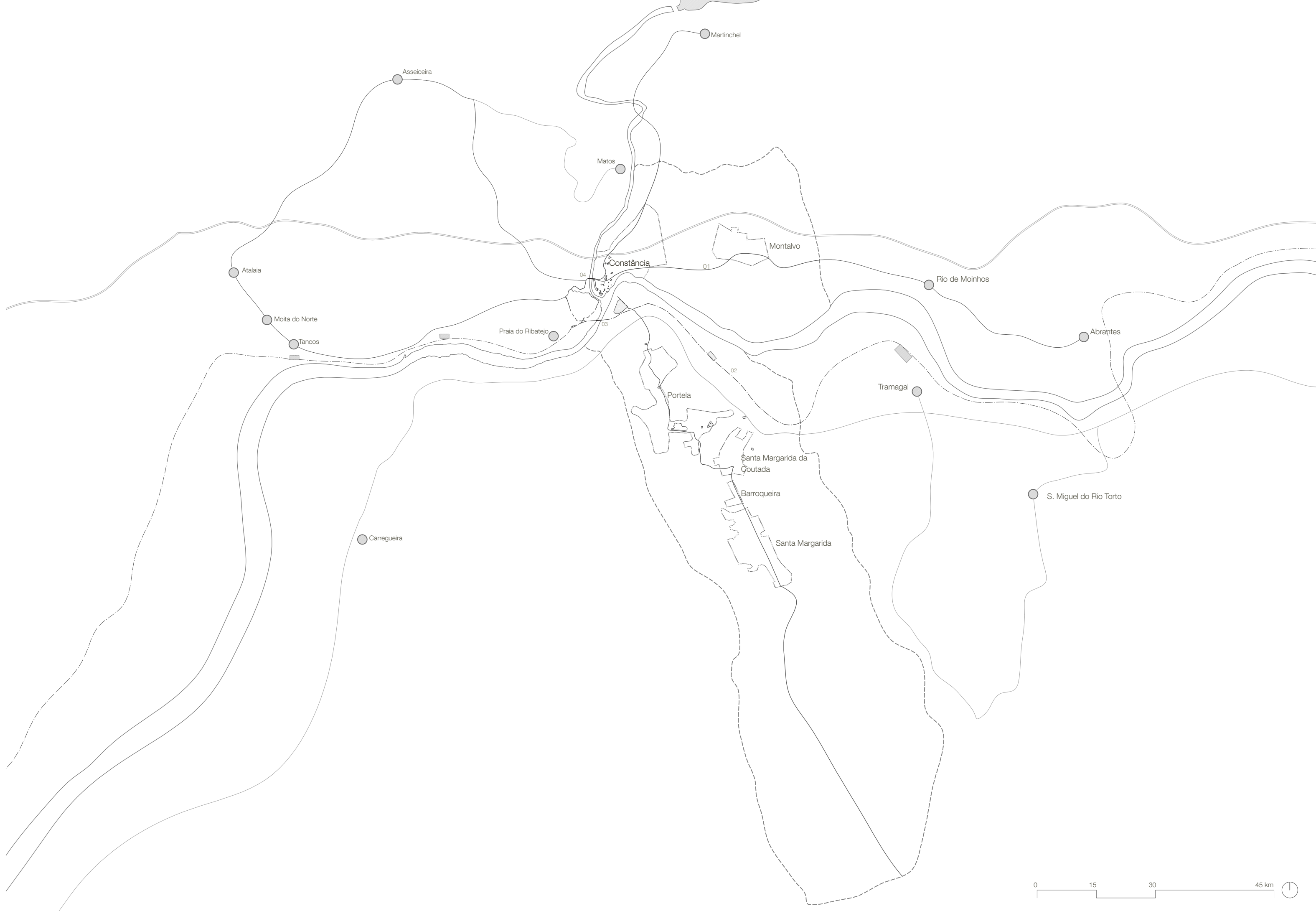
Acesso de Comboio . 02

Ligações Constância

Ponte sobre o Tejo . 1861 . 03

Ponte sobre o Zêzere . 1890 . 04

Esquema do Concelho de Constância . ESCALA . 1 : 80 000



CORTE PROGRAMÁTICO . EQUIPAMENTOS

- EQUIPAMENTOS
- Religiosos
- Igreja Matriz . 01
 - Capela de Santa Ana . 02
 - Igreja da Misericórdia . 03
 - Cemitério de Nossa Senhora da Conceição . 04
- Cultural
- Casa do Tejo . 05
 - Torre do Relógio . 06
 - Casa Museu Grão Vasco . 07
 - Casa João Chagas . 08
 - Casa dos Arcos . 09
 - Jardim Horto-Camoniano . 10
 - Antiga Cadeia . 11
 - Museu dos Rios e das Artes Marítimas . 12
 - Biblioteca Municipal . 13
 - Vestígios do Castelo de Punhete . 14
 - Vestígios do Porto de Embarque . 15
 - Monumento a Camões . 16
 - Pelourinho . Praça Alexandre Herculano . 17
 - Arquivo Municipal . 18
- Administração e Serviços Públicos
- Bombeiros Voluntários . 19
 - Câmara Municipal . 20
 - Registo Civil . 21
 - Instalações Sanitárias . 22
 - Correios . 23
 - Multibanco . 24
 - Praça de Táxis . 25
 - Posto de Combustível . 26
 - Paragem de Autocarro . 27
- Ensino
- Escola Básica de Constância . 28
- Saúde
- Centro de Saúde . 29
- Indústria
- Fábrica de Papel da Caima . 30
- Lazer
- Anfiteatro . 31
 - Centro Náutico de Constância . 32
 - Parque Rural . 33
 - Clube Estrela Verde . 34
 - Jardim Marginal de Camões . 35
 - Ponto de Turismo . 36
 - O Palácio . 37
 - Cafetaria . 38
 - Cine-teatro Municipal . 39
- Planta de Equipamentos . ESCALA . 1 : 4 000



01

Equipamentos Constância . 1801 a 1850

Militar

- 0.01 . Castelo Temporario de Punhete
- 0.02 . Castelo do Zêzere

Acessibilidade

- 0.03 . Ponte das Barcas
- 0.04 . Portos Fluviais

Religiosos

- 0.05 . Igreja de Nossa Senhora dos Mártires
- 0.06 . Capela de Santa Ana
- 0.07 . Capela de São Pedro
- 0.08 . Igreja da Misericórdia
- 0.09 . Igreja de Santa Conceição
- 0.10 Igreja de São Julião

Equipamentos Públicos

- 0.11 . Casa dos Arcos
- 0.12 . Cadeia Velha



32

04

33

22

21

03

08

25

17

10

31

14

09

36

35

06

23

11

15

12

16

22

05

24

09

02

13

27

39

18

24

05

26

27

19

01

28

29

30

30

30

30

30

30

30

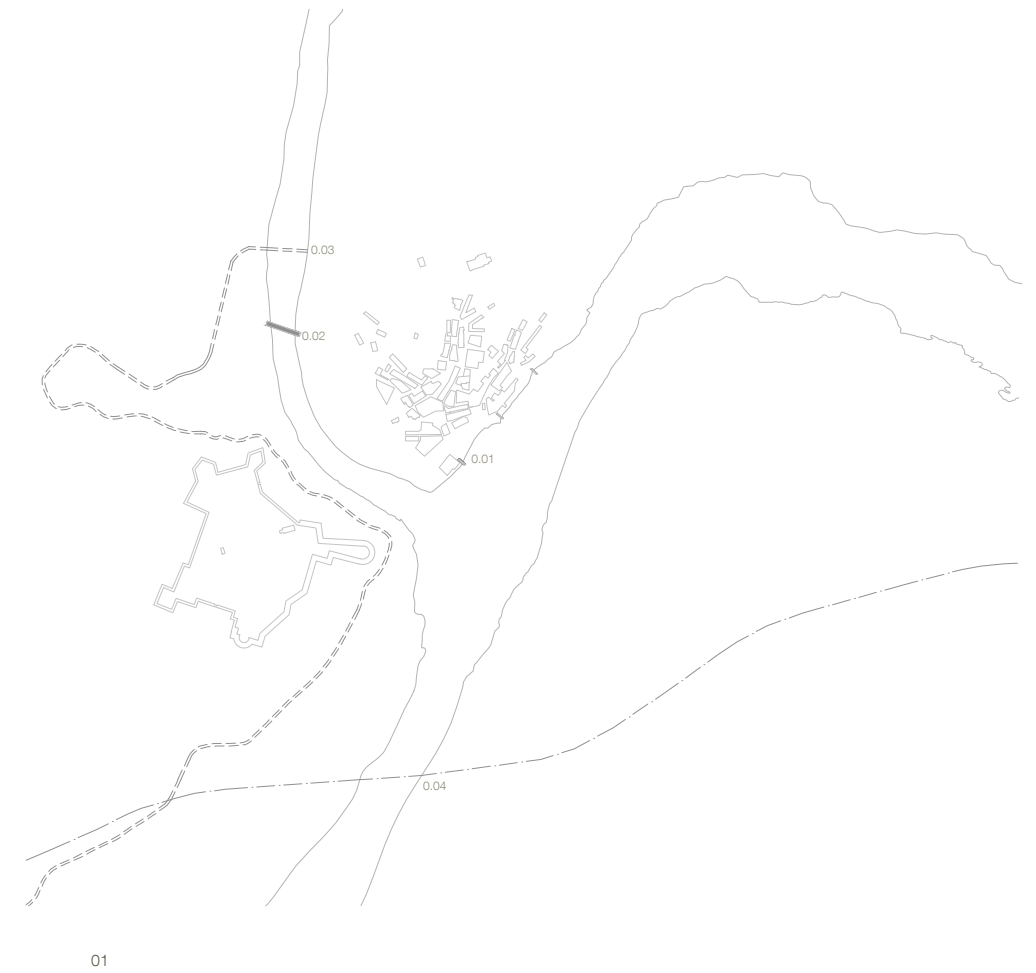
B.O

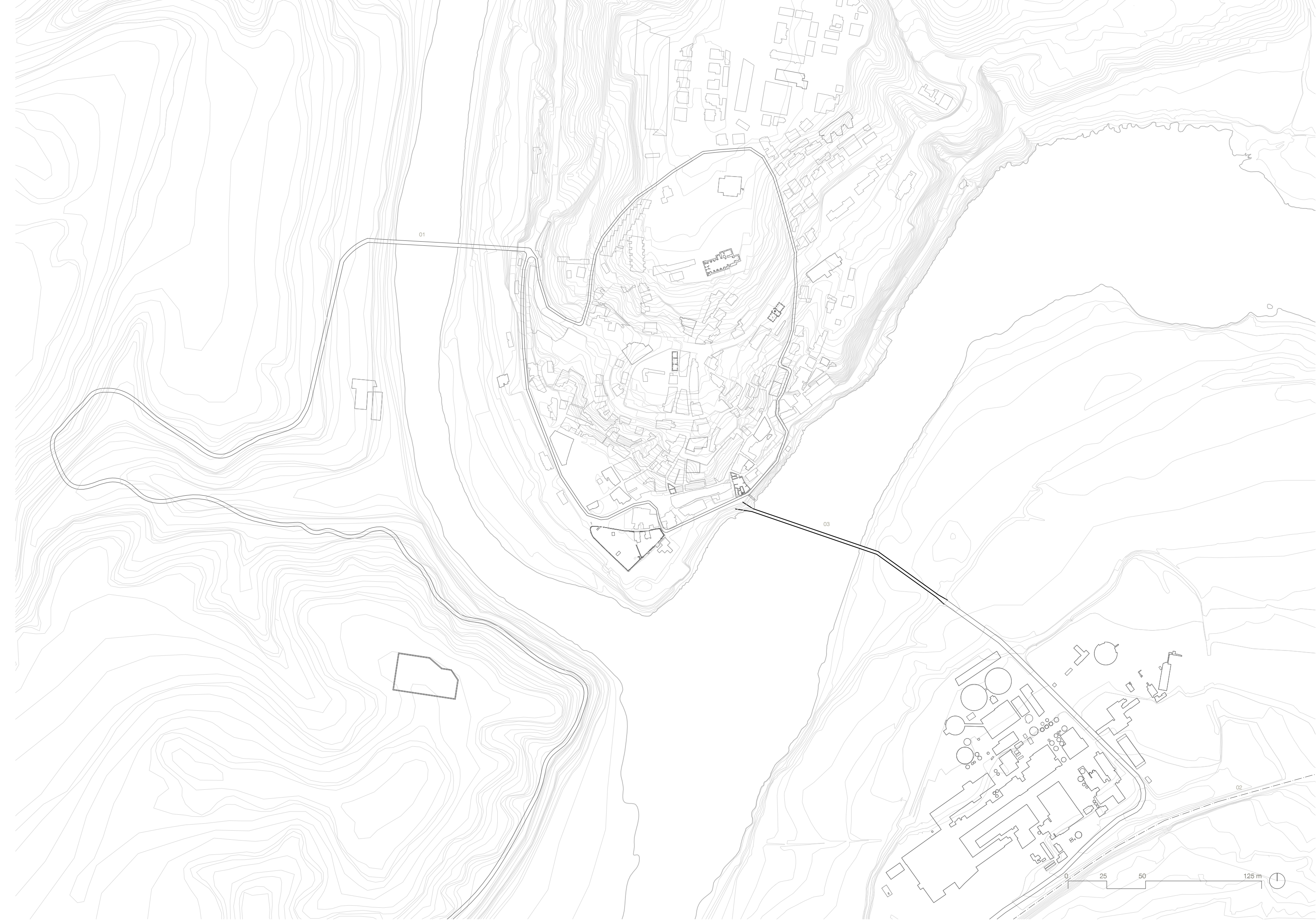


CORTE PROGRAMÁTICO . ACESSIBILIDADE

É proposta a criação de uma ponte pedonal que faça a ligação directa entre as duas margens, esta, parte do remate da fábrica com o parque fluvial, tendo um ponto de flexão quando alcança a linha de costa, direccionando-se para Constância, marcando uma nova entrada na vila. Um ponto de chegada que pretende criar um novo olhar sobre a margem oposta, não sendo apenas um local de passagem, mas um local de permanência, trabalhando as margens e as relações entre elas. A ponte pedonal cobre uma distância de 300 metros atravessando o rio Tejo e a área do parque fluvial.

O atravessamento permite um aumento da circulação dentro do próprio concelho, através da ponte pedonal é facilitada a passagem entre os trabalhadores da fábrica que residem na Vila, bem como todos os moradores de ambas as margens que pretendam circular entre elas. No ponto de contacto entre a estrada e o começo da ponte, na margem sul do rio, existe um ponto de estacionamento público, de modo a facilitar o acesso automóvel. Servindo também as pessoas que percorrem a plataforma Observatório da Paisagem, que ao chegarem ao porto fluvial têm acesso, através do passadiço, ao ponto de arranque da ponte.





01

03

02

0 25 50 125 m

CORTE PROGRAMÁTICO . LINHA DE COSTA

"...constructing wholes by inter-relating parts."³⁹

Georg Simmel
EQUIPAMENTOS
Registo Civil . 01
Ponto de Turismo . 02
Casa João Chagas . 03
Igreja da Misericórdia . 04
Jardim Horto-Camoniano . 05
Cafetaria . 06
Vestígios do Castelo de Punhete . 07
Anfiteatro ao ar livre . 08
Parque Rural . 09
Vestígios do Porto de Embarque . 10
Casa dos Arcos . 11
Antiga Cadeia . 12
Casa do Tejo . 13
Instalações Sanitárias . 14
Acessos
Via apenas Automóvel . 15
Via Automóvel e Pedonal sem marcação do espaço . 16
Via apenas Pedonal . 17
Estacionamento Automóvel . 18
Praça de Táxis . 19
Espaço Público
Praça Alexandre Herculano . 20
Passeio Pedonal pela Linha de Costa . 21
Escadas de acesso à área de Aluvião . 22
Aluvião . 23
Espaços Verdes . 24
Materialidade
Tijolo de Burro Laranja . 25
Pedra da calçada Branca e Preta . 26
Seixo Rolado . 27
Muros de Contenção do Terreno Pedra Aparelhada . 28
Arborização Existente
Salgueiros . Folha Caduca . 20 a 25 metros de altura . 29
Choupos . Folha Caduca . até 35 metros de altura . 30
Freixos . Folha Caduca . 25 metros de altura . 31
Planta Linha de Costa . ESCALA . 1 : 4 000

Apenas os seres humanos são capazes de relacionar e de separar, sendo o conceito sempre dependente um do outro, para se poder unir tem de se conseguir separar. A ponte enquanto objecto não liga apenas dois pontos fisicamente, mas sim porque torna a relação imediatamente visível. Forçando o olhar a relacionar partes da paisagem, observando-as como uma só representação. A ponte torna a distância entre as margens medível. Torna-se um símbolo de como o ser humano separa e une o que existe na natureza, como tal, duas margens do rio têm de ser consideradas em separado para poderem ser ligadas.⁴⁰

A linha de costa é definida por uma via automóvel, não existindo uma via de circulação pedonal. Esta lacuna é assumida como premissa para a redefinição da margem, privilegiando o espaço público, através do desenho de uma linha de passeio paralela ao muro de contenção, que irá de encontro à ponte pedonal, entendida como extensão do espaço público, evidenciando apenas o afastamento das margens e não a sua separação. Com o objectivo de transcender a ideia de um concelho separado, mas a partir do qual, com a construção de uma ponte, a relação visual entre partes da paisagem é forçada.

39 . SIMMEL, Georg. The Bridge and the Door In Qualitative Sociology, Vol,17, 4 de Novembro, 1994, p. 402

40 . Ibidem p. 407



PONTE

Entre Margens . Antigo Porto . Ana Dias . 12 Setembro 2014 . fig.47

Entre Margens . Ana Dias . 12 Setembro 2014 . fig.48

Entre Margens . Ponto de Remate . Ana Dias . 7 Dezembro 2013 . fig.49

Rio Tejo . Ana Dias . 7 Dezembro 2013 . fig.50

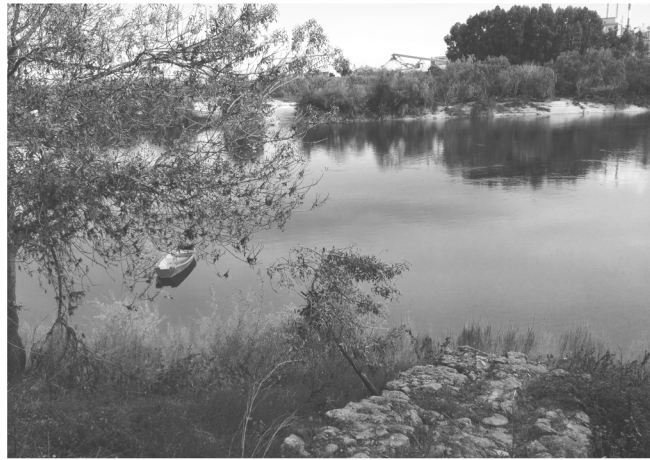
Relação Rio . Vegetação Ribeirinha . Ana Dias . 12 Setembro 2014 . fig.51

Remate Antigo Porto . Linha de Costa . Ana Dias . 7 Dezembro 2013 . fig.52

Rio Tejo . Ana Dias . 7 Dezembro 2013 . fig.53

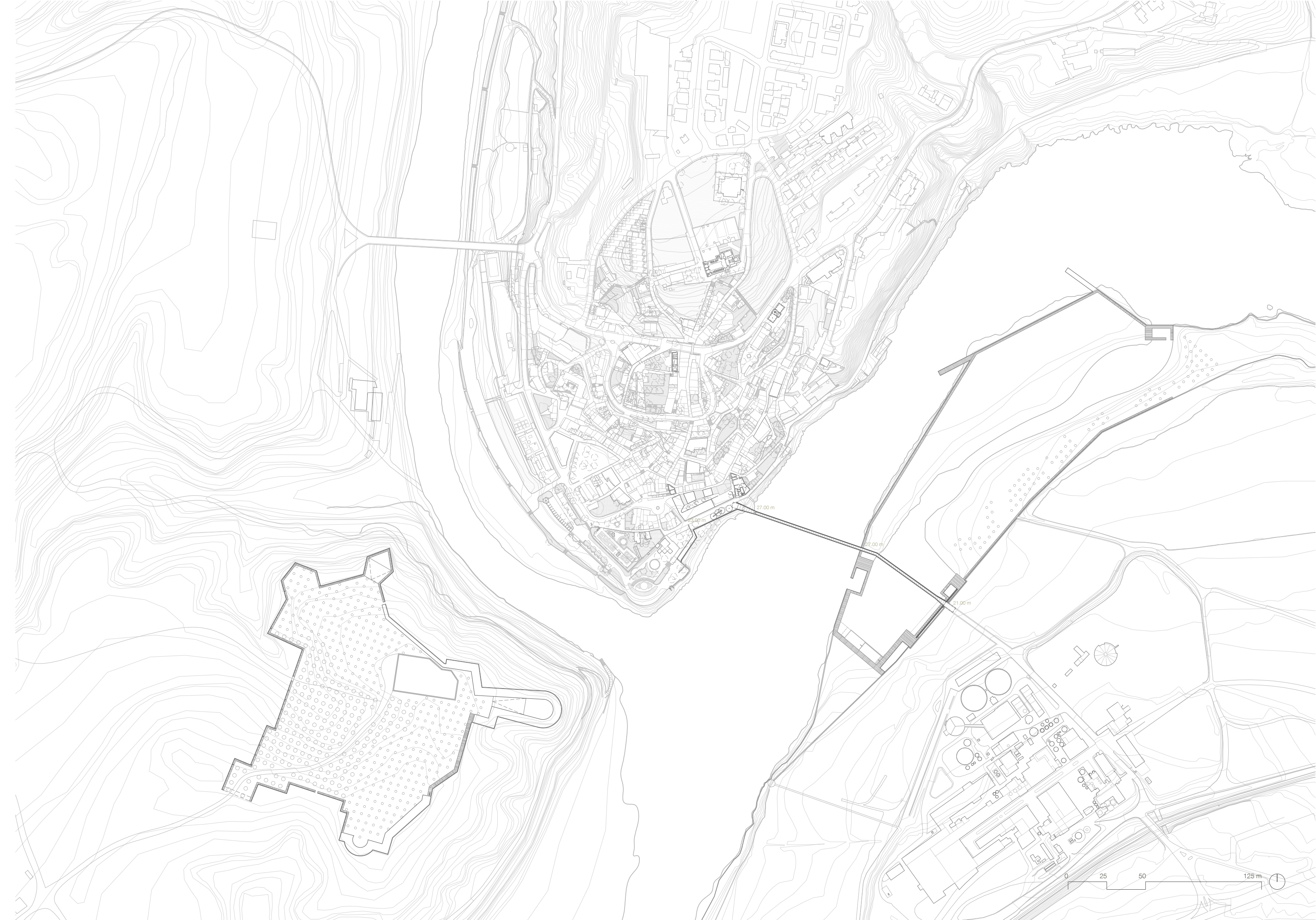
Entre Margens . Ana Dias . 7 Dezembro 2013 . fig.54

Relação Margem . Fachada . Ana Dias . 7 Dezembro 2013 . fig.55



O ponto de encastramento da ponte com a margem da Vila é evidenciado por um alargamento do espaço público, através da criação um miradouro sobre o rio Tejo, que compõe a relação do Centro de Investigação com a linha de costa e ponte. Este espaço é marcado com a mesma materialidade da ponte, estendendo-se ao longo do percurso ribeirinho até coincidir com o que resta da antiga fortificação de Constância, que se encontra no ponto de confluência dos rios. A partir da transformação do espaço público é pretendida a ligação não só das margens bem como a unificação do espaço.

A ponte não é apenas uma estrutura que permite a ligação entre as margens mas sim uma extensão da rua, que em conjunto com o miradouro e a redefinição da linha de costa faz a reestruturação do espaço público da Vila. Este percurso possui a mesma materialidade que caracteriza Constância. O atravessamento é construído através de uma estrutura pênsil com cabos de aço tencionados presos através de tirantes no terreno. É constituída por lajetas de betão armado pré-fabricadas que são presas aos cabos, criando a imagem de uma linha que pousa sobre os apoios encastrados nas margens do mesmo território.



27.00 m

27.00 m

27.00 m

21.00 m

0 25 50 125 m

"By relating the unrelated, the mind builds the bridge that allows us to experience the two stimuli as a unit, as a whole. This whole, or unity, is a mental phenomenon."⁴¹

Georg Simmel

Para vencer o leito de estiagem, onde a cota máxima registrada dos 100 anos foi de 24 metros, após a construção das barragens, a ponte atinge no seu ponto mais baixo a cota dos 24,5 metros. Este ponto de cota mais baixa não se encontra a meio do tabuleiro de forma a permitir a navegação do rio numa das suas extremidades. Actualmente uma das actividades de lazer concentradas no rio são os percursos de canoagem, de curta e longa duração que percorrem o médio Tejo, a sua navegação fica assim concentrada na margem sul do rio, junto ao parque fluvial.

A ponte fará não só a união física entre as margens do concelho, criando um acesso pedonal necessário, mas também irá unir de um modo transcendente os dois pontos. Ao tornar a distância medível visualmente aproximam-se os dois polos outrora independentes. Ao ser um local de passagem é importante que se entenda também como uma extensão do espaço público, focado no rio e no seu potencial. A ponte torna-se paralelamente o elo de ligação entre as três margens, tendo uma relação directa com o centro de investigação e o parque fluvial, e uma relação visual forte com o parque cultural.

PONTE

Miradouro sobre o Rio Tejo . 01

Fundações . 02

Planta Atravessamento . ESCALA . 1 : 2 000

41 . Simmel, Georg. The Bridge and the Door In Qualitative Sociology, Vol,17, 4 de Novembro, 1994.

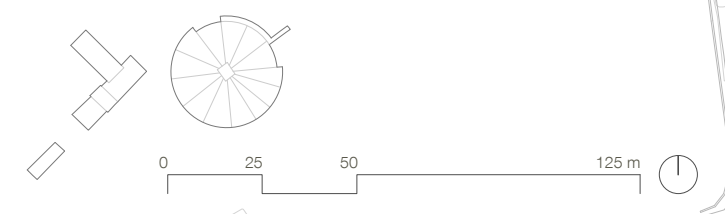


23.00 m
01

27.00 m

27.00 m

21.00 m
02

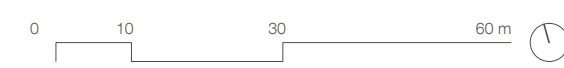
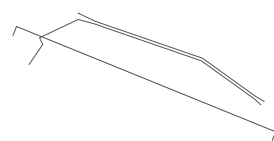
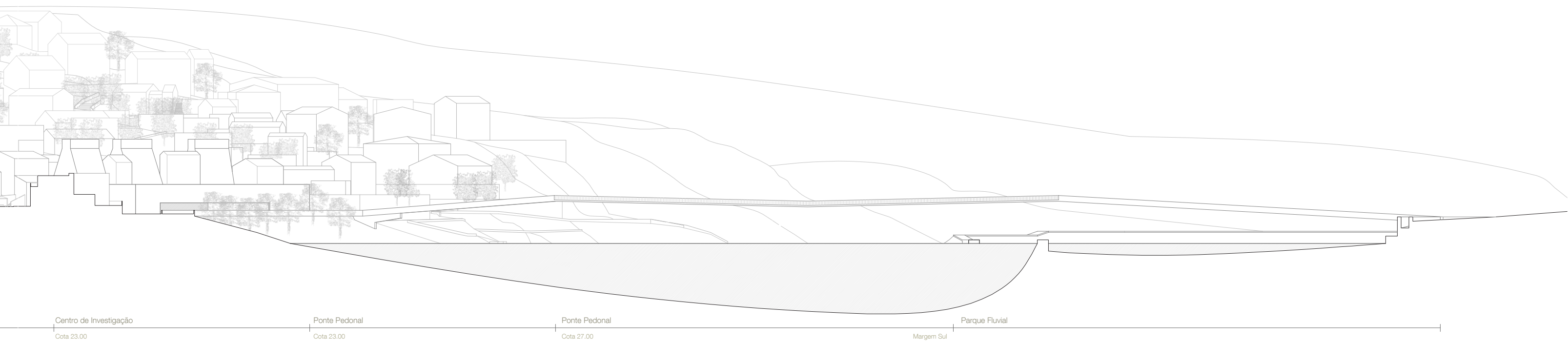


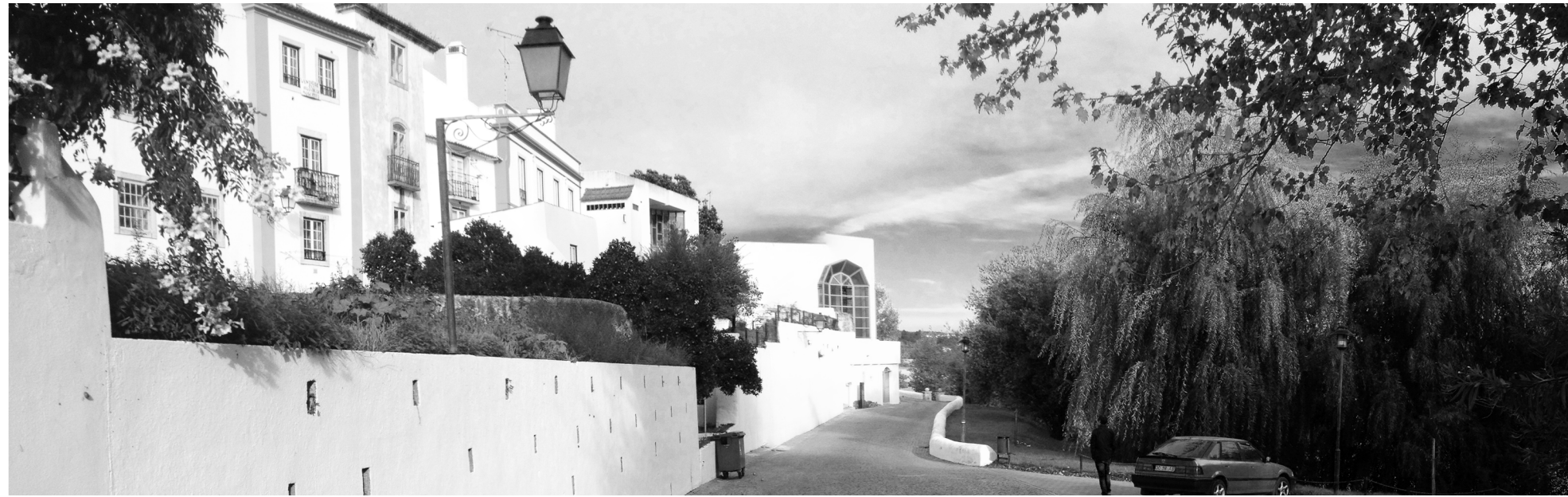


Rio Zézere

Centro da Vila

Cota 27.00





ARTICULAÇÃO DA PAISAGEM
VIGILÂNCIA . CONTEMPLAÇÃO . ATRAVESSAMENTO . PORTA

PORTA

"... the door becomes the symbol for the threshold on which humans always stand or can stand."⁴²

Georg Simmel

O percurso que se toma, partindo de Lisboa, onde se percorre o vale do Tejo até Constância, é em si, uma redescoberta do território. Cria-se um imaginário sobre o lugar a partir do rio. Até chegar ao Centro de Investigação, onde se proporciona um contacto com uma realidade expositiva de escala muito mais alargada, não se focando apenas num lugar específico mas sim na imagem de todo o território. Destinado a quem percorre a plataforma como a quem pretende conhecer a diversidade de paisagens do país, este espaço constitui um arquivo, ou atlas público sobre o território que é Portugal.

O centro de Investigação sobre o Território e a Paisagem completa o perímetro marcado pelo miradouro sobre o rio e o arranque da ponte sobre a margem histórica de Constância. Define o ponto de transição entre parte da frente ribeirinha e a frente do actual centro público da vila. A linha de costa torna-se no elemento definidor do edifício, inserindo-se na envolvente que compõe o alçado da frente ribeirinha. O edifício transforma-se na Porta de entrada de duas realidades distintas, no cruzamento entre a realidade da Vila e a realidade da nova aproximação com o rio e a margem sul.

Ao contrário da ponte, o edifício torna mais evidente o acto de separar e relacionar como parte da mesma acção. Pois transforma-se no ponto onde o rio e a vila se ligam, mas ao mesmo tempo onde se separam. Para conseguir trabalhar no limiar entre os dois contextos, foi necessário a sua análise para assim se conseguir relacionar como partes de um todo. Ponto de união e transição entre a vila e tudo o que se encontra exterior a ela, onde a possibilidade de percorrer as duas realidades é uma escolha do ser humano, uma possibilidade permanente de contínua alteração.

Implantação da Proposta . Centro de Investigação . ESCALA . 1 : 4 000

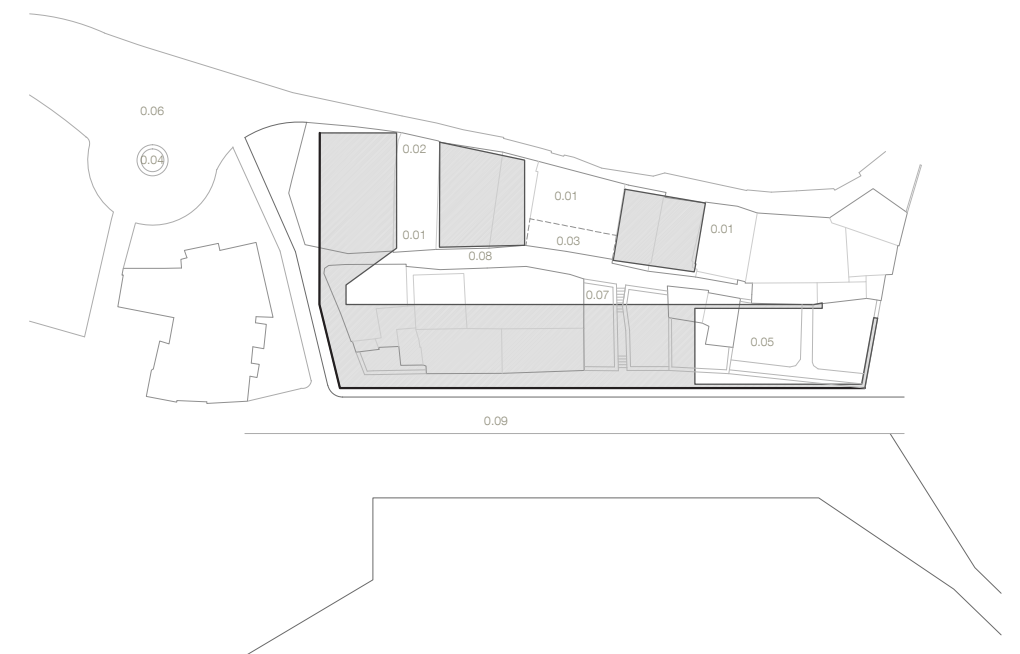
⁴² . Simmel, Georg, The Bridge and the Door In Qualitative Sociology, Vol,17, 4 de Novembro, 1994.



O projecto implanta-se num antigo quarteirão residencial que faz a transição entre o rio e o centro público da Vila. O centro de investigação redefine o alçado da linha de costa e da frente da praça, marcando o ponto de transição entre os dois momentos. Ocupa na sua totalidade os edifícios do quarteirão que constituem a frente ribeirinha, actualmente caracterizada por estruturas muradas abandonadas e um jardim público que faz a transição de cotas. Bem como alguns dos edifícios residenciais, que se encontram devolutos e que constituem uma das fachadas da Praça e a frente da rua que marca o acesso automóvel.



O projecto implanta-se num antigo quarteirão residencial, dividido por uma rua interior sem saída, que faz a ligação entre a praça principal da Vila ao interior do quarteirão possuindo um jardim público que faz o acesso à linha de costa. A rua interior é prolongada passando a atravessar todo o quarteirão ligando a praça à escadaria do limite Este. O projecto desenvolve-se em torno da rua, constituído por um piso subterrâneo comum a toda a área livre do quarteirão ligada aos edifícios devolutos. Uma das premissas para o Centro de Investigação é adaptar o projecto à escala do quarteirão.



01

Sobreposição Quarteirão Actual . Proposta

Programa

0.01 . Habitação

0.02 . Restauração

0.03 . Instalações Sanitárias

0.04 . Pelourinho

0.05 . Jardim Privado

Espaço Público

0.06 . Praça Alexandre Herculano

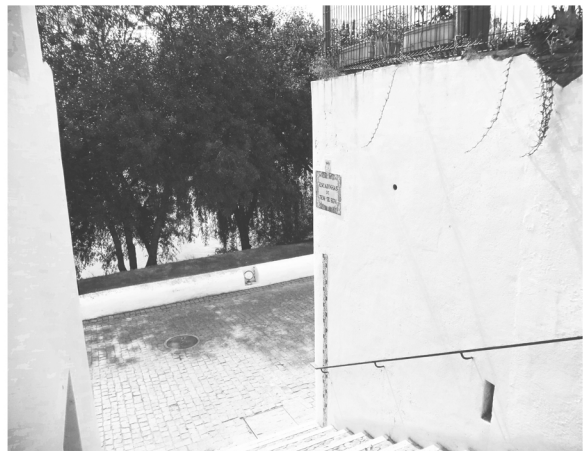
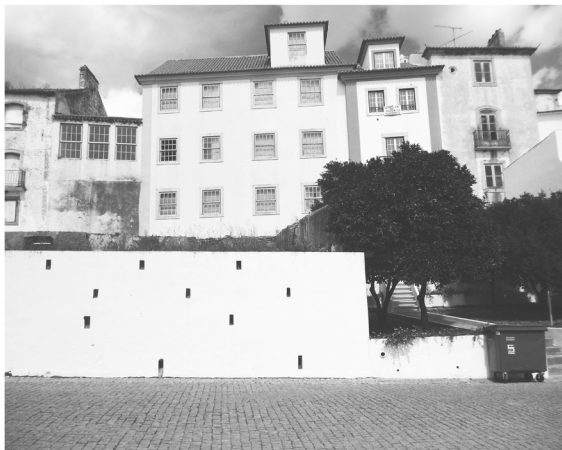
0.07 . Jardim Público

0.08 . Rua Interior

Acessos

0.09 . Via de Acesso Automóvel

- Ponto de Transição Rio . Vila . Ana Dias . 12 Setembro 2014 . fig.57
- Fachada Frente Ribeirinha . Ana Dias . 12 Setembro 2014 . fig.58
- Fachada Frente Ribeirinha . Ana Dias . 12 Setembro 2014 . fig.59
- Escadaria Limite Quarteirão . Ana Dias . 12 Setembro 2014 . fig.60
- Fachada Frente Ribeirinha . Ana Dias . 12 Setembro 2014 . fig.61
- Relação Quarteirão . Rio . Ana Dias . 12 Setembro 2014 . fig.62
- Relação Quarteirão . Rio . Margem . Ana Dias . 12 Setembro 2014 . fig.63
- Rua Limite Norte . Ana Dias . 12 Setembro 2014 . fig.64
- Rua Limite Norte . Ana Dias . 12 Setembro 2014 . fig.65
- Rua Limite Norte . Ana Dias . 12 Setembro 2014 . fig.66
- Praça Alexandre Herculano. Quarteirão. Ana Dias .12 Setembro 2014 . fig.67
- Quarteirão . Ana Dias . 12 Setembro 2014 . fig.68
- Rua Interior . Ana Dias . 12 Setembro 2014 . fig.69
- Rua Interior . Ana Dias . 12 Setembro 2014 . fig.70
- Rua Interior . Ana Dias . 12 Setembro 2014 . fig.71



Centro de Investigação . Espaços

 Espaço de Trabalho . 01

 Cota 27.00

 Atelier de Trabalho

 Estúdio de Fotografia

 Instalações Sanitárias

 Arquivo

 Área de Trabalho

 Espaço Público . 02

 Cota 23.00

 Rua Interior

 Exposição Temporária

 Exposição Constância

 Instalações Sanitárias

 Cafeteria

 Auditório

 Primeira Sala de Exposição Permanente

 Espaço Expositivo . 03

 Cota 16.60

 Galeria de Exposição

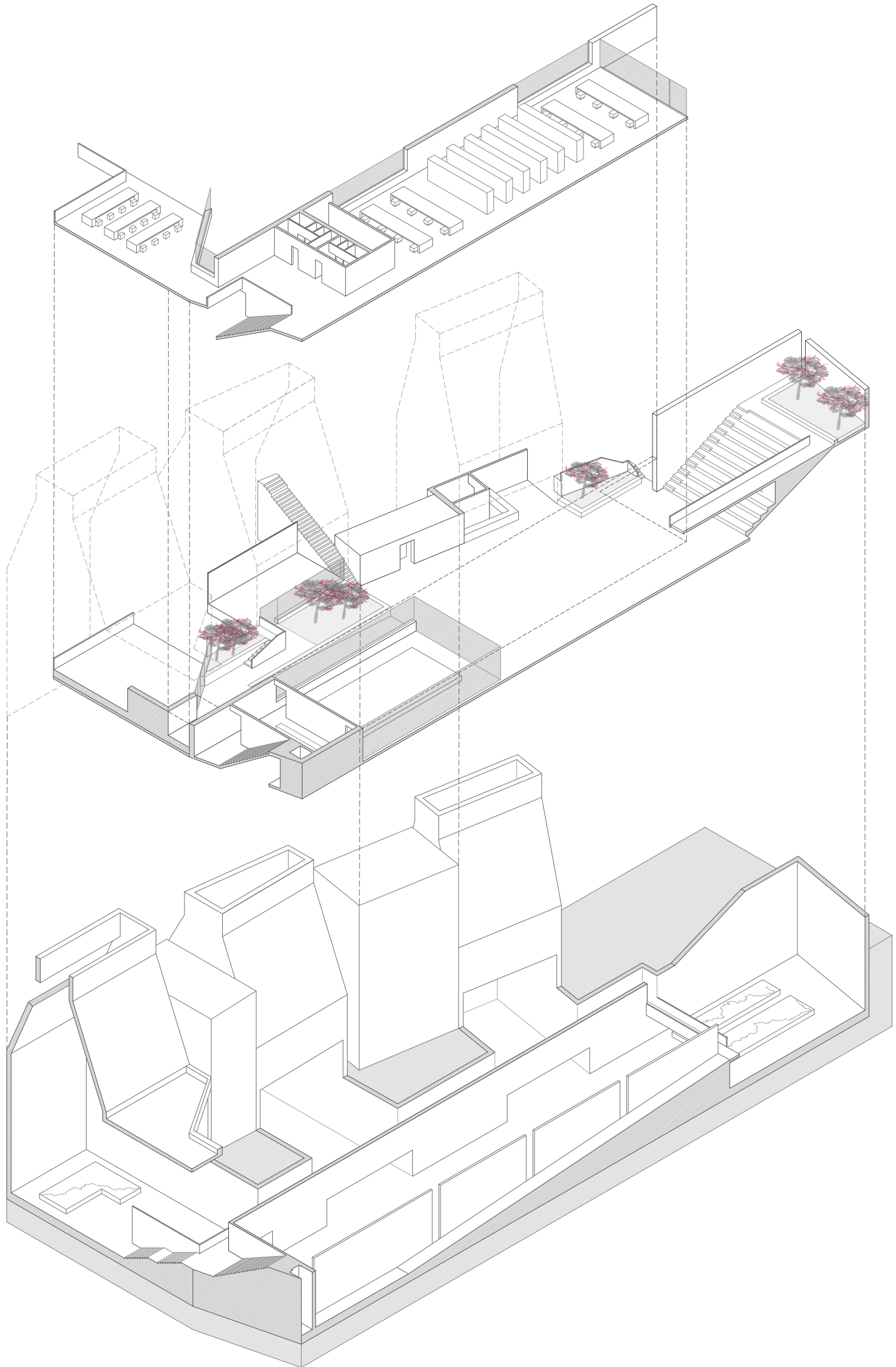
 Células

 Nave Central de Exposição

Axonometria . Divisão Programática Centro de Investigação

O Centro de Investigação divide-se em três espaços principais, público, expositivo e de trabalho. O espaço público é o elemento que faz a divisão programática do edifício. Posicionado à cota do piso térreo, permite a ligação às áreas expositivas de menores dimensões e temporárias, bem como as instalações sanitárias e cafeteria. Na cota inferior, enterrado, posiciona-se o espaço expositivo permanente, acessível a partir da rua interior. O espaço de trabalho faz a cobertura de parte do espaço público, posicionando-se à cota 27, rematando o alçado da linha de costa e formando dois espaços públicos distintos, um coberto e um descoberto.

01
27.00 m



02
23.00 m

03
16.60 m

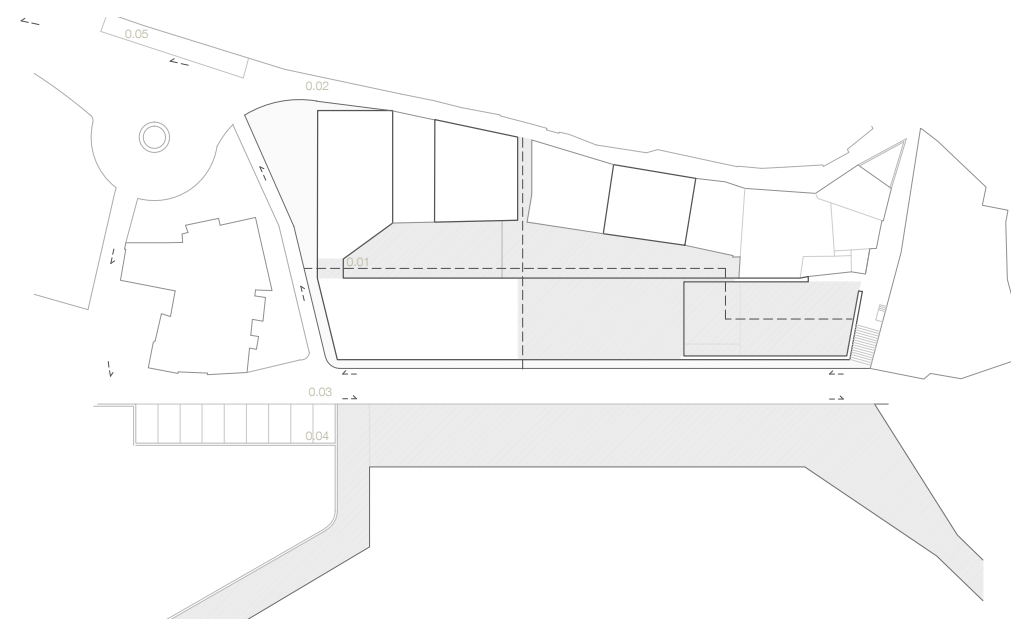
CENTRO DE INVESTIGAÇÃO . ESPAÇO PÚBLICO

Equipamentos Culturais
Vestígios do Antigo Castelo de Punhete . 01
Vestígios do Antigo Porto de Embarque . 02
Casa dos Arcos . 03
Cadeia Velha . 04
Pelourinho . 05
Jardim Horto-Camões . 06
Casa João Chagas . 07
Casa Museu Grão Vasco . 08
Espaço Público . Programas Públicos
Cafetaria . Restaurante . 09
Praça Alexandre Herculano . 10
Praça de Táxis . 11
Programa
Miradouro sobre o Tejo . 12
Rua Interior . 13
Espaço Público Coberto . 14
Área de Estacionamento Público . 9 lugares . 15
Programa . Centro de Investigação
Sala Exposições Temporárias . 16
Sala Exposição Constância . 17
Instalações Sanitárias . 18
Cafetaria . 19
Auditório . 20
Sala Exposição Permanente . 21
Acessibilidade
Via automóvel com dois sentidos . 22
Via com sentido restrito a veículos ligeiros . 23
Materialidade
Betonilha . 24
Pedra da Calçada Branca e Preta . 25
Seixo Rolado com Topos Cortados . 26
Seixo Rolado com Topos Cortados . Pequena Dimensão . 27
Arborização Existente
Salgueiro Chorão . Folha Caduca . 15 metros de altura . 28
Choupos . Folha Caduca . 35 metros de altura . 29
Freixos . Folha Caduca . 25 metros de altura . 30
Arborização Proposta
Freixos . Folha Caduca . 15 metros de altura . 31
Salgueiro Chorão . Folha Caduca . 15 metros de altura . 32

Implantação Centro de Investigação . Espaço Público . ESCALA . 1 : 500

A rua interior faz a transição entre duas cotas, a cota da praça e a cota da zona ribeirinha. Em conjunto com o espaço público coberto, formado pelo edifício, dando origem à zona de acesso aos programas do centro, às várias áreas expositivas bem como ao auditório que faz a transição de cotas. A rua interior em conjunto com a praça da Vila e o miradouro, que faz o remate da ponte, formam o novo espaço público, um ponto de união entre quem atravessa a ponte e quem percorre a vila.

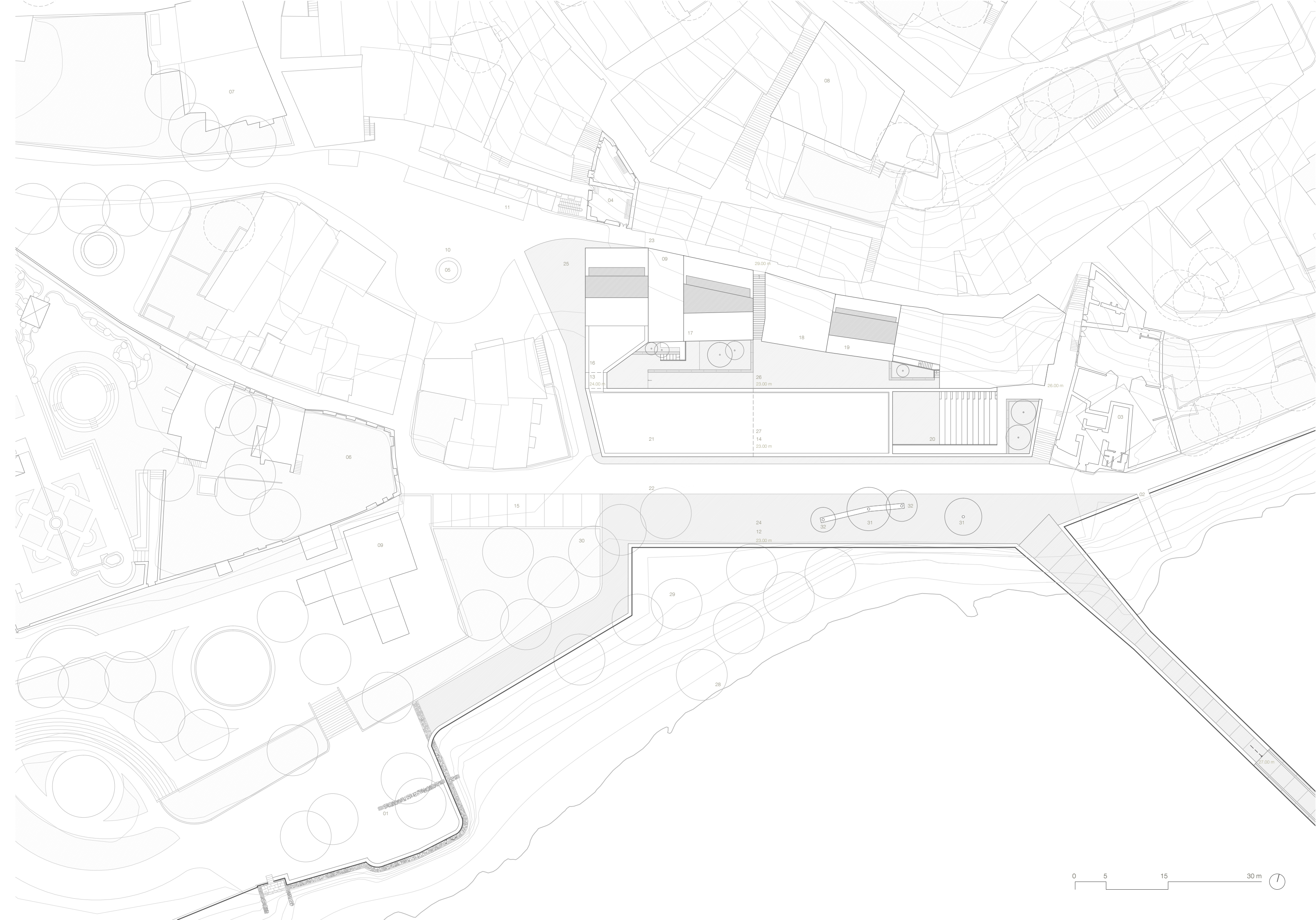
O auditório é o elemento programático que permite a transição entre a cota do espaço público da nova praça e o piso superior. Este espaço não possui cobertura, limitado pelas paredes verticais e pela relação directa com a praça coberta do centro de investigação. A cota superior do auditório permite o acesso ao piso de trabalho e ligação com as escadas laterais que limitam o quarteirão. Este espaço não pretende a criação de uma relação visual com a envolvente sendo encerrado sobre si próprio, sem aberturas para o exterior nas paredes laterais limitando a relação com o espaço exterior ao céu.



01

Proposta . Ligações

- 0.01 . Percurso Pedonal
- 0.02 . Percurso Automóvel restrito a veículos ligeiros
- 0.03 . Percurso Cargas e Descargas . Automóvel
- 0.04 . Estacionamento
- 0.05 . Praça de Táxis



07

08

11

04

10

05

25

09

29.00 m

17

18

19

16

26

23.00 m

26.00 m

03

06

21

27

14

23.00 m

20

22

15

24

12

23.00 m

32

31

31

08

30

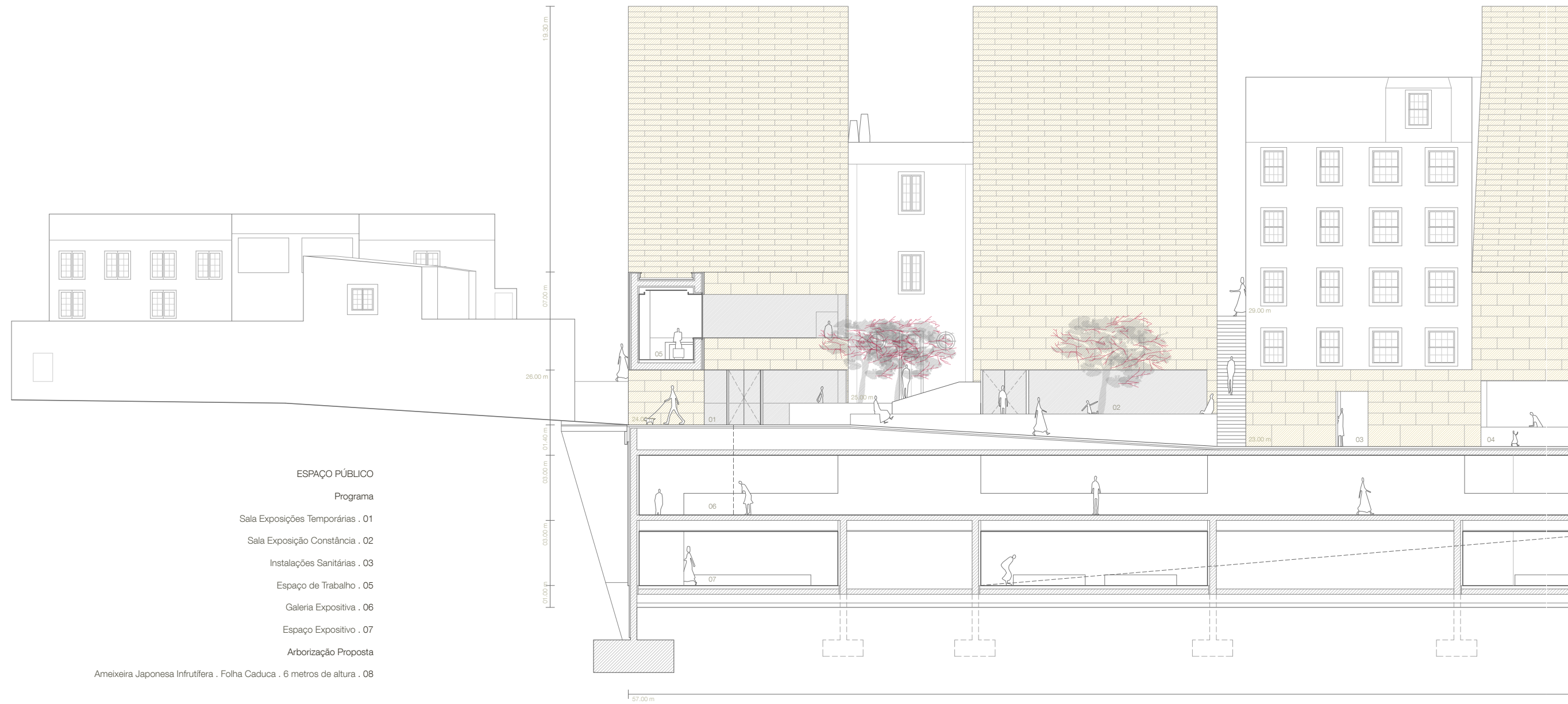
29

28

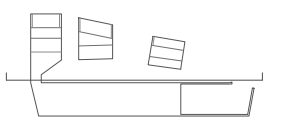
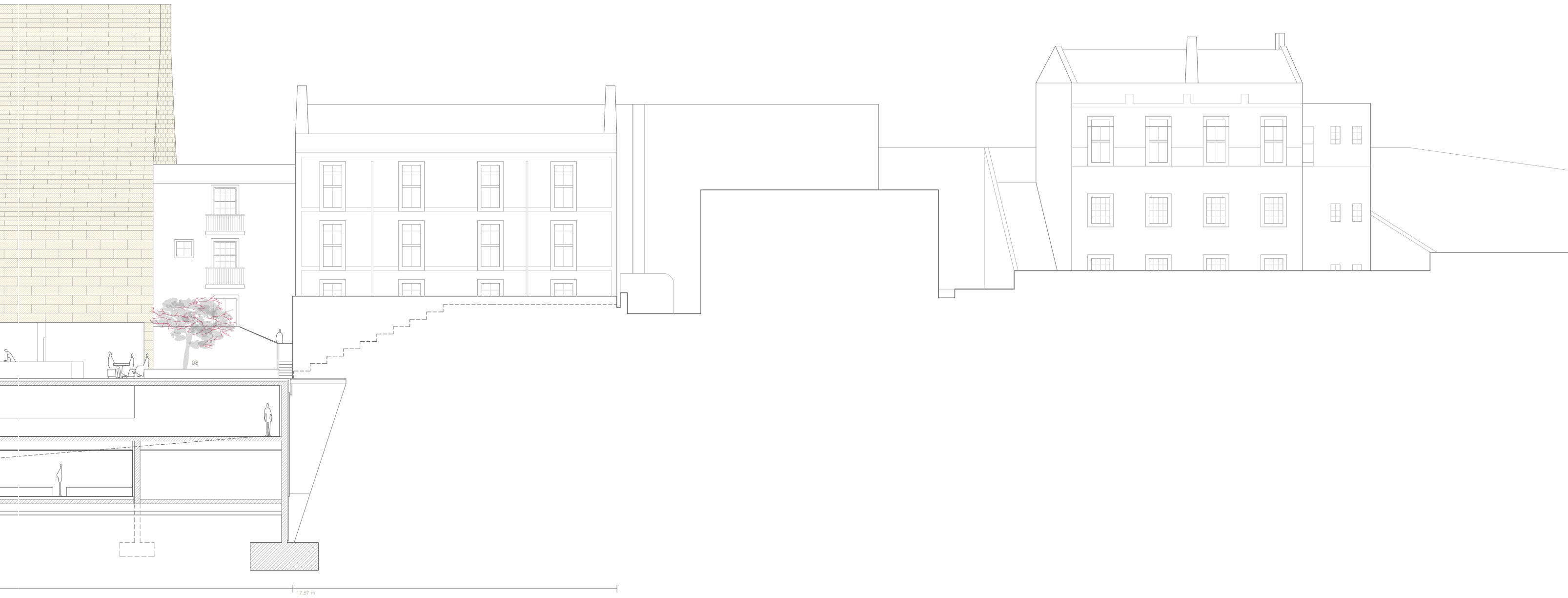
01

27.00 m





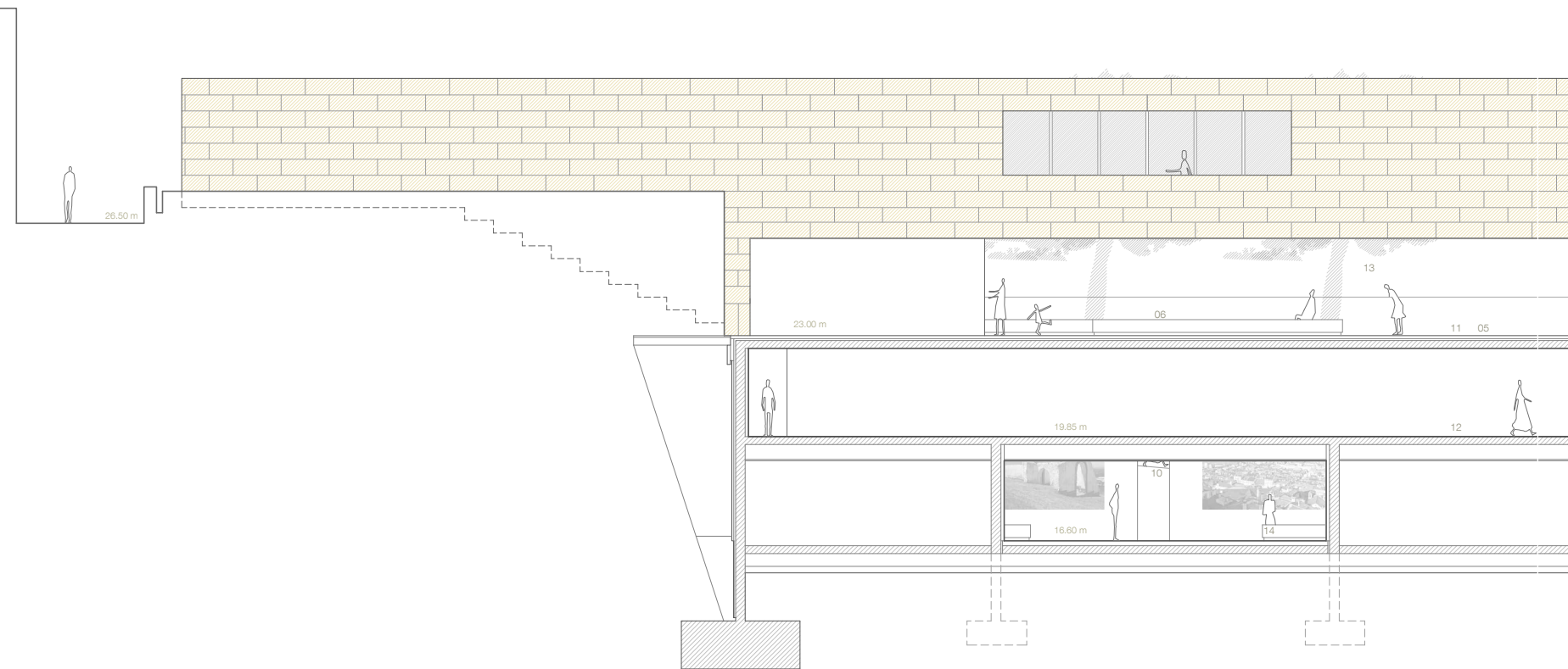
Corte Rua Interior . Espaço Público . ESCALA . 1 : 200

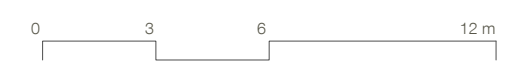
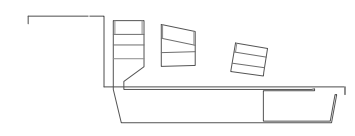
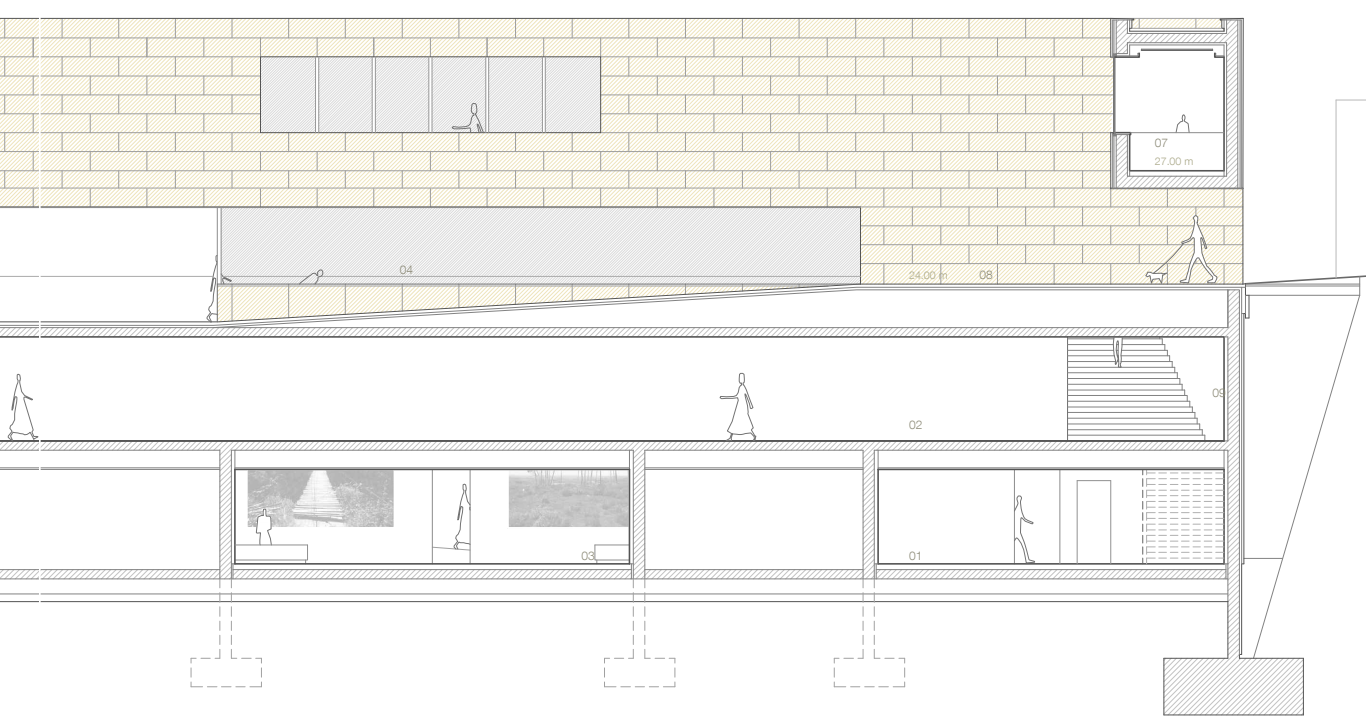


0 3 6 12 m

- ESPAÇO EXPOSITIVO . NAVE CENTRAL**
- Nave Principal . 01
 - Galeria . 02
 - Células de Exposição . 03
 - Sala Exposição Permanente . Sala da Maquete Geral . 04
 - Programa**
 - Rua Interior . 05
 - Miradouro sobre o Tejo . 06
 - Espaço de Trabalho . 07
 - Acessos**
 - Rampa . Acesso a partir do Centro Público da Vila . 08
 - Escadaria . Ligação Sala de Projeções a Galeria . 09
 - Rampa . Acesso à nave principal de Exposição . 10
 - Materialidade**
 - Seixo Rolado com topos cortados . 11
 - Betonilha . 12
 - Arborização Proposta**
 - Salgueiro Chorão . Folha Caduca . 15 metros de altura . 17
 - Mobiliário Urbano**
 - Banco . Mogno . 18

Corte Rua Interior . Espaço Público . Miradouro . ESCALA . 1 : 200





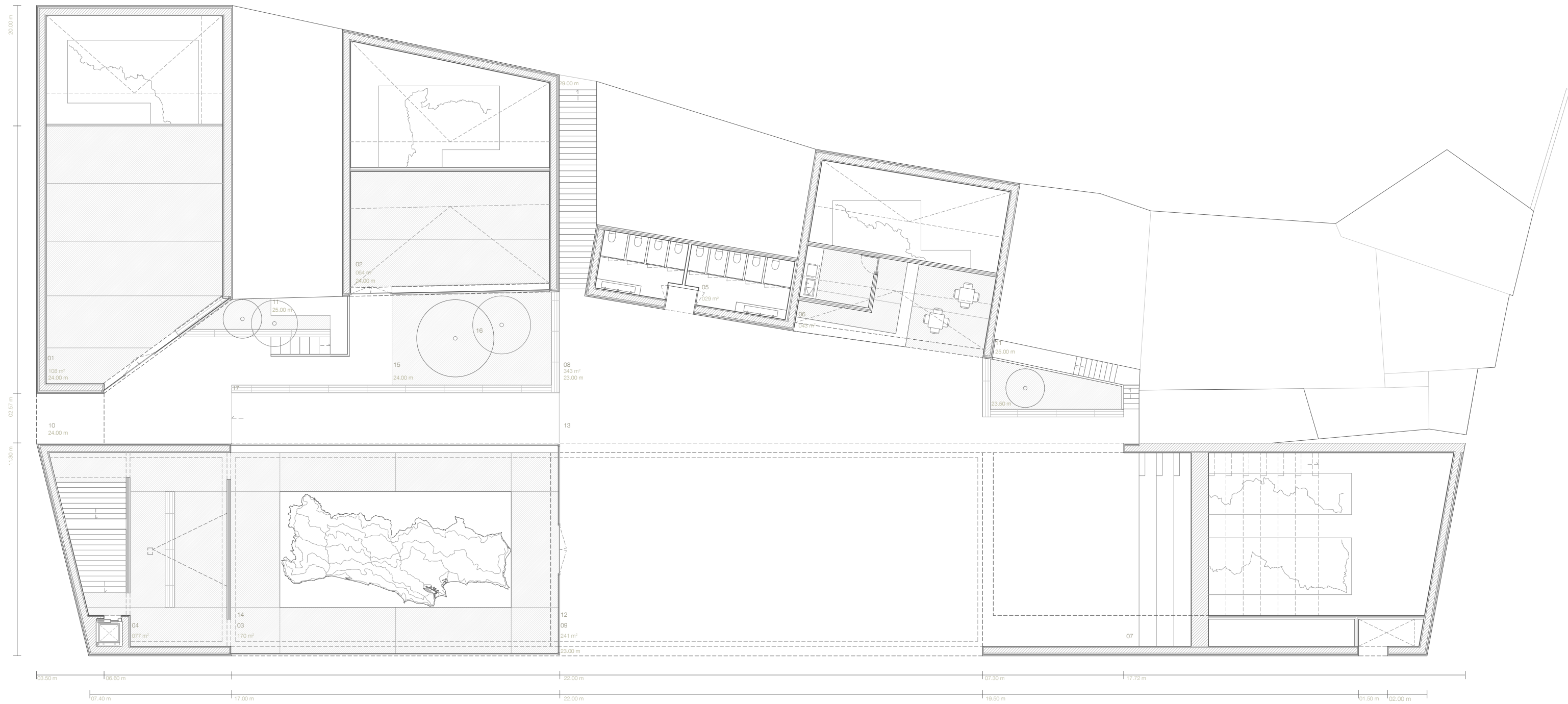
ESPAÇO EXPOSITIVO

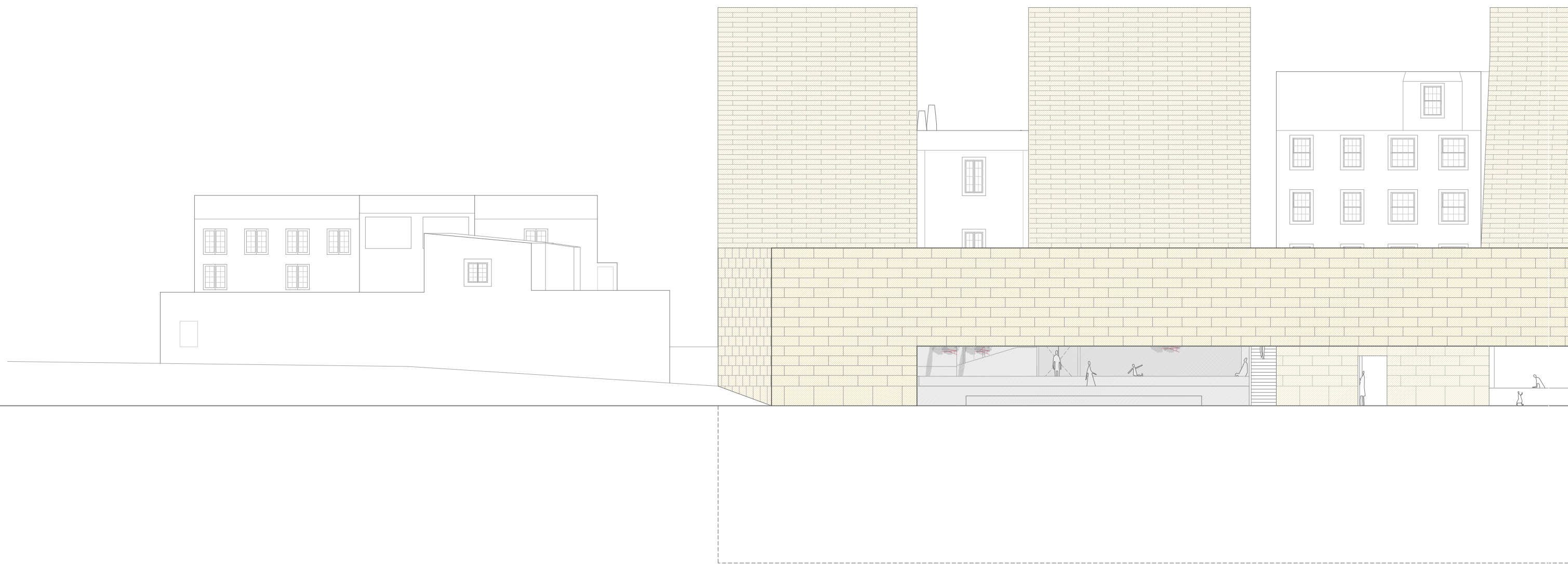
ESPAÇO EXPOSITIVO
Sala Exposições Temporárias . 01
Sala Exposição Constância . 02
Sala Exposição Permanente . Sala da Maquete Geral . 03
Sala de Projecções . 04
Programa
Instalações Sanitárias . 05
Cafetaria . 06
Auditório . 07
Rua Interior . 08
Praça Coberta . 09
Acessos
Acesso a partir do Centro Público da Vila . 10
Acesso aos Edifícios Pré-existentes . 11
Materialidade
Seixo Rolado com topos cortados . Pequena dimensão . 12
Seixo Rolado com topos cortados . 13
Betonilha . 14
Arborização Proposta
Terra Vegetal . 15
Ameixeira Japonesa . Folha Caduca . 6 a 7.5 metros de altura . 16
Mobiliário Urbano
Banco . Contenção de Terra Vegetal . Mogno . 17
Espaço Público . Cota 23 . ESCALA . 1 : 200

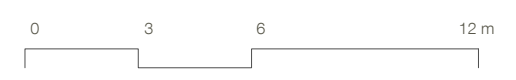
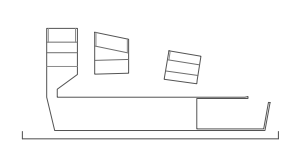
O objectivo do edifício é dar a conhecer, recorrendo a exposições e trabalhos relacionados com o território que é Portugal. Um território, pequeno na sua escala mas vasto em termos de informação, dar a conhecer o espaço onde se habita. Através da fotografia proporcionar a quem observa, a criação de um imaginário, de um atlas do território, construção da memória do lugar, permitir criar uma ligação pessoal e emocional com o espaço. Consequentemente o imaginário criado pela mente não corresponde plenamente à realidade, no entanto constrói-se um território pessoal, a partir do qual se analisa o lugar onde se habita.

A exposição permanente começa no piso térreo, com uma sala que possui três fachadas completamente envidraçadas, promovendo uma relação com a envolvente. Ao centro da sala encontra-se a maquete de Portugal com a sinalização dos oito percursos propostos. A sala está separada da zona de acessos por uma parede que possui uma breve explicação sobre o tema da exposição, sendo apenas um suporte, pois a maquete é o objecto principal. Esta encontra-se numa base de madeira pousada no chão, com meio metro de altura, este suporte terá sinalizado o nome de cada percurso na base.

A sala adjacente à sala da maquete possui uma zona de projecções com o objectivo de apresentar a exposição, ou seja, possui uma caracterização do projecto, uma explicação do método de trabalho, do uso da fotografia como construção do lugar. Também é feito o acesso ao piso subterrâneo, com um ponto de acessos vertical e uma escadaria que liga à galeria. Posicionam-se na extremidade do edifício junto às paredes estruturais, a escadaria cria um momento singular da área de exposições. Este piso da área de exposições é uma introdução ao tema, funcionando como espaço entre a envolvente e a exposição.







ESPAÇO EXPOSITIVO . GALERIA

O piso subterrâneo é composto por uma grande nave central, que possui no seu perímetro uma galeria intermédia, três metros acima do piso, que faz a ligação entre a escadaria e a rampa de acesso ao piso. Este piso faz a ligação entre todos os edifícios apropriados pelo centro de investigação, os que constituem a frente ribeirinha bem como os que se encontram devolutos que compõem o alçado da rua interior. São adossados à nave principal, criando células de exposição, que complementam a nave principal. A galeria posiciona-se paralelamente à rua interior, não interferindo com a estrutura da nave principal.

ESPAÇO EXPOSITIVO . GALERIA

Galeria de Exposição . 01

Células de Exposição . 02

Galeria Técnica . Projectores . 03

Nave Principal . 04

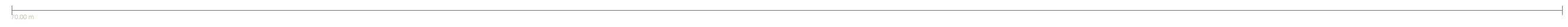
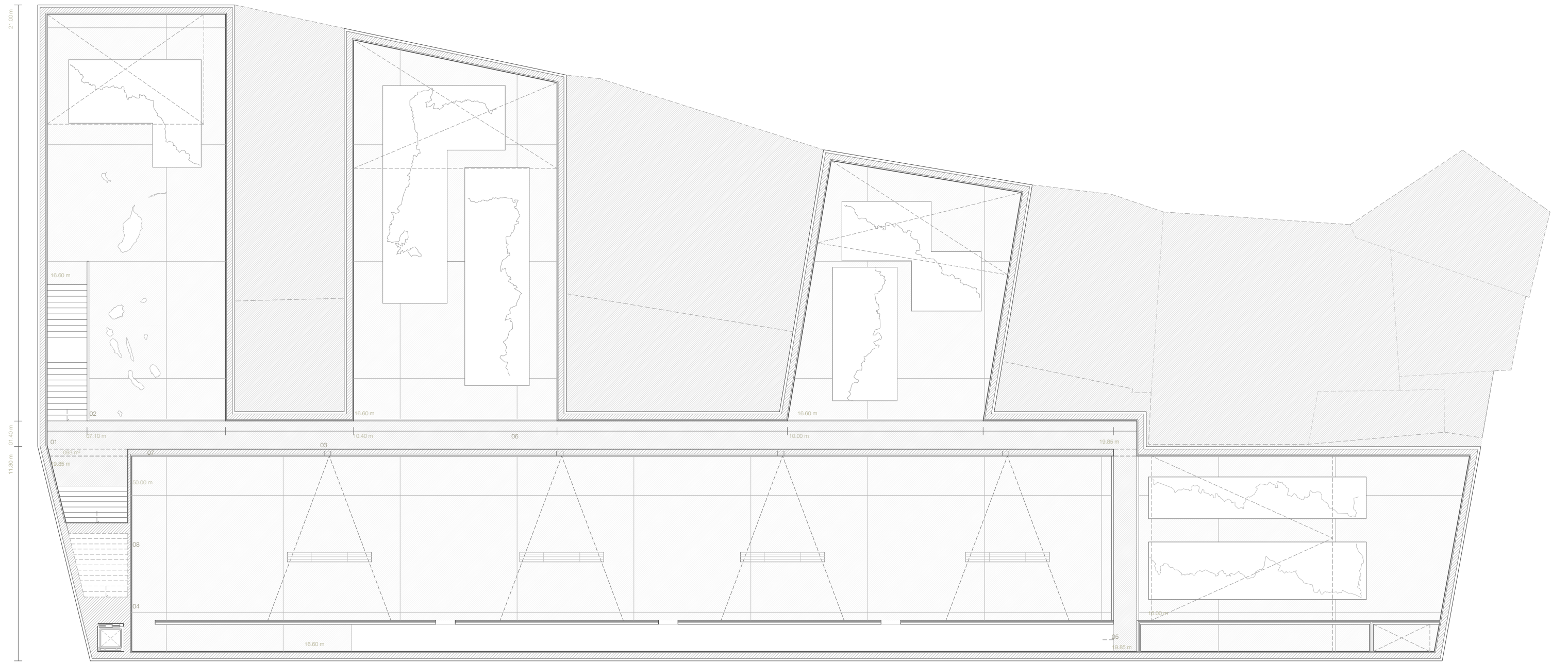
Rampa de acesso à Nave . 05

Materialidade

Pavimento . Betonilha . 06

Parede . Betão Armado à Vista . 07

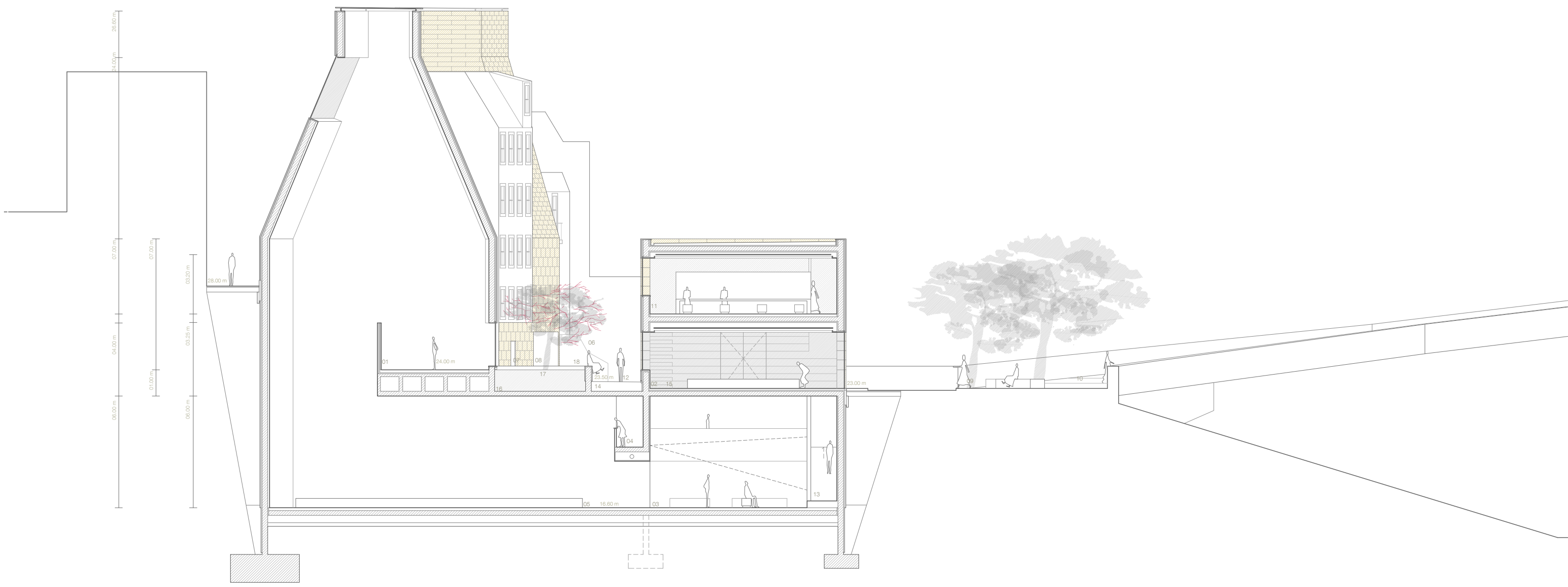
Parede . Gesso Cartonado . 08



ESPAÇO EXPOSITIVO . GALERIA
Sala Exposição Constância . 01
Sala Exposição Permanente . Sala da Maquete Geral . 02
Nave Principal . 03
Galeria . 04
Células de Exposição . 05
Programa
Rua Interior . 06
Instalações Sanitárias . 07
Cafetaria . 08
Miradouro sobre o Tejo . 09
Ponte . 10
Espaço de Trabalho . 11
Acessos
Acesso a partir do Centro Público da Vila . 12
Acesso à nave principal de Exposição . 13
Materialidade
Seixo Rolado com topos cortados . 14
Betonilha . 15
Arborização Proposta
Terra Vegetal . 16
Ameixeira Japonesa . Folha Caduca . 6 a 7.5 metros de altura . 17
Mobiliário Urbano
Banco . Contenção de Terra Vegetal . Mogno . 18
Corte . Relação Galeria Espaço Expositivo . ESCALA . 1 : 200

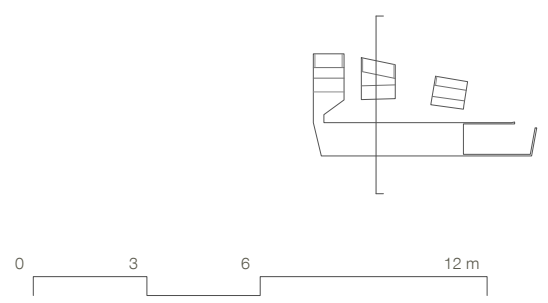
A galeria percorre todo o perímetro da nave a partir da qual se observa a exposição contida dentro de cada célula, sendo encerrada para o espaço central da nave. A partir deste percurso proporcionam-se dois momentos de observação distintos. Um ponto de observação elevado, a partir da galeria para as células de exposição e outro, a partir da nave, onde se entra em contacto directo com a peça, à mesma cota. A galeria encontra-se encerrada para a nave central no seu comprimento, no entanto quando a atravessa, já é completamente descoberta para a nave e para as salas adossadas à exposição.

O espaço que separa a nave central das salas secundárias está associado também à área técnica. A galeria expositiva e técnica permite um momento de separação entre a nave central e as células expositivas. O espaço técnico possui todos os sistemas de ventilação, condutas e ventiladores, dos vários espaços, bem como os projectores utilizados na nave central. Este espaço possui também os pontos de iluminação secundária, utilizados para a exposição, embutidos no plano horizontal, no espaço que faz a transição da nave para as células. A iluminação secundária ao encontrar-se na galeria técnica não interfere com a leitura do espaço.



24.00 m
 26.80 m
 07.00 m
 07.00 m
 04.00 m
 01.00 m
 06.00 m
 06.00 m
 03.25 m
 03.25 m
 28.00 m
 24.00 m
 01.00 m
 06.00 m

12.76 m 07.70 m 11.00 m 14.00 m



ESPAÇO EXPOSITIVO . NAVE CENTRAL

ESPAÇO EXPOSITIVO . NAVE CENTRAL

Nave Central . 01

Programa

Célula 1 . 02

Ponta da Erva . Miranda do Douro

Ilhas

Célula 2 . 03

Litoral

Guadiana Douro

Célula 3 . 04

Cidades

Serras

Célula 4 . 05

Norte Sul . Alentejo

Norte Sul . Algarve e Costa Alentejana

Área Técnica . 06

Elevador Monta Cargas . 07

Acessos

Rampa de Acesso à Galeria . 08

Escadas de Acesso Galeria . 09

Projeções

Parede de Projeções célula 1 . 10

Ponta da Erva . Miranda do Douro . Ilhas

Parede de Projeções célula 2 . 11

Litoral . Guadiana Douro

Parede de Projeções célula 3 . 12

Cidades . Serras

Parede de Projeções célula 4 . 13

Norte Sul . Alentejo

Norte Sul . Algarve e Costa Alentejana

Materialidade

Pavimento Betonilha . 14

Parede de Alvenaria . 15

Mobiliário

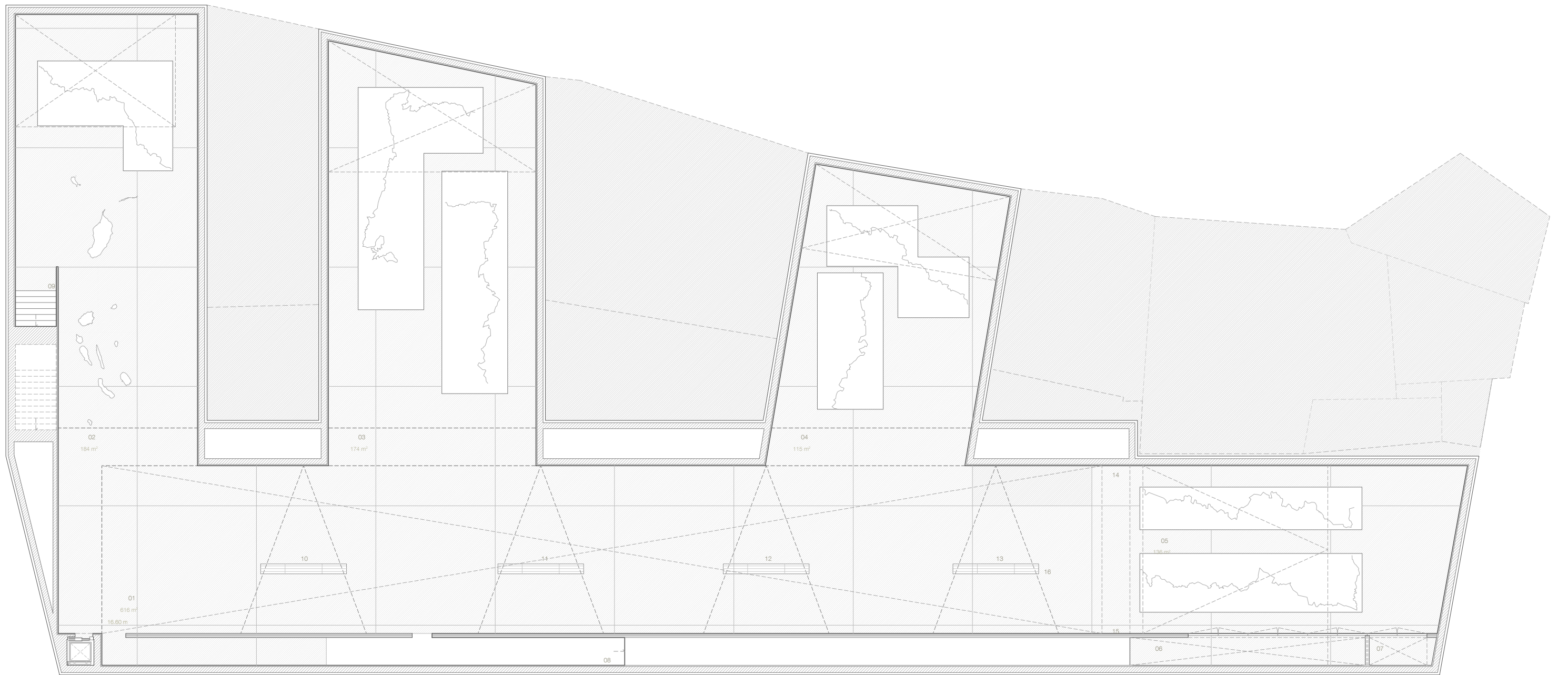
Banco . Mogno . 16

Espaço Expositivo . Nave Central . Cota 16.6 . ESCALA . 1 : 200

A nave central é o espaço mais importante da zona museológica, é um espaço amplo de duplo pé direito, que tem agregadas as naves de exposição. A fotografia, é o centro da exposição, estando concentrada na nave, que será um espaço livre, sem qualquer instalação apenas com um banco que permita a contemplação de fotografias. As imagens serão projectadas na parede que encerra a rampa de acesso ao piso da nave. Através de quatro projectores, serão exibidos os percursos, sempre postos em comparação dois a dois, por projector, formando a imagem geral comparando e relacionando os oito percursos expostos.

O objectivo é exibir as imagens sempre em comparação entre elas, transmitir a diversidade da paisagem, com a comparação de regiões, das diferentes ligações com o território e das diversas apropriações humanas do lugar. Não retractar só a paisagem mas permitir que o observador, através deste método de exibição, construa uma caracterização do país tanto em termos económicos, sociais e arquitectónicos. Permitir que através da fotografia o observador receba impulsos que dirijam numa determinada direcção a construção de um imaginário que estabelece com o lugar, proporcionar a criação de uma relação directa entre o observador e a exposição.

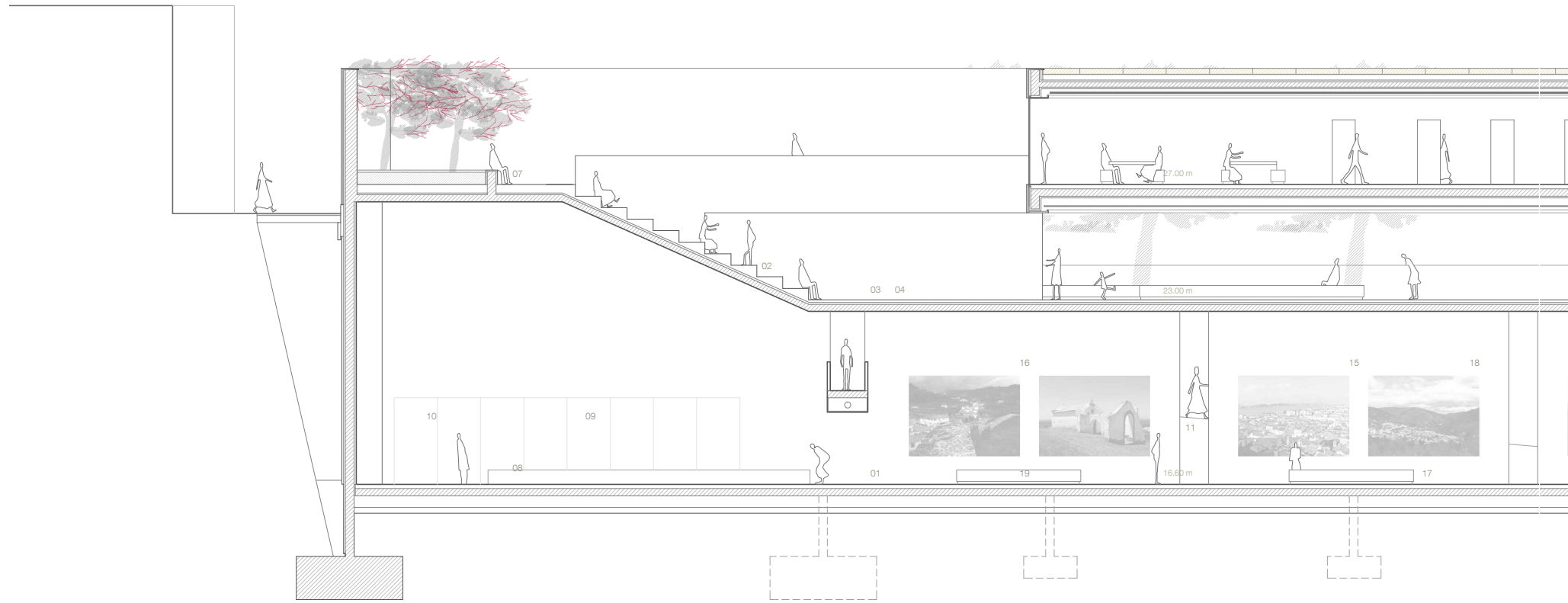
Complementando a nave existem quatro espaços de exposição associados, que funcionam como salas secundárias, cada uma das células exhibe dois dos percursos propostos, com suporte de desenho e escrito sobre os lugares. Mantendo o conceito de apresentação das fotografias comparar os percursos entre si para a construção do imaginário. A base onde os elementos estão pousados é igual à que faz o suporte da maquete que contém a totalidade dos percursos. O acesso às células expositivas é feito através da nave, passando por baixo da galeria de acesso, funcionando como antecâmara entre a nave principal e as células.

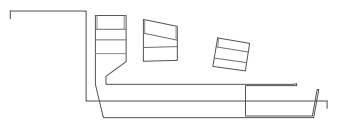
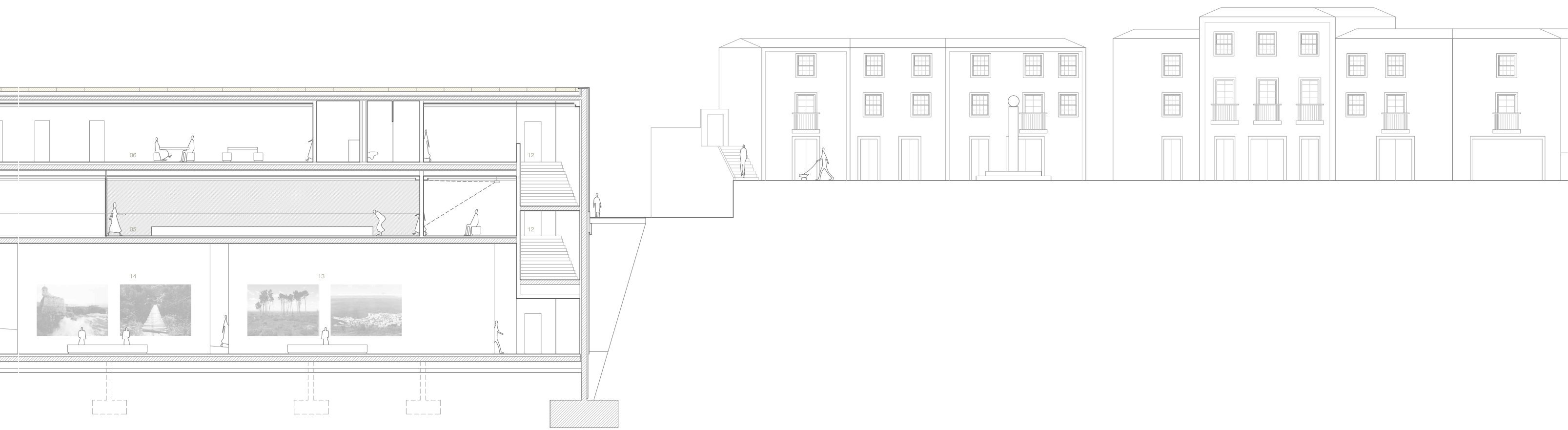


ESPAÇO EXPOSITIVO . NAVE CENTRAL

- Nave Central . 01
- Programa
 - Auditório . 02
 - Rua Interior . 03
 - Miradouro sobre o Tejo . 04
 - Sala Exposição Permanente . Sala Maquete Geral . 05
 - Espaço de Trabalho . 06
 - Jardim . 07
- Espaço Expositivo
 - Célula 4 . 08
 - Norte Sul . Alentejo
 - Norte Sul . Algarve e Costa Alentejana
 - Área Técnica . 09
 - Elevador Monta Cargas . 10
 - Acessos
 - Rampa de Acesso à Galeria . 11
 - Escadas de Acesso Sala de Exposições . Zona de Trabalho . 12
 - Projeções
 - Parede de Projeções célula 1 . 13
 - Ponta da Erva . Miranda do Douro . Ilhas
 - Parede de Projeções célula 2 . 14
 - Litoral . Guadiana Douro
 - Parede de Projeções célula 3 . 15
 - Cidades . Serras
 - Parede de Projeções célula 4 . 16
 - Norte Sul . Alentejo
 - Norte Sul . Algarve e Costa Alentejana
 - Materialidade
 - Pavimento Betonilha . 17
 - Parede de Alvenaria . 18
 - Mobiliário
 - Banco . Mogno . 19

Espaço Expositivo . Nave Central . ESCALA . 1 : 200





ESPAÇO EXPOSITIVO . ILUMINAÇÃO NATURAL

Ao utilizar os antigos edifícios para as naves de exposição, procura-se tirar o maior partido possível, inclusivamente utilizar a sua estrutura como fonte de luz natural, considera-los como lanternins, utilizando as fachadas orientadas a norte como fonte de iluminação, estas são livres de obstáculos do edificado envolvente, constituindo uma fachada envidraçada. Os lanternins completam o pé direito total dos edifícios, funcionando apenas como cascas destas torres, conferindo uma nova dimensão às salas de exposição, funcionam como torres de luz para as exposições e os programas públicos associados a cada torre, presentes no piso térreo, ligados à rua interior.

Em conjunto com as fachadas orientadas a norte, os lanternins são compostos por um elemento horizontal transparente, permitindo a iluminação zenital nos vários programas. A luz é captada através destes dois elementos e reflectida pelas várias materialidades que constituem o espaço. A parede oposta à fachada orientada a norte reflecte a luminosidade captada por todo o espaço, este material não tem um contacto directo com a luz transmitida pela clarabóia. Permitindo a criação de um ambiente iluminado de forma natural que não entra em conflito com as peças em exposição, criando consequentemente uma atmosfera propícia aos vários programas.

ESPAÇO EXPOSITIVO . GALERIA

Nave Principal . 01

Galeria . 02

Células de Exposição . 03

Lanternim

Iluminação Zenital . 04

Superfície Reflectora . 05

Programa

Cafetaria . 06

Rua Interior . 07

Miradouro sobre o Tejo . 08

Ponte . 09

Espaço de Trabalho . 10

Auditório . 11

Materialidade

Seixo Rolado com topos cortados . Pequena Dimensão . 12

Seixo Rolado com topos cortados . 13

Betonilha . 14

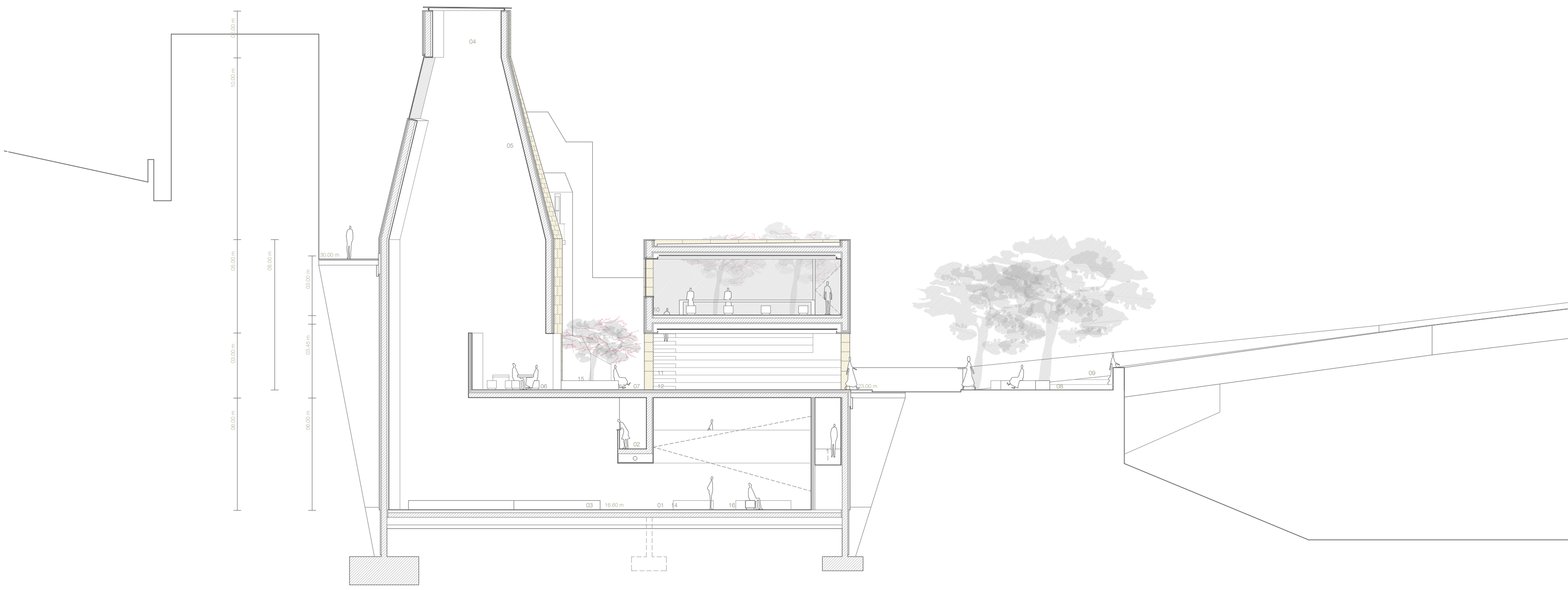
Arborização Proposta

Ameixeira Japonesa . Folha Caduca . 6 a 7.5 metros de altura . 15

Mobiliário Urbano

Banco de Madeira . Mogno . 16

Corte . Lanternim . Iluminação Natural . ESCALA . 1 : 200



02.00 m
10.00 m
05.00 m
05.00 m
02.00 m
06.00 m

06.00 m
03.00 m
05.45 m
06.00 m

30.00 m
03.00 m
05.45 m
06.00 m

09.38 m 04.80 m 11.00 m 14.00 m

04

05

06

15

07

11

12

02

01

14

16

23.00 m

08

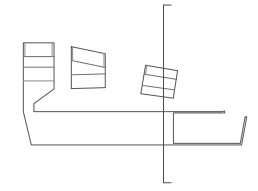
09

16.60 m

03

16.60 m

0 3 6 12 m



ESPAÇO de TRABALHO

O piso de trabalho faz a cobertura do espaço público entre a sala que contém a exposição permanente e o auditório. O auditório ao fazer a transição de cotas do espaço público para a rua que limita o edifício a Este possui uma galeria que liga a cota superior ao piso de trabalho, dando acesso a sala de leitura da biblioteca e arquivo fotográfico. Estes programas são complementados com um estúdio para revelação de fotografias, uma sala escura e uma zona de trabalho adjacente à sala. A sala escura e instalações sanitárias são os únicos programas fixos que limitam o espaço.

O espaço de trabalho é completamente encerrado sobre o exterior, todos os vãos são direccionados para a rua interior, recebendo luz de norte. A fachada a Este é constituída por um vão envidraçado que encerra este espaço e cria uma relação visual com o topo do auditório e o espaço público de carácter mais privado. Composto por um muro de contenção de terra vegetal que possui a altura de um banco, permitindo que este seja um espaço de permanência, com sombreamento natural no verão através da ameixeira japonesa, que sendo uma arborização de folha caduca permite no Inverno ter radiação directa.

ESPAÇO de TRABALHO

Atelier de Trabalho . 01

Instalações Sanitárias . 02

Estúdio de Fotografia . Sala escura . 03

Sala de Apoio . 04

Arquivo . 05

Área de Trabalho . 06

Programa

Rua Interior . 07

Cafeteria . 08

Auditório . 09

Sala Exposição Constância . 10

Célula Exposição Permanente . 11

Jardim . 12

Acessos

Rua a Norte . A partir da via automóvel . 13

Galeria de Acesso . 14

Acesso ao piso da Sala de Projecções . 15

Materialidade

Pavimento Betonilha . 16

Arborização Proposta

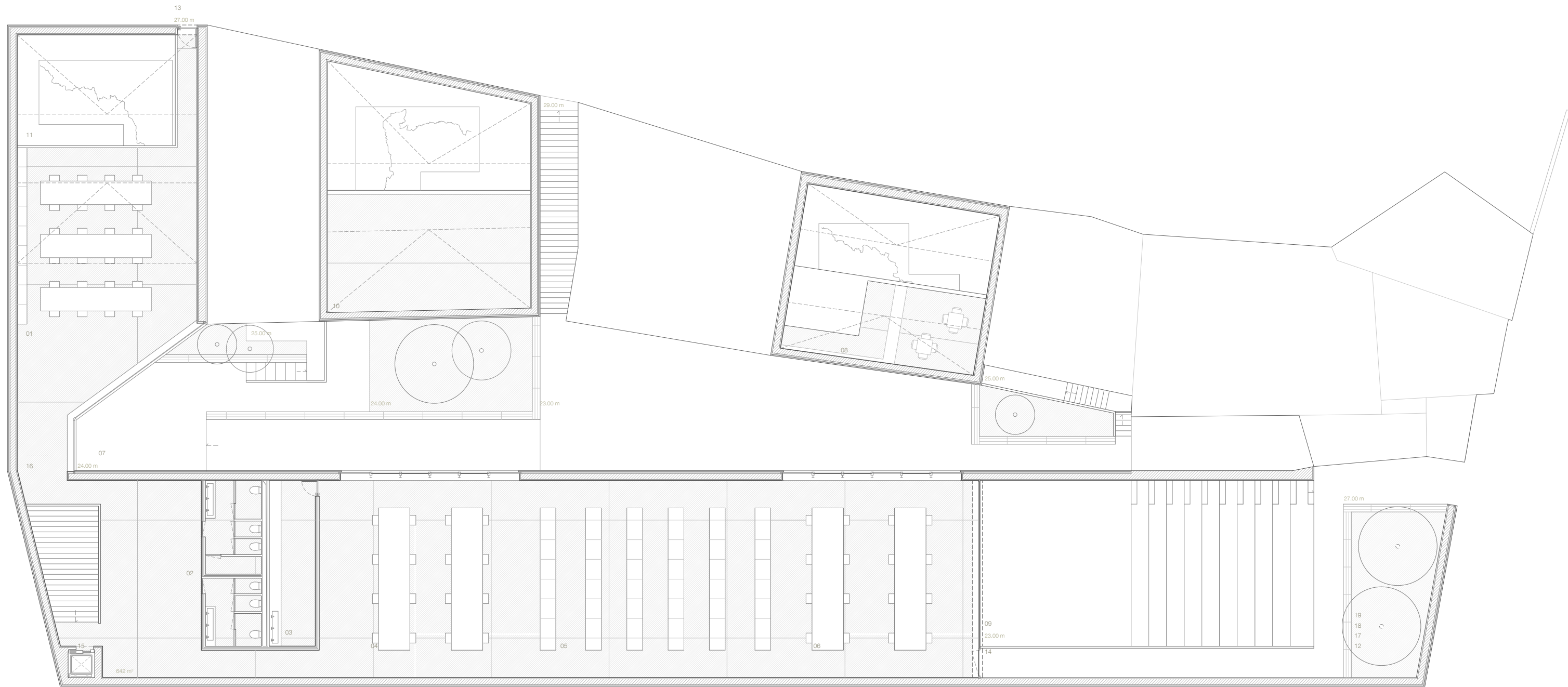
Terra Vegetal . 17

Ameixeira Japonesa . Folha Caduca . 6 a 7.5 metros de altura . 18

Mobiliário Urbano

Banco . Contenção de Terra Vegetal . Mogno . 19

Espaço de Trabalho . Cota 27 . ESCALA . 1 : 200



ESPAÇO de TRABALHO

Atelier de Trabalho . 01

Instalações Sanitárias . 02

Programa

Rua Interior . 03

Cafeteria . 04

Sala de Exposições Temporárias . 05

Célula Exposição Permanente . 06

Sala de Projecções . 07

Nave Central . 08

Galeria . 09

Acessos

Rua a Norte . A partir da via automóvel . 10

Materialidade

Seixo Rolado com topos cortados . 11

Betonilha . 12

Arborização Proposta

Terra Vegetal . 13

Ameixeira Japonesa . Folha Caduca . 6 a 7.5 metros de altura . 14

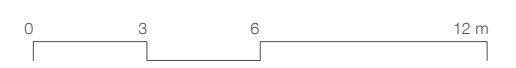
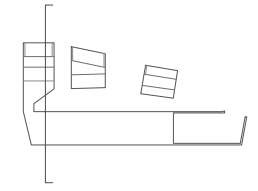
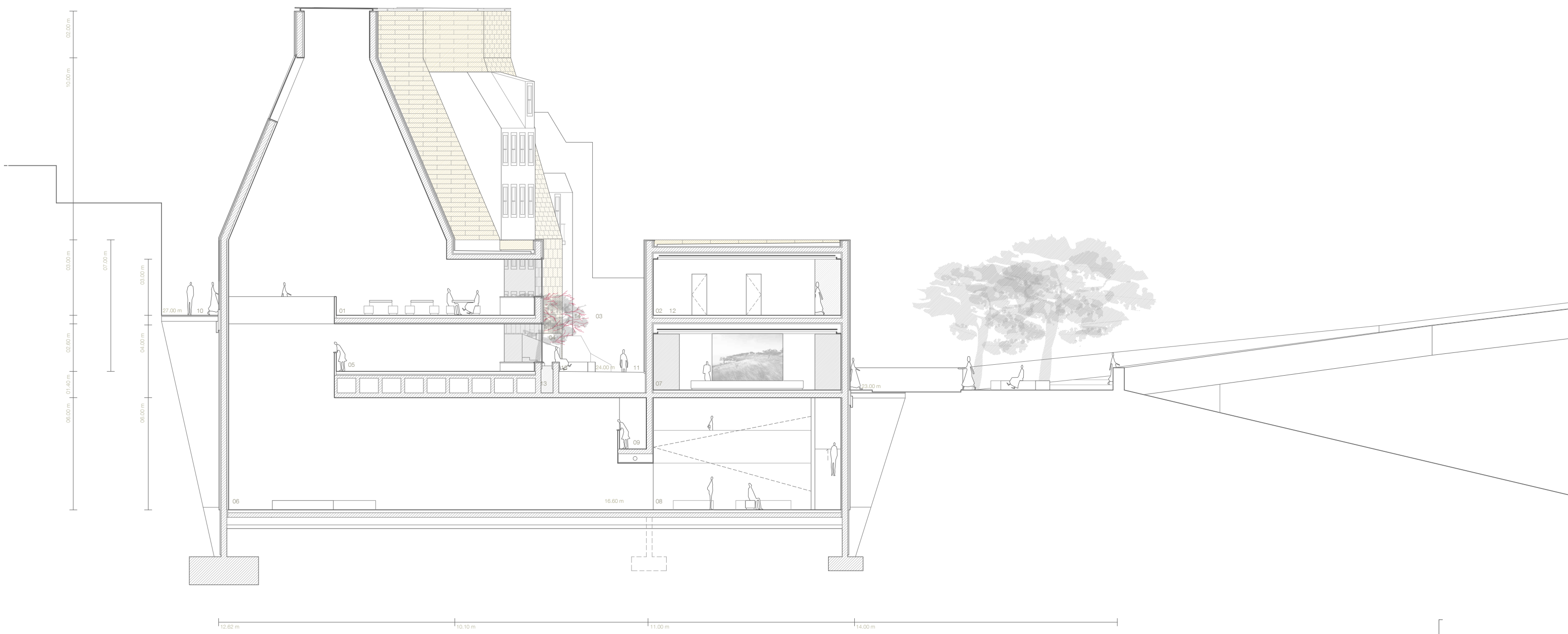
Mobiliário Urbano

Banco . Contenção de Terra Vegetal . Mogno . 15

Corte . Relação Espaço de Trabalho . Espaço Expositivo . ESCALA . 1 : 200

Os programas não têm um limite espacial físico, funcionando em open space, mantendo a ligação entre os vários espaços livre. A divisão entre os programas é feita através do mobiliário, podendo ser alterado consoante as necessidades que o edifício e programas forem exigindo. O piso de trabalho comunica directamente com os dois pisos da exposição permanente, através de uma ligação vertical mecânica e da escadaria que dá acesso à galeria de exposição e sala de projecções. Facilitando a comunicação entre os trabalhadores e os espaços expositivos.

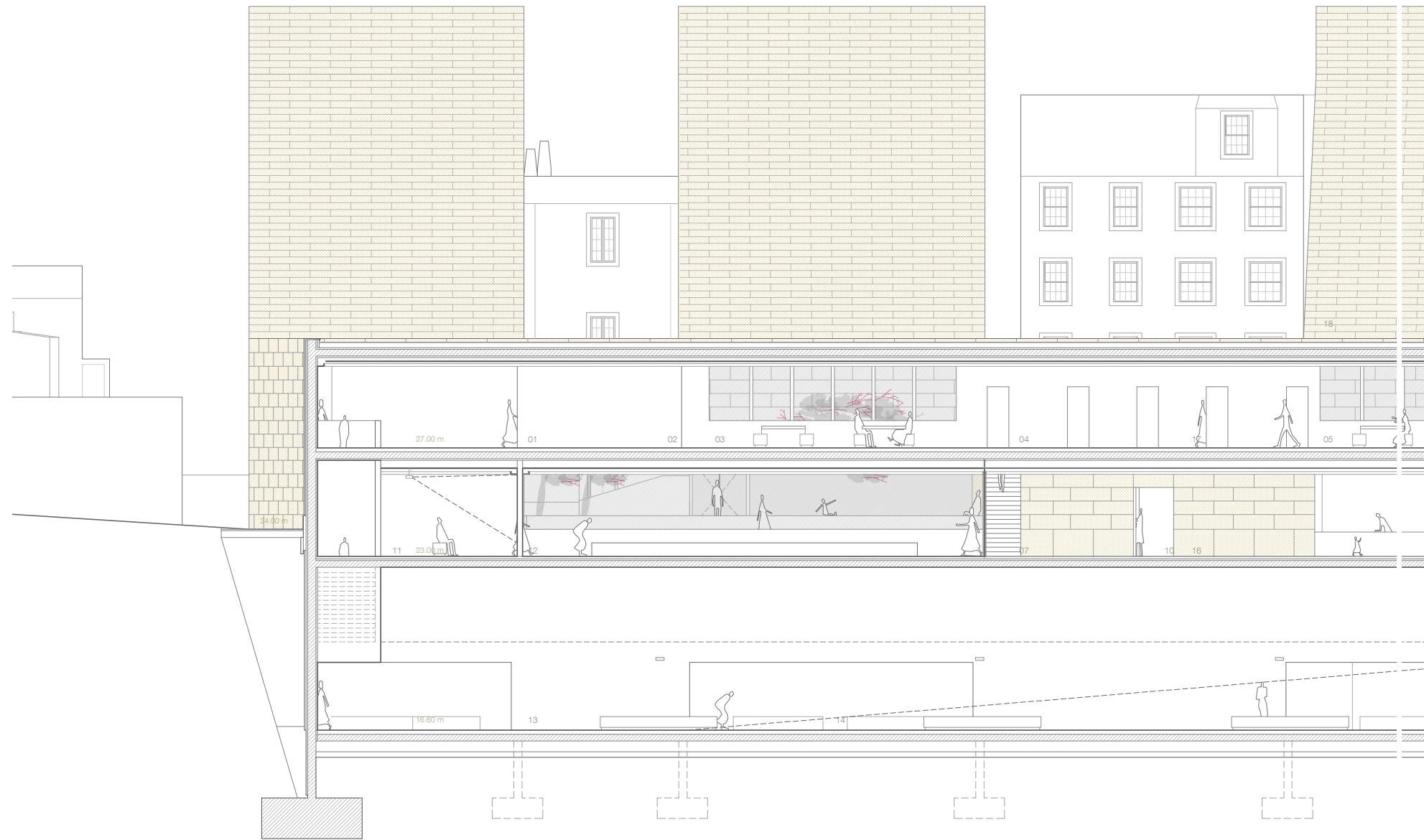
O espaço de trabalho é uma zona independente da área pública do centro de investigação, funcionando em paralelo com os restantes programas. O acesso é exterior e independente da rua interior, podendo ser feito através da rua que limita a norte o edifício. Atravessando um dos lanternins através de uma galeria onde se tem uma relação visual com as exposições temporárias e permanente. Este acesso encaminha para a zona de ateliers de trabalho, mais afastada dos restantes programas que ocupam o piso. Este espaço possui uma relação visual directa com a rua interior, sendo completamente encerrado para o exterior.

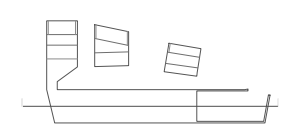


CENTRO DE INVESTIGAÇÃO

- Espaço Trabalho
- Instalações Sanitárias . 01
- Sala Escura . 02
- Sala de Apoio . 03
- Arquivo . 04
- Área de Trabalho . 05
- Jardim . 06
- Espaço Público
- Espaço Público Coberto . 07
- Auditório . 08
- Cafeteria . 09
- Instalações Sanitárias . 10
- Espaço Expositivo
- Sala de Projeções . 11
- Sala Exposição Permanente . Sala da Maquete Geral . 12
- Nave Central . 13
- Células Expositivas . 14
- Galeria . 15
- Materialidade
- Seixo Rolado com topos cortados . 16
- Betonilha . 17
- Fachada Pedra . 18
- Fachada de Betão . 19
- Arborização Proposta
- Terra Vegetal . 20
- Ameixeira Japonesa . Folha Caduca . 6 a 7.5 metros de altura . 21
- Mobiliário Urbano
- Banco . Contenção de Terra Vegetal . Mogno . 22

Espaço de Trabalho . Espaço Público . Espaço Expositivo . ESCALA . 1 : 200

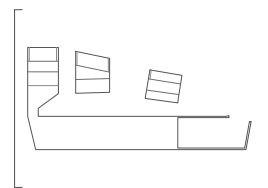
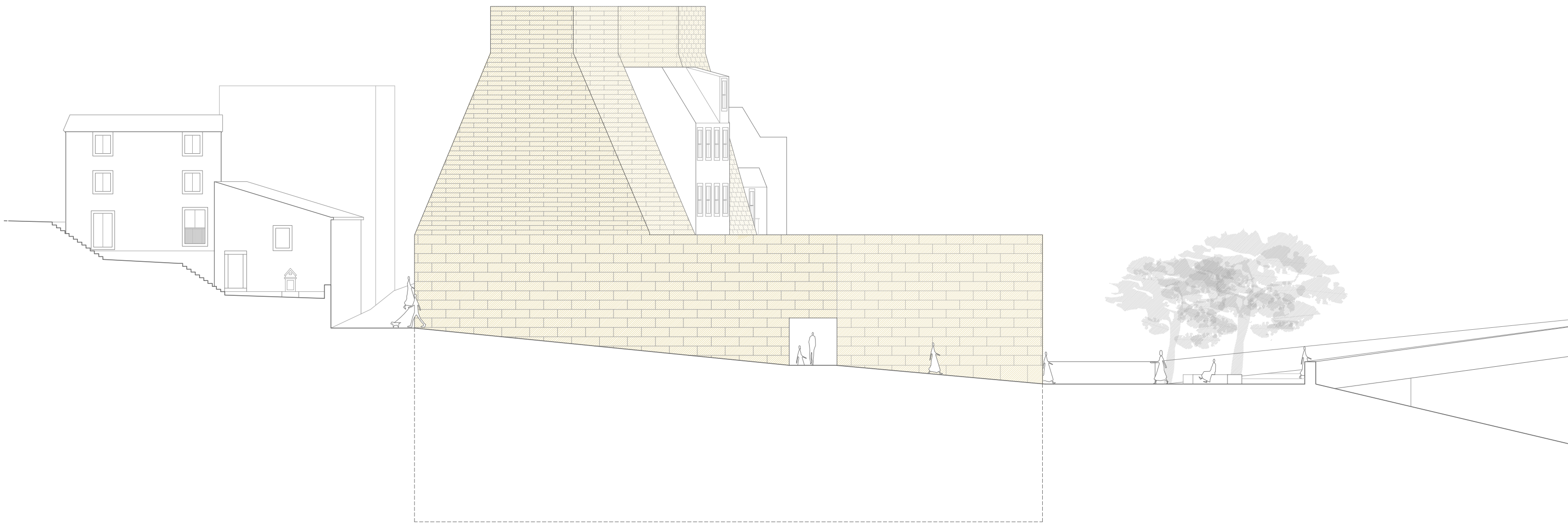




MATERIALIDADE

O centro de Investigação marca o ponto de transição entre a Vila e a zona ribeirinha, possuindo pontos de relação visual com os dois momentos apenas à cota do piso térreo. Sendo o restante edifício encerrado para o exterior e com aberturas apenas para o interior do quarteirão, com exceção dos lanternins. O edifício é revestido por uma fachada de pedra ventilada, a pedra utilizada é pedra de lioz, nos pontos em que entra em contacto com o piso térreo é uma pedra bujardada, marcando todo o perímetro do edifício, na restante fachada é uma pedra de lioz escacilhada.

Devido ao declive topográfico no quarteirão o desenho da fachada varia a dimensão das pedras nos pontos de contacto destas com o terreno. Marcando uma linha perimetral que permite a definição de uma cota, a partir da qual a pedra tem toda a mesma dimensão, até completar a altimetria do volume que marca a fachada ribeirinha, após atingir a altimetria demarcada pelo piso de trabalho a estereotomia da pedra é reduzida até atingir a clarabóia que remata os lanternins. O momento de transição entre os planos horizontais e verticais é demarcado por uma pedra única que trabalha os dois planos.



0 3 6 12 m

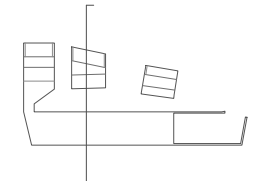
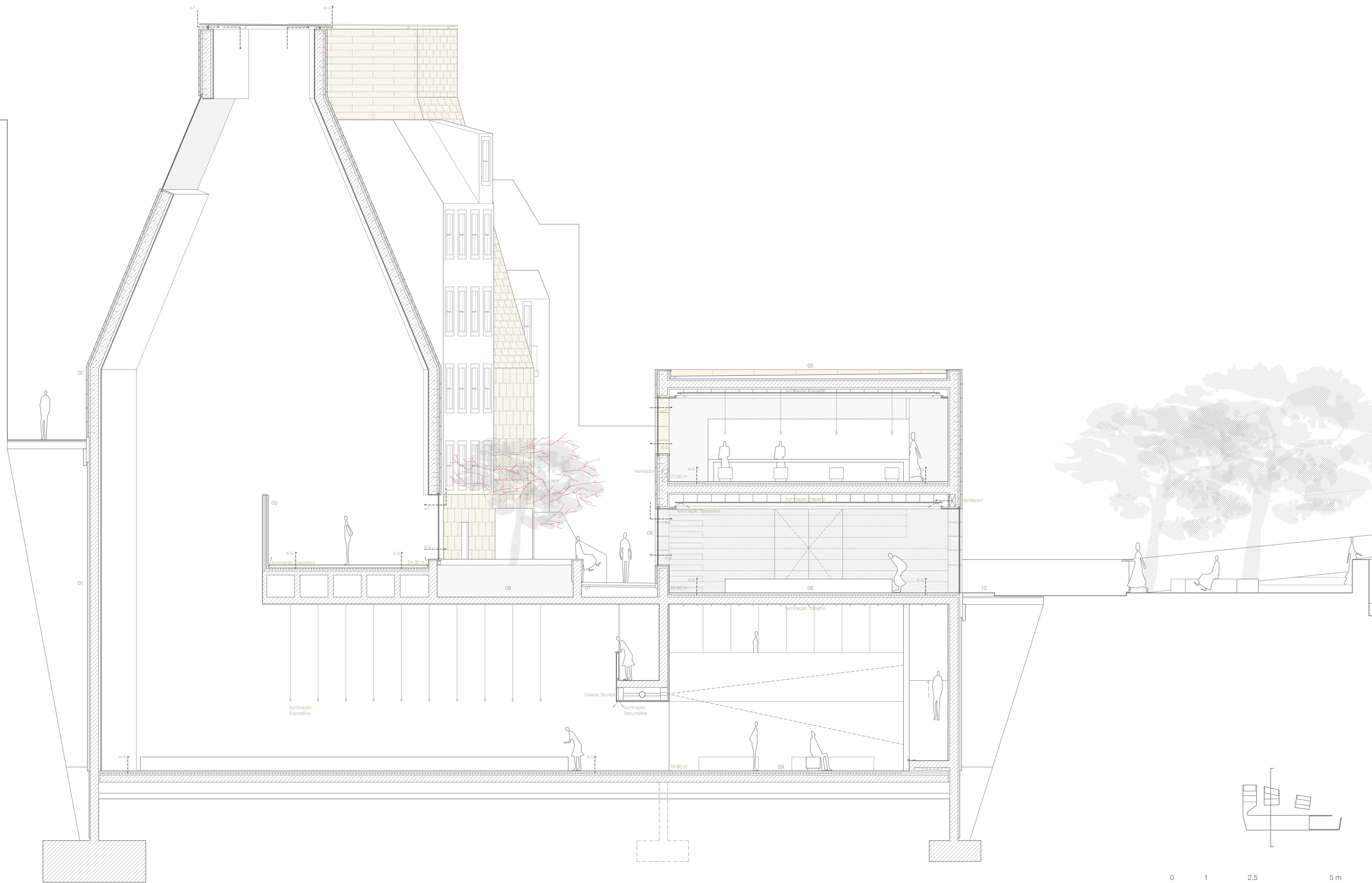
SISTEMA CONSTRUTIVO
Parede . Fundação . 01
Isolamento Perimetral
Tela Betuminosa Impermeabilizante
Betão Armado 0.30 m
Isolamento 0.06 m
Reboco
Parede . Exterior . 02
Pedra de Lioz 0.05 m
Caixa-de-ar
Isolamento 0.06 m
Betão Armado 0.30 m
Reboco
Parede . Interior . 03
Reboco
Avenaria de Tijolo
Caixa-de-ar
Vão . 04
Caixilharia de Madeira
Vidro Duplo . Janela de Correr
Cobertura . 05
Gravilha
Tela Betuminosa
Geotextil
Camada de Forma com 1.5% de inclinação
Isolamento 0.06 m
Laje de Betão Armado 0.25 m
Isolamento 0.06 m
Tecto Falso . Ripado de Madeira com luminárias
Pavimento . Interior . 06
Betonilha
Piso Radiante Eléctrico
Isolamento 0.06 m
Laje de Betão Armado 0.25m
Pavimento . Rua Interior . 07
Seixo Rolado . Betonilha
Isolamento 0.06 m
Geotextil
Camada de Forma com 1.5% de inclinação
Laje de Betão Armado 0.25 m
Sistema Construtivo . ESCALA . 1 : 120

SISTEMA CONSTRUTIVO
Vasos Vegetais . 08
Terra Vegetal 0.50 m
Membrana Drenante
Impermeabilização
Geotextil
Laje de Betão Armado 0.25 m
Murete de Betão . Revestimento de Madeira Tratada . Pinho
Laje de Fundação . 09
Betonilha
Piso Radiante
Isolamento
Laje de Betão 0.25 m
Caixa de Brita com Drenos e tubos de esgotos
Terreno Compactado
Terreno
Pavimento . Exterior . 10
Seixo Rolado . Betonilha
Base Betuminosa
Gravilha
Geotextil
Terreno Compactado
Terreno

No interior o material que caracteriza o pavimento dos espaços fechados é comum nos três pisos do edifício, é constituído por um piso radiante, permitindo um maior conforto térmico, revestido com uma camada de betonilha. O conforto térmico de cada espaço é condicionado pelo piso radiante em conjunto com os sistemas de ventilação, tanto naturais como artificiais. A área técnica, presente no piso expositivo, permite a distribuição dos vários sistemas pelos três pisos dos diferentes programas. As superfícies verticais que constituem os espaços são pintadas e rebocadas de branco, as paredes dos lanternins opostas a fachada Norte, são revestidas com uma tinta que permite a reflexão da luz no interior da torre.

Os espaços expositivos possuem dois tipos de iluminação, a iluminação criada para as exposições e a iluminação de trabalho. Na sala expositiva em contacto com o piso térreo a iluminação artificial expositiva encontra-se embutida num objecto de madeira que faz o remate entre a fachada e os vãos, direccionando a iluminação para o tecto. A cobertura deste espaço é composta por um tecto falso de ripas de madeira, agrupadas em conjuntos de cinquenta centímetros. No espaçamento entre as ripas de madeira encontra-se a iluminação de trabalho feita através de tubos de luz led. Este sistema de tecto falso e iluminação é utilizado também no piso de trabalho.

A iluminação artificial de trabalho na nave central é deixada à vista através de tubos de luz led presentes na cobertura do espaço. A iluminação de exposição encontra-se nas células, através de luminárias de baixa voltagem deixadas à vista, na galeria técnica e expositiva, são embutidas nos remates entre os planos verticais e horizontais. A nave central não possui iluminação expositiva, sendo conseguida através da iluminação proveniente das células, no entanto possui as condições para a poder acomodar, conforme as necessidades que os programas vão exigindo. A iluminação dos programas associados aos lanternins é feita através de luminárias embutidas no pavimento.



CONCLUSÃO

As propostas trabalham sobre Constância e o território nacional, procurando proporcionar uma leitura do espaço enquanto uma unidade e não apenas como partes separadas da mesma paisagem. Criando um novo olhar sobre o lugar, sobre as suas transformações e camadas que o formam. Estruturas que proporcionam a criação de um imaginário sobre o que é observado, através de diferentes pontos de vista, formando novos códigos de convivência.

O Centro de Investigação expande o campo de relações ao território nacional, focando-se na sua percepção através da imagem. Transforma-se na porta, onde duas realidades distintas convergem, a vila e o rio. Ao percorrer as várias propostas o observador está simultaneamente a viver o espaço e a criar um significado pessoal sobre a sua definição do lugar.



BIBLIOGRAFIA

FOTOGRAFIA COMO CONSTRUÇÃO DO LUGAR

BECHER, Bernd [et al.]. Field Trips. Porto: Fundação de Serralves, cop. 2002. ISBN 972-739-099-4

CERA, Nuno. Territórios de transição: Espaço, Lugar e paisagem. [ed. lit.] Luís Serpa; texto João Pinharanda. Mourão: Museu da Luz, o Museu Temporário, 2010.

CORREIA, André. Cultura da desintegração: representações do Litoral Norte de Viana do Castelo. Minho : Universidade do Minho - Escola de Arquitectura, 2013. 139f.

Tese de Mestrado Arquitectura: Cidade e Território

FARIAS, Agnaldo. Catálogo da exposição Cristiano Mascaro: Todos os Olhares. Instituto Tomie Ohtake, Fevereiro, 2008.

GHIRRI, Luigi. Luigi Ghirri: Kodachrome [Em linha]. 1978. [Consult. 9 Julho 2014] Disponível em <http://aperture.org/blog/luigi-ghirri-kodachrome/>

GHIRRI, Luigi. Paesaggi di cartone in Niente di Antico Sotto il sole. Scritti e imagini per un'autobiografia. ed. Paolo Constantini and Giovanni Chiaromonte. Turin. 1997.

GHIRRI Luigi "Paesaggio e rivelazione,intervista di Carlo Dignola. L'Avvenire, 08.05.1990 citado no catálogo da exposição Pensar por Imagens de Luigi Ghirri no IMS - Instituto Moreira Salles SP 2013

GHIRRI, Luigi. Pensare per Immagini [Em linha]. 24 de Maio, 2013. [Consult. 1 Julho 2014] Disponível em <http://theheritagestudio.com/2013/05/24/luigi-ghirris-thinking-images-capri/>

KOSOY, 1989. Citado por Matsuka, Hideki. A Cidade Fotográfica: Estudo da percepção expressão do espaço urbano através do olhar fotográfico. São Paulo: Universidade São Judas Tadeu, 2008. 113f. Dissertação apresentada ao programa de pós-graduação em Arquitectura e Urbanismo para a obtenção do Grau de Mestre.

LANGE, Susane. Bernd and Hilla Becher : life and work; Trad. Jeremy Gaines. Cambridge, Mass.; London: MIT Press, cop. 2007. ISBN 0-262-12286-3

LIESBROCK, Heinz. Stephen Shore : photographs, 1973-1993. texts by Hilla and Bernd Becher... [et al.]. Munich : Schirmer Art Books, cop. 1995. ISBN 3-88814-647-X.

MAMMI, Lorenzo. Em texto no catálogo da exposição Pensar por Imagens de Luigi Ghirri no IMS - Instituto Moreira Salles SP 2013

PELIZZARI, Maria Antonella. Between two worlds [Em linha]. Abril 2013. [Consult. 1 Julho 2014] Disponível em <http://blog.lib.umn.edu/fullert/fullerton/Luigi%20Ghirri.pdf>

PORTUGAL. Centro Cultural de Belém; co-autor VALTORTA, Roberta. Gabriele Basilico : a experiência dos lugares : fotografias 1978-1993. Tavagnacco : Art &, 1997. ISBN 88-86550-04-9

RUBIÓ, Ignasi de Solà-Morales. Terrain Vague . Anyplace, Cambridge, MA: MIT Press, 1995.

SHORE, Stephen. The Nature of Photographs. Baltimore ; London : The Johns Hopkins University Press ; Harrisonburg, Virginia : Center for American Places, cop. 1998. ISBN 0-8018-5720-1

SHORE, Stephen; SCHMIDT-WULFFEN, Stephan. Stephen Shore : uncommon places : the complete works . conversa com Lynee Tillman ; editor Andrew Hiller ; designer Andrew Sloat. London : Thames and Hudson, cop. 2004. ISBN 0-500-54287-2.

SPUNTA, Marina. Pensar com Imagens [Em linha] 13 de Novembro, 2013. [Consult. 17 Setembro 2014] Disponível em <http://www.revistazum.com.br/revista-zum-3/tudo-de-novo-sob-o-sol/>

STIMSON, Blake. The Photographic Comportment of Bernd and Hilla Becher. Tate's Online Research Journal. ISSN 1753-9854. Tate papers Issue 1 (1 Abril 2004), p. 1-18. [Consult. 10 Agosto 2014] Disponível em <http://www.tate.org.uk/download/file/fid/7229>

STIMSON, Blake. The Photographic Comportment of Bernd and Hilla Becher. Tate's Online Research Journal. ISSN 1753-9854. Tate papers Issue 1 (1 Abril 2004), p. 1-18. [Consult. 10 Agosto 2014] Disponível em <http://www.tate.org.uk/download/file/fid/7229>

HORIZONTE PORTUGAL

MATTOSO, José; DAVEAU, Suzanne; BELO, Duarte. Portugal : o sabor da terra : um retrato histórico e geográfico por regiões. Temas e Debates: Círculo de Leitores, 2010. ISBN 978-989-644-099-2

Portal Regional Médio Tejo. Lisboa: Arquivo Fotográfico Municipal. 1995

VALE DO TEJO

BELO, Duarte. Tejo. Lisboa: Arquivo Fotográfico Municipal. 1995

Portal Regional Médio Tejo. www.mediotejodigital.pt

ARTICULAÇÃO DA PAISAGEM

BONESIO, Luisa. Entre Estética e Ética: O Futuro da Paisagem. In SERRÃO, Adriana Veríssimo. Filosofia da paisagem: uma antologia. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade, 2011. ISBN 978-972-8531-96-6

Câmara Municipal de Constância. www.cm-constancia.pt [Consult. 7 Novembro 2013]

CONSTÂNCIA. Câmara Municipal de Constância. Plano Estratégico de Constância 2020 - Relatório Final do Plano. [Em linha] Junho 2009. [Consult. 20 Janeiro 2014]

DIAS, João José Alves. Paio de Pele: A vila e a região do século XII ao XVI. Tomar: Câmara Municipal de Vila Nova da Barquinha, 1989. 117p.

EVAN, Walkers. Lamerick Interview 1973 citado por HILL, John and MORA, Gilles; Walker Evans: The Hungry Eye, Thames & Hudson, Londres, 2004

FERREIRA, António Fonseca; CARMO, Fernanda. Plano Regional de Ordenamento do Território do Oeste e Vale do Tejo. Lisboa: Comissão de coordenação e Desenvolvimento Regional de Lisboa e Vale do Tejo. 2009. 260 f. ISBN 978-972-8872-21-2.

Industria da Caima. www.altri.pt. [Consult. 8 Novembro 2013]

NABAIS, António. Barcos do Tejo. [Em linha]. Associação de Estudos do Alto Tejo. [Consult. 15 Novembro 2013] Disponível em www.altotejo.org

NETO, José Luís. Arqueologia em Constância: uma experiência museológica. Série IV. 17. 1999. p. 201-206

OLIVEIRA, Veríssimo José de. Descrição da Villa de Punhete actualmente designada Constância, 1930. por V. J. d'O., transcrição, prefácio e notas complementares por José Eugénio de Campos Godinho. - Torres Novas : Imp. Tip. Industrial, 1947. - 52 p. ; 22 cm. - Ed. Autografada BB 26414

RAMOS, Laudemira. Polis Tejo: Um rio vivo, um lugar vívido. [Em linha] Administração da Região Hidrográfica do Tejo I.P. Constância, 6 de Maio de 2011. [Consult. 6 Novembro 2013] Disponível em http://www.apambiente.pt/_zdata/Divulgacao/Projectos/exARH_Tejo/Sesoes_Debate/Tejo_a_Pe/1_Laudemira_Ramos.pdf

SIMMEL, Georg. "Philosophie der Landschaft", ensaio publicado em filosofia da Paisagem : uma antologia / coord. Adriana Veríssimo Serrão ; rev. Victor Gonçalves ; design Filipa Afonso. Lisboa : Centro de Filosofia da Universidade, 2011 . ISBN 978-972-8531-96-6.

SIMMEL, Georg. The Bridge and the Door In Qualitative Sociology, Vol,17, 4 de Novembro, 1994.

SIMMEL, Georg. Two Essays: The Handle and The Ruin. Hudson Review. 1958

SMITHSON, Robert. A Sedimentation of the mind: earth projects. [Em linha]. [Consult. 10 Setembro 2014] Disponível em <http://gsareadingsociety.files.wordpress.com/2011/05/asedimentationofthemind.pdf>

SIPA. www.monumentos.pt